



Congresso da CGTP

Aprovado o direito de tendência

O IV Congresso da CGTP-In, que desde ontem decorre no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, vai hoje aprovar o Programa de Acção da central sindical para o triénio de 1983/85 e eleger o Conselho Nacional, constituído por

maior número de membros em relação ao Secretariado Nacional, que irá substituir. Os estatutos, ontem votados, consagram o direito de tendência no exercício da liberdade sindical, consignado na Constituição. Esse direito, se-

gundo Carvalho da Silva, é entendido «como direito de fracção, do direito de livre expressão e discussão de todos os pontos de vista existentes no seio dos trabalhadores». Amanhã, os delegados vão discutir e votar o caderno rei-

vindicativo imediato, documento este baseado na discussão travada em todo o País na fase preparatória, sendo o Congresso encerrado ao fim da tarde. O Programa de Acção da CGTP, que tem es-

tado hoje em debate, define as posições da central quanto às linhas de política económica, defesa das condições de vida e de trabalho da população.

Pág. 15

Manuel Alegre poeta:

É preciso libertar o verbo ser

Foi extraordinariamente quente, quase escaldante a poesia servida, ontem à noite, no «Manjar Poético». Deve ser como a sopa: quente é que ela é boa..., disse Manuel Alegre, o poeta convidado. Da ementa escolheu «Bacalhau Liberdade», um prato provavelmente indigesto. E dos vinhos, preferiu um Colares de 74, o que denota ser um conhecedor da matéria. Antes da refeição perguntámos-lhe: ainda se sente poeta? Ele não gostou do ainda. Explico-lhe, então, que o ainda tinha somente a ver com o facto de estar na política, sendo mesmo uma figura destacada nela, essa política de cadeira (baça e sonolenta) onde as palavras já nada querem dizer.

...Você já não me vê em cargos... A política a que se referiu, e que é realmente a que se vive aqui aborrece-me cada vez mais. A política sem risco nem aventura é mutiladora, afirma Manuel Alegre com a sua voz cálida e envolvente, lembrando-me o tempo em que clandestinamente o ouvia na Rádio Portugal Livre. O poeta escreveu: ...Há sempre alguém que semeia canções no vento que



passa, mensagem, aviso de resistência que Adriano Correia de Oliveira espalhou por aqui e em surdina, cantámos durante longos anos.

E depois Manuel Alegre? Continua o espectáculo. Luís Machado leu alguns poemas da «Praça da Canção» e do «Canto e as Armas», aquilo a que o autor chama agora poesia mais de circunstância. Nanbuangongo, Meu Amor, Metralhadoras cantam... foi a guerra colonial, uma geração mutilada, sofrida, traumatizada. Em que, citando Mário Sacramento, o diz-se coincide com o fez-se. O poeta viveu, sentiu, viu, testemunhou. E acha que fez a crónica de uma situação histórica e que era uma situação de ruptura. Romper dói, incomoda — é uma parte de nós que se perde sem nunca mais se recuperar. Se a palavra é carne... esse tempo histórico à beira-morte, à beira-risco.

Vamos na sobremesa. Volta atrás. Manuel Alegre conta, voz bem colocada (fazia sucesso nos plenários académicos e no teatro universitário), uma história de Maio de 68, em Paris, no exílio. As barricadas, a imaginação ao poder, o changer la vie, de Rimbaud à solta nas ruas. As bocas e os beijos — o assumir do corpo que era o amor inteiro. Eis o que relatou: um homem, com aspecto de burguês, bem vestido, no meio das barricadas e totalmente fora delas para a olhar extasiado. A polícia manda-o embora. Ele re-

Continua na pág. 24

Distrito por distrito...

Radiografia de um País

O «DL» inicia hoje a publicação de uma série de reportagens visando um levantamento pre-eleitoral dos vários distritos do País, e dar a conhecer aos nossos leitores o que tem sido, e o que vai ser, a actividade das principais forças políticas em cada uma dessas zonas.

Até ao começo da campanha eleitoral publicaremos diariamente a reportagem de um distrito. Para realizar esse trabalho, o nosso redactor Augusto Vilela tem percorrido todo o País, em contactos com responsáveis políticos, organizações ou simples cidadãos, tentando obter a síntese de uma conjuntura política que, tendo como denominador comum uma profunda crise económica, apresenta todavia as mais variadas «nuances» de distrito para distrito e torna muito difícil às diversas forças políticas a elaboração de um discurso unificado, que suscite a receptividade dos eleitores nas várias regiões, tão diversificadas são as condições sociais, políticas e económicas de cada uma delas. Pág. 5

Entrevista com Mário Soares:

Eleitorado tem todas as razões para votar útil no PS

«O PS apresenta-se como um mediador» — entre os parceiros sociais, entre as forças partidárias — para promover «um «contrato social para o progresso». Esta é a principal ideia — força da linha definida pelo PS para as próximas eleições, de que Mário Soares fala em entrevista que hoje publicamos.

O líder socialista sublinha que só uma significativa votação no PS permitirá a negociação do consenso e um governo «dinâmico responsável e nacional». Ou seja, para sair da crise é preciso votar PS.



comunicação social

"Mexidas" no Lumiar já na 2.ª-feira "Telejornal": nova "cara" e mais rostos

Uma hora para "retratar" o País

O "Telejornal" terá novo rosto (e mais caras), já na próxima semana, provavelmente a partir de segunda-feira. Para além dessa novidade, uma outra: o seu espaço de transmissão duplicará, passando da meia hora a que os portugueses foram acostumados ao longo dos anos, para cerca de uma hora.

O novo rosto do "Telejornal", a informação televisiva que nos entra em casa, conforme os «donos» da RTP, terá, também, mais caras: é que a sua própria forma de apresentação mudará. Assim, em vez de duas ou três caras, aparecerão, além daquelas, as de comentaristas especializados nos assuntos (por sectores) a serem tratados em cada edição do "Telejornal", supervisionados por um «pivot» que parece já ter «formato próprio»: Eduardo Moniz.

O "Telejornal" irá para o ar a partir das 19H30 e incluirá, como principal bloco informativo, duas partes distintas, a primeira das quais dedicada a questões regionais, com uma duração aproximada de meia hora. Essa parte substituirá, pois, o actual «País, País». A segunda metade da edição, cobrindo motivos nacionais e internacionais, desportivos e de outra índole, terá intervenções directas dos estúdios do Porto, Madeira e Açores, para além de reportagens e entrevistas a partir de um ponto móvel a assentar, com rotatividade mensal numa cidade da província. Nesta parte intervirão os comentadores especializados.

Entretanto os responsáveis do «Bom Dia, Portugal» exporão na segunda-feira o que o futuro reserva para esse programa matinal, num almoço com os jornalistas no «Pátio Alfacinha».

Venezuela: mandatos de captura contra jornalistas

Foram emitidos quatro mandatos de captura na passada quarta-feira, na Venezuela, contra quatro jornalistas, por ultraje, quer aos heróis da pátria, quer ao chefe de Estado e à magistratura.

O Governo ordenou a detenção, durante quinze dias, de Jorge Olivaria, director do semanário liberal «Resumen», e candidato da Causa Radical às próximas eleições presidenciais, acusando-o de ter ofendido o herói nacional Simon Bolívar.

Para ilustrar a recente desvalorização da divisa venezuelana e o controlo dos câmbios, o semanário tinha publicado na primeira página uma nota de 100 bolívares, cuja efígie do herói nacional tinha a frente e os olhos tumefactos.

Considerando que a medida governamental se baseia numa lei obsoleta e inconstitucional, Jorge Olivaria recusou apresentar-se para cumprir a pena, declarando que queria ser detido pela Polícia.

As autoridades governamentais passaram também um mandato de captura contra dois jornalistas, Rafael Poleo e Amable Ro-

sales, directores, respectivamente, dos semanários «Zeta» e «Auténtico», por terem ultrajado o chefe do Estado, Luis Herrera Campins, nas suas publicações, segundo o juízo oficial.

O primeiro, que foi detido, iniciou um processo de «habeas corpus», encontrando-se o segundo actualmente no estrangeiro.

Por último, a juíza Ingrid Sifontes de Nieves, pronunciou uma ordem de detenção de oitodias, por ultraje à magistratura, contra Rodolfo Schmidt, autor de um artigo publicado num diário de Caracas, criticando a decisão tomada pela magistratura de colocar em liberdade 13 presumíveis membros de uma rede de moedeiros falsos.

A oposição política, designadamente o ex-presidente da República Carlos Andrés Pérez (1974/1979), qualificou essas ordens de detenção de «arbitrárias». Por seu turno, o diário em questão considera que se trata de «um novo golpe contra a liberdade de expressão», visando todos aqueles que praticam um jornalismo independente.

Televisão espanhola: novos programas ainda não aprovados

O Conselho de Administração da Rádio e Televisão Espanhola recusou-se, pela segunda vez, a aprovar os novos programas e o orçamento geral da RTVE apresentados pelo director-geral, José Maria Calvino.

Sobre a nova programação da Televisão, que ainda não entrou em vigor apesar da nova direcção socialista ter tomado posse na segunda metade de Dezembro, os conselheiros de administração pediram novos dados.

O Conselho de Administração da RTVE é formado por elementos dos partidos com representação parlamentar ainda de modo proporcional e segundo a constituição do anterior Parlamento.

Os partidos, em suma, não chegaram a acordo para nomear

um novo Conselho, segundo a constituição das Cortes, depois das eleições de Outubro. Socialistas e comunistas têm tido a maioria e entenderem que se deve negociar primeiro o capítulo salarial.

As retribuições salariais representam o capítulo mais importante (62 por cento, quase 32 mil milhões de pesetas), mas de acordo com os conselheiros centristas e comunistas, o aumento das retribuições básicas dos trabalhadores aproxima-se de zero.

A Televisão, mais do que a Rádio, é de novo centro de tensões, depois dos problemas havidos nos últimos meses com nomeações e dificuldades para nomear os responsáveis pelos telejornais que só entraram em função há cerca de três semanas.

No Seixal

Colóquio sobre a paz

Esta noite, pelas 21 horas, no salão da Sociedade Filarmónica Timbre Seixalense, Seixal e numa iniciativa da Junta de Freguesia

local, a jornalista Alice Nicolau participa num colóquio sobre a paz e o desarmamento. Entrada livre.

Despedido do "Jornal de Notícias" em Dezembro

Alípio Ferreira vai entrar em greve de fome

«Esgotadas que foram todas as diligências possíveis para levar a direcção/administração do «Jornal de Notícias» a reconsiderar a sua decisão de despedir o signatário, a este mais não resta do que deitar mão da última forma de luta ao seu alcance — greve de fome no sentido de conseguir a sua reintegração, acção que iniciará no próximo dia 17 de Março, às 14 horas, em frente às instalações daquele diário portuense.» É com estas palavras que Alípio Ferreira anuncia a sua inabalável decisão, num documento distribuído à imprensa.

«A pertinência da direcção/administração do «JN» em sustentar a sua tese de «justa causa de despedimento», acrescenta Ali-

pio Ferreira, «num processo disciplinar que é uma autêntica montagem de iniciado em questões processuais, merece da minha parte a maior determinação na denúncia dos seus autores e das suas verdadeiras motivações». Por isso, cita nomes: José Gonçalves Serra, Artur Lopes Cardoso, António Cruz e Alberto Carvalho, membros da administração do «JN» e o inquirido Paulo Patrício «que levou a sua isenção até ao ponto de nem sequer se dignar ouvir o signatário».

Conforme noticiámos na devida altura, o jornalista Alípio Ferreira foi despedido em Dezembro do ano transacto na sequência de um processo de suspensão que

lhe havia sido movido dois meses antes com base numa notícia sobre a Adega Cooperativa de Ponte de Lima, elaborada a partir de dados fornecidos pela delegação do jornal em Viana do Castelo.

O despedimento, caso inédito naquele matutino portuense, tem sido repudiado quer pelo Conselho de Redacção, quer pela comissão de trabalhadores, quer ainda pelos delegados sindicais do jornal.

Depois de se ter realizado no 7.º Juízo do Tribunal de Trabalho, do Porto, a audiência para pedido de suspensão do despedimento, está em fase de ulitimação o processo de impugnação daquela

decisão da empresa «Jornal de Notícias».

Apesar disso, Alípio Ferreira está totalmente decidido a entrar em greve de fome pela sua reintegração imediata, conforme ele próprio afirmou ao «DL»: «Se o meu sacrifício tiver que ser levado até às últimas consequências — e espero que sim, dada a pertinência da direcção/administração do «JN» — quero deixar publicamente expresso que a minha decisão não recebeu o apoio de nenhuma das sensibilidades políticas de esquerda representadas na redacção do «JN», antes pelo contrário, tendo sido produto de uma reflexão profunda da minha parte.»

Apesar dos protestos

RTP não vai entrevistar dirigentes do PS e do PCP no "Primeira Página"

O PS e o PCP reclamaram, perante a RTP, a presença dos seus dirigentes no programa «Primeira Página», à semelhança do que aconteceu com os líderes do PSD e do CDS, revelaram os respectivos gabinetes de Imprensa.

O PS argumenta que, «encontrando-se o País em fase de pré-campanha eleitoral, não tem justificação que a oposição seja discriminada de um programa a que acabam de ter acesso os principais líderes dos partidos governamentais».

Por seu turno, o PCP solicitou à RTP «esclarecimento concreto de quando tencionam organizar e transmitir uma entrevista com um dirigente do PCP».

De acordo com uma nota da SIP do PCP, a televisão alegou

que «estava a seguir o critério de promover unicamente entrevistas com dirigentes dos partidos que realizaram congressos» e respondeu já negativamente à exigência feita.

O PS, por seu lado, considera «manipulação a presença, constante, repetida e gratuita de políticos da AD no Telejornal, em tempos de emissões anormais e muitas vezes sem qualquer articulação com acontecimentos da vida portuguesa, como aconteceu recentemente com o presidente do PSD», o que constitui «um atentado ao pluralismo informativo, às regras da democracia e a dignidade do jornalismo livre e independente».

Protesto à CNE

«Trata-se de um procedimento de extrema gravidade, com o qual os actuais responsáveis da RTP se alinham completamente pelos níveis mais escandalosos de discriminação e parcialidade praticados pela equipa de Proença de Carvalho», refere uma nota do PCP de protesto pela recusa da RTP.

Acrescenta que o «pretensão critério» dos congressos «não passa, notoriamente, de um artifício conjuntural para cobrir o total enfeudamento da RTP aos interesses do PSD e CDS».

O PCP anuncia que vai apresentar na Comissão Nacional de Eleições competente reclamação contra esta «atitude ilegal» da RTP.

CI/ANOP ao Governo

«Informações urgentes» sobre meios financeiros «necessários»

O Conselho de Informação para à ANOP decidiu solicitar ao Governo «informações urgentes» sobre a canalização para a agência dos «meios financeiros necessários» para a cobertura das eleições.

Este é um dos pontos da proposta, aprovada por maioria, resultante da fusão de um texto-base apresentado pelo MDP/CDE com as alterações ao mesmo, propostas pelos restantes partidos.

Dois oito pontos da proposta, votados um por um, foram aprovados quatro por unanimidade, designadamente o primeiro, o quarto, o quinto e o sexto.

No primeiro ponto, o CI congratula-se com a decisão da Direcção de Informação da ANOP (DI) de organizar um serviço especial para as eleições.

A atenção, em termos noticiosos, a todas as forças políticas que intervenham no processo eleitoral em curso, é recomendada à DI no ponto quatro.

O mesmo órgão é instado, no ponto seguinte, a observar «com particular atenção» o serviço noticioso das delegações regionais e dos correspondentes «de forma a impedir a repetição de eventuais omissões».

No ponto sexto, o CI recomenda ao Conselho de Gerência da ANOP que conceda à Direcção de Informação «as facilidades necessárias que possibilitem o cumprimento da actividade informativa da agência de acordo com os seus estatutos e a sua

constituição».

Das alíneas aprovadas por maioria, a segunda recomenda à Direcção de Informação que envie ao Conselho o plano de trabalho para as eleições; e a terceira, a observação rigorosa dos princípios constitucionais da isenção, independência, objectividade e pluralismo na cobertura eleitoral. Próximos no conteúdo, o sétimo e o oitavo pontos inquiram do Governo sobre a concessão de meios financeiros, no primeiro caso para a realização do plano de cobertura noticiosa das eleições e, no segundo, para «a actividade e expansão» da agência no território português e no estrangeiro.

Na votação do ponto sétimo, o Conselho rejeitou a formulação expressa pelo MDP/CDE, preferindo a que foi proposta pelo PS.

Por falta de «quorum», o Conselho não chegou a votar a proposta do PS em que se corrobora a posição tomada pelo Conselho de Imprensa relativamente à anulação dos contratos de algumas empresas públicas de Comunicação Social com a ANOP.

Na proposta em questão, que o Conselho votará na reunião marcada excepcionalmente para quarta-feira — habitualmente é à quinta-feira — o PS manifesta preocupação pela atitude tomada pelos gestores das referidas empresas.

Esta preocupação avulta, lê-se na proposta dos socialistas, quando se verifica que a suspensão dos serviços da ANOP foi

resolvida pelos Conselhos de Gerência sem ouvir os responsáveis pela informação dos respectivos órgãos de Comunicação Social, incluindo a RDP e RTP.

Apresentada na reunião anterior do Conselho a proposta do CDS no sentido de serem analisados «os condicionamentos que podem afectar» a cobertura das eleições pela ANOP nas Regiões Autónomas não chegou a ser discutida.

Jornal

humorístico

Vamos ter "O Olho" à 3.ª-feira no Porto

Apresentado como o «único semanário que sai, semana sim, semana não», o quinzenário «O Olho» é um novo jornal humorístico, a ser editado no Porto, a partir de 22 do corrente.

O lançamento do novo jornal, na Cooperativa «Árvore», no Porto, de terça-feira que vem a uma semana, será acompanhado de uma exposição de trabalhos de «cartoonistas» portugueses.

«O Olho» é dirigido por Luís Lopes e aparecerá à venda às terças-feiras, depois de impresso nas oficinas do «Jornal de Notícias», na Rua Gonçalves Cristóvão.

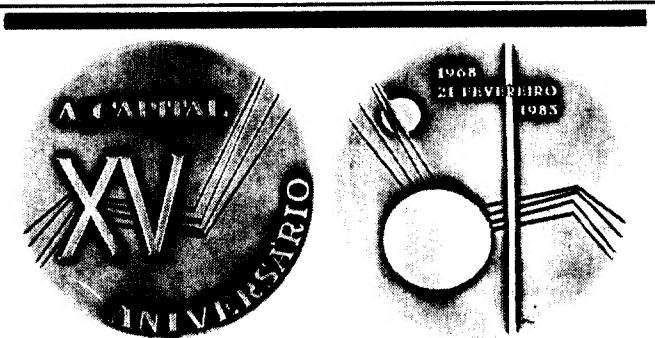
Luís Martins

O antigo jornalista Luís Martins, fundador em 1933 do bissemanário «Jornal de Sports», foi hoje a sepultar na cidade do Porto.

Luís António Martins (81 anos) foi também delegado naquela cidade dos jornais «Os Sports» e «Mundo Desportivo» e das revistas «Volante» e «ACR».

Pertencia ao quadro redactorial de «O Comércio do Porto», desde 1919, tendo desempenhado durante cerca de 50 anos as funções de chefe da Secção Desportiva daquele matutino.

O extinto era pai do jornalista desportivo de «O Primeiro de Janeiro», Carlos Martins.



Medalha comemorativa dos 15 anos de "A Capital"

«A Capital», ao celebrar a passagem do seu 15.º aniversário editou uma medalha comemorativa, concebida pelo prof. Lagoa Henriques, da qual foram feitos 500 exemplares. A medalha, de bronze e assinada pelo autor e numerada, é posta à disposição do público, encontrando-se à venda nas Livrarias «D.N.», no Chiado, e Rossio 11, em Lisboa; em Almada, na Rua de Olivença, 8-B; no Porto, R. Sá da Bandeira, 5, e em Faro, na Rua Vasco da Gama, 49-A. O preço de venda ao público da medalha comemorativa é de 800\$00 e, sendo solicitada pelo correio, de 850\$00, incluindo portes. Os pedidos deverão ser dirigidos a «A Capital», Travessa do Poço da Cidade, 26, 1200 Lisboa.

URGE ALTERAR O RUMO DA ECONOMIA PORTUGUESA

Silva Falcão

Constitui hoje um lugar comum a afirmação de que existe uma crise económica, em Portugal como em muitos outros países. Todos falam da crise, nos momentos e nos locais mais díspares. Até nas prédicas que acompanham as missas. Já ouvimos (via TV) a abordagem do tema crises económicas. Simplesmente em norma não se explica como, quando e porquê existe a crise. Ela surge em volta num manto de mistério, como algo de inexplicável. Não se diz, e sabe-se quais são as causas do facto, que a crise é uma crise do sistema capitalista, que essa crise é inerente apenas a países de determinada estrutura social, que nos países de outra estrutura social não se verifica crise, pelo menos a crise tal como se verifica nos países capitalistas, porque problemas há-os sempre, quanto mais não seja problemas de crescimento, países que se encon-

de Viena, em 1881. Actualmente usam-se aparelhos que se baseiam num manómetro de mercúrio, que nunca desafia, devendo no entanto ser regulados todos os três meses.

Quanto à crise, são perfeitamente claros os seus indícios: dificuldades experimentadas pelas populações na vida quotidiana, busca infrutífera de emprego por parte de cada vez mais largas camadas populacionais. Há por outro lado medidas que nos fornecem ideia precisa da extensão da crise. Taxas de inflação e de desemprego, estagnação da produção, quando não diminuição, e contínuos agravamentos dos saldos das contas externas. E assim como os problemas de hipertensão arterial podem acarretar acidentes cardiovasculares, nem sempre sujeitos a fácil recuperação, também as crises apresentam o risco de bancarrota e de perda de soberania nacional.

Desde 1976 até à actualidade que Portugal vive em estado de

lelamente com as quebras da produção, são agravados os saldos da balança comercial. E os preços sobem. Vendendo-se menos bens e serviços, não querendo a classe capitalista diminuir a sua taxa de lucro, não lhe resta senão a solução de elevar o preço de venda de cada bem e de cada serviço. Compreende-se o que as classes dominantes pretendem com a política de liberalização dos preços.

No entanto há alternativa. Impõe-se uma política económica que represente uma rotação de cento e oitenta graus, se se pretende sair da pobreza, vencer a miséria e reduzir as desigualdades. Essa política pressupõe a colaboração de todos os trabalhadores. É uma política de relançamento do consumo popular. Abandonando a austeridade que apenas serve o grande capital. O programa de acção deve assentar em quatro grandes objectivos: relançar o consumo popular e o

de bens a considerar na matéria. Quanto ao consumo há efectivamente que anular os gastos com bens supérfluos e de luxo, consumidos por uma minoria, mas de valor total significativo. Com o reforço do esforço produtivo, será diminuída a taxa de desemprego, ao mesmo tempo que se irão eliminando gradualmente os asfixiantes saldos das contas externas. Entrementes, o controlo dos preços, ao contrário da liberalização pretendida pelos governos reacçãoários, permitirá conter os preços dentro dos domínios do razoável. Existe portanto nesta política económica, nesta sim, uma saída para a crise. O aligeiramento de todas as medidas definidoras da extensão da crise denunciarão de imediato uma luz ao fundo do túnel. Enquanto não é afectado o nível de vida das classes agora espoliadas na prática contínua de má gestão a cargo de governos reacçãoários.

Toda a argumentação usada pelas forças de direita para justificação da sua estratégia assenta num equívoco. Afirmam eles que há que combater a inflação e o menor poder de compra das pessoas irá provocar uma descida dos preços. No entanto prosseguem as medidas de contenção dos preços e os preços não páram de subir, atingindo já em alguns países, o Brasil por exemplo, a taxa dos duzentos por cento. Na realidade não existe hoje concorrência perfeita, o livre jogo do mercado não se verifica, é o capital monopolista quem impõe os preços. Mesmo não querendo aceitar a interpretação marxista na matéria, temos o insuspeito Galbraith que reconhece o mesmo por outras palavras.

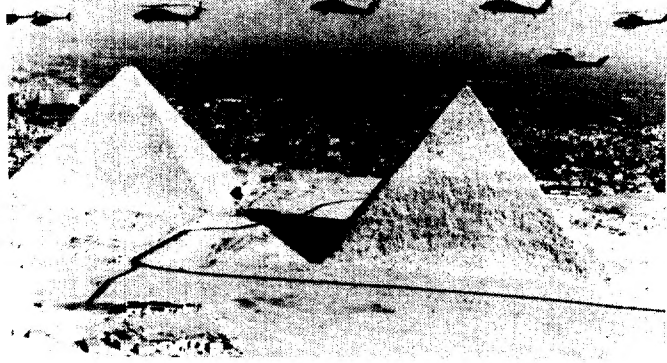
Na actualidade da totalidade dos países de estrutura capitalista, as classes possidentes detentoras dos cordelinhos de toda a política, inclusive da política económica, procuram apontar para a solução da crise que passa pela austeridade. A austeridade que tudo irá resolver, dizem os mentores do sistema, mas austeridade que nada resolve, antes agrava. Compete às forças conscientes, progressistas e democráticas a busca de outros caminhos. As estratégias propagandeadas não resultam, já se viu, e é racional que assim seja. O fenómeno era já aguardado.

A dramática crise que se vive em Portugal deriva em doses substanciais da prática de austeridade estabelecida em 1976. Os resultados estão à vista. Taxa de inflação que atinge volumes perigosos, taxa de emprego que, embora escondendo toda a verdade, denuncia uma situação que é inquietante sobretudo para as camadas jovens, níveis de produção estagnante e défices externos que comprometem seriamente a independência nacional. Tudo pior que em 1976. Eis o rescaldo de sete anos de política económica de direita.

A economia portuguesa é como um grande livro com uma errata. Onde se lê austeridade, desemprego, estagnação, dependência do estrangeiro, deveria ler-se poder de compra, emprego, produção e independência nacional. São duas saídas para a crise, uma não é embora se diga que é. Numa óptica está a perspectiva dos senhores, dos

poderosos, dos onipotentes, está a perspectiva dum política económica de direita. Na outra óptica estão os interesses dos pequenos, dos que labutam e sofrem, de toda a classe trabalhadora, de toda a classe pequeno-burguesa, estão os interesses da independência nacional. Esta é naturalmente, a perspectiva de uma política económica de esquerda. Não há consenso que anule esta dicotomia.

ponto a ponto



COMEÇAM já a ser conhecidos alguns pormenores da deslocação oficial do Presidente da República à Grécia e ao Egipto, que na próxima quarta-feira se inicia, devendo prolongar-se durante oito dias. Da deslocação farão parte visitas a lugares históricos, nomeadamente a Acrópole, a Delos, às pirâmides, a Luxor e a Assuão. Ramalho Eanes permanecerá em Atenas até ao dia 19, partindo então para o Egipto, naquela que é a primeira viagem de um chefe de Estado português àquele país. Acompanham o Presidente da República, nesta deslocação, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o secretário de Estado da Indústria, o escritor Virgílio Ferreira e alguns empresários portugueses.

ESTÁ hoje a decorrer, nas instalações da Manutenção Militar, a 1.ª Assembleia Geral da Associação 25 de Abril, cuja comissão instaladora tem como presidente Vasco Lourenço. A ratificação dos estatutos da Associação, a discussão e aprovação do regulamento interno, a atribuição da qualidade de sócio fundador a militares do MFA falecidos e informações sobre as comemorações do 9.º aniversário do 25 de Abril são algumas das questões que estão a ser abordadas na reunião.

RAMALHO EANES recebeu ontem, em audiência no Palácio de Belém, o embaixador de Portugal na Organização das Nações Unidas (ONU), Rui Medina. O Presidente da República recebeu também ontem o embaixador de Portugal em Washington, Leonardo Matias.

O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão aceitou o convite que lhe foi dirigido pelo governo da Baixa Saxónia, na RFA, para participar na inauguração da Feira de Hannover 83, no próximo dia 12 de Abril. Pinto Balsemão fará aí uma intervenção, na qualidade de principal orador internacional, e Portugal terá, nesta feira, a posição de «país parceiro» na sequência da proposta apresentada ao Primeiro-Ministro, durante a visita oficial que efectuou à RFA, em Maio de 1982.

As novas estações do Metro de Lisboa, resultantes da ampliação deste, irão ser decoradas por artistas plásticos portugueses. A distribuição já foi feita, cabendo a Júlio Pomar a estação de Benfica, a Sá Nogueira a estação que dá acesso ao futuro Luna Parque e a Eduardo Nery o viaduto que atravessará o Campo Grande. A estação da Cidade Universitária, será, em princípio, decorada por Vieira da Silva, aguardando-se, no entanto, a confirmação da pintura.

MELO Antunes, ex-conselheiro da Revolução e Tito de Moraes, em representação de Mário Soares, assistirão à cerimónia de tomada de posse de Leonel Brizola, como governador do Estado de Guanabara (Rio de Janeiro), no próximo dia 15.

MOTA Pinto participou ontem numa reunião com os sociais-democratas de Leiria, durante a qual foi analisada a situação política nacional e partidária. O vice-presidente da Comissão Política do PSD, acompanhado de Victor Crespo, membro da Comissão Permanente, esteve também num jantar de trabalho com representantes de comissões distritais.

O núcleo do PSD na África do Sul, publicou um panfleto, no qual defende que a comunidade portuguesa, neste país, deve preferir produtos portugueses, que se encontram à venda em estabelecimentos locais. «Temos muito por onde escolher e felizmente que eles são de qualidade aceitável» afirma-se naquele comunicado.

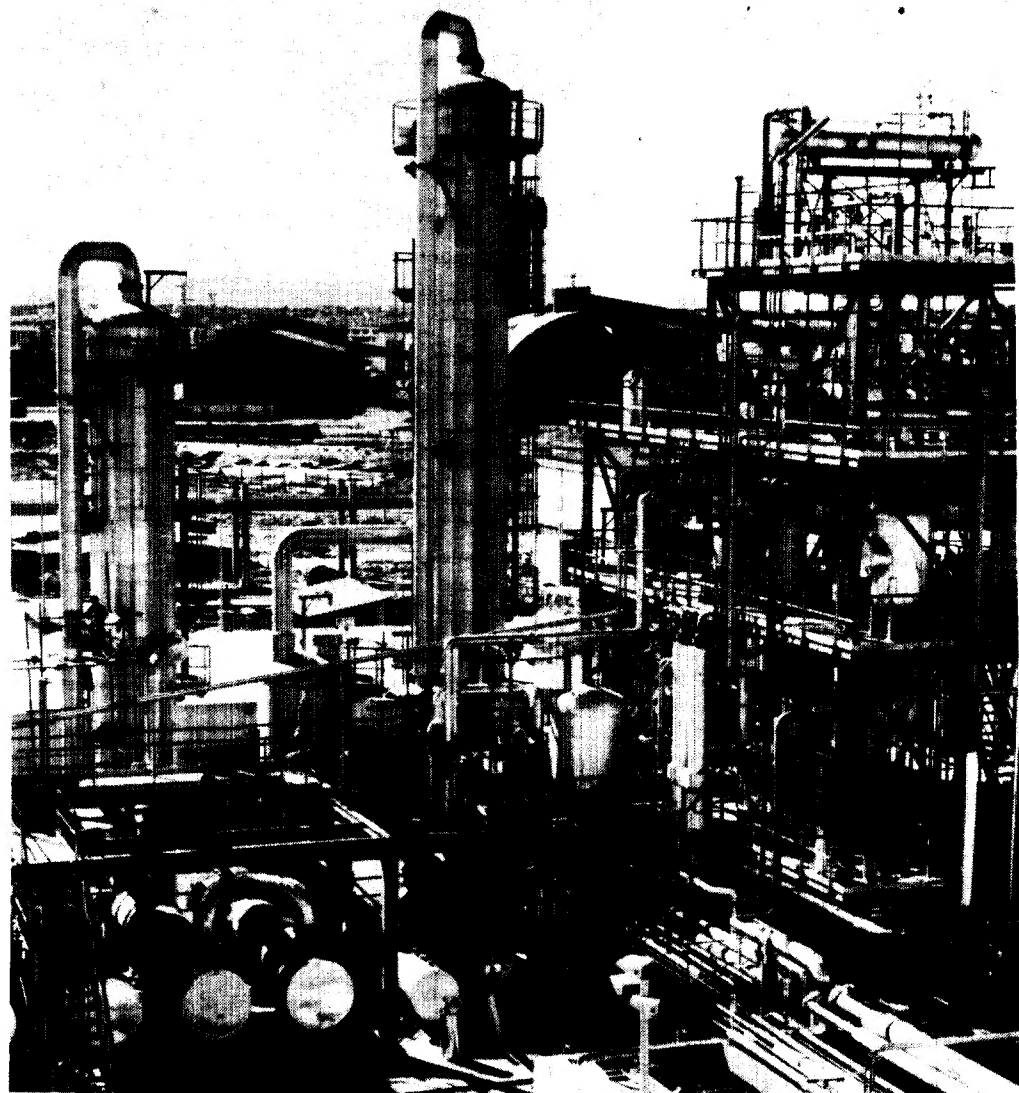
O Executivo Municipal de Guimarães anunciou ontem que pediu ao governador civil de Braga que marque a data para a realização das eleições autárquicas nas três freguesias de Vizela. O acto eleitoral nestas freguesias foi impedido, em 12 e 19 de Dezembro passado, pela população local, como acção reivindicativa da elevação de Vizela à categoria de concelho.

A UEDS anunciou ontem que estaria ausente do encontro com o Governo, onde se analisará o pedido de envio de tropas portuguesas para o Líbano. O encontro está programado para o próximo dia 14, sendo sequência de uma anterior decisão do Governo sobre o assunto, na qual este se comprometia a ouvir os partidos da maioria e da oposição. No entanto, a UEDS considera que não faz sentido ser ouvida em audiência prévia, uma vez que o Conselho de Ministros tornou já pública a sua posição de dar resposta negativa ao pedido formulado pelo Governo do Líbano.

A organização da UDP na Madeira afirmou ontem, em comunicado, que o Partido Socialista não tem condições para aplicar uma política a favor de quem trabalha, porque está enredado em acordos e negociações com as associações patronais. Os democratas populares consideraram ainda que Mário Soares, em nome do seu partido, em conferência de imprensa, «veio já, com a mira no novo Governo, preparar terreno para o povo português aceitar mais sacrifícios, mais miséria e maiores problemas».

TREZE partidos ou coligações concorrem às eleições legislativas de 25 de Abril, nos três distritos alentejanos de Évora, Beja e Portalegre. São eles, a APU, o CDS, a LST, a OCMLP, o PC (R), o PCTP/MRPPP, o PDC, o POUS, o PPM, o PS, o PSD, o PSR e a UDP. Os sorteios para determinar a ordem em que aparecem nos boletins de votos foram já realizados, sendo cabeça do boletim nos distritos de Évora, Beja e Portalegre o PS, a LST e o PSR respectivamente.

REALIZA-SE no próximo dia 30 de Março, pelas 20 horas e 30 minutos, a Assembleia Geral Ordinária da Associação Portuguesa de Escritores, na qual será apresentado o Relatório e Contas do ano de 1982 e uma proposta de revisão do valor das quotizações.



tram em pleno desenvolvimento que não é portanto mero crescimento.

Nos últimos tempos a crise funciona como oportuno pretexto para tudo justificar. É a crise, dizem: que podem os governantes fazer, coitados deles? Omitem os que assim reagem um facto elementar. Para além da existência da crise, fenómeno quantitativo, há as diferentes graduações das manifestações da crise, fenómeno quantitativo.

Tal como qualquer insuficiência ou deficiência do organismo humano possui os seus indícios, a sua medida, assim as insuficiências ou deficiências do tecido social apresenta os seus indícios e a sua medida. Consideremos a hipertensão arterial que é um excesso da pressão sanguínea (ou tensão) no exterior das artérias. A hipertensão apresenta os seus indícios como a existência de tonturas e um estado de cansaço, e possui as suas medidas. Em 1733 um inglês, Stephen Hales conseguiu medir a tensão arterial num animal. Os primeiros aparelhos para homens foram construídos pelo inglês Mahomed, em 1874, e por Von Basch,

crise progressivamente agravada. Aumenta a taxa de inflação, o desemprego não pára de crescer, a produção tende a decrescer e tornam-se asfixiantes os saldos negativos da balança de pagamentos.

Não é por acaso que a economia se vai deteriorando. A política económica adoptada conduz à deterioração. Naturalmente. Na realidade, desde que a burguesia retomou o comando da vida económica, desde o momento em que foram implantadas medidas de austeridade, que são apenas atentados contra o poder de compra das classes exploradas (ou mais desfavorecidas, para intentar uma linguagem moderada). Fala-se em combater a crise nacional, mas de facto agrava-se a crise. Basta raciocinar a nível das elementariedades. Havendo austeridade para a classe trabalhadora e para a pequena burguesia, diminui o poder de compra de importante camada da população. A produção decresce logicamente, e consequentemente baixam os níveis de emprego. Verifica-se a proletarianização de bastantes pequenos e médios industriais e comerciantes. Para-

emprego; relançar a produção e o investimento selectivo; reabsorver o défice da balança comercial e da balança de pagamentos, contendo a alta dos preços e consecução dos necessários meios financeiros.

Um dos problemas centrais da economia portuguesa reside no grande desequilíbrio entre a produção e o consumo: produz-se muito menos em relação ao que se consome. Daí a razão básica dos sucessivos agravamentos da balança comercial. Em face desse problema procuram os governos conservadores reduzir o consumo, colocando em segundo plano a coordenada "produção". Poderíamos falar em solução errada, se não houvesse aqui uma opção de classe, um interesse do grande capital, não sofrendo com a crise, dela tirando proveito. De facto, a solução, aliás a única solução, do problema central focado assente na dinâmica a imprimir ao sector produtivo, acelerando a produção, designadamente na agricultura, e nas pescas, também na manufactura de bens que substituam muitos bens importados. Seria fastidioso referir no momento a extensa gama

**MÁRIO
SOARES**


Contrato social para o progresso fará sair o País do atraso

«Os portugueses podem-nos dar a sua confiança. Usá-la-emos com bom-senso e ao serviço único de Portugal». São palavras de Mário Soares a pouco mais de mês e meio das eleições legislativas, em entrevista ao «DL».

O dirigente socialista repete afirmações já conhecidas da tática socialista. Mas revela algumas propostas novas — a reactivação do Conselho Nacional do Plano, a criação de um Conselho Económico e Social — organismos que têm por principal objectivo institucionalizar o «diálogo social» que os socialistas assumem como único meio para sair da crise.

Diário de Lisboa — A menos de um mês do início da campanha eleitoral ainda ninguém sabe, concretamente, o que é que o PS vai propor ao eleitorado. A não ser o «consenso», que só por si é pouco.

Mário Soares — O país vai saber com muita clareza aquilo que o PS propõe. Mas tão importante como saber qual vai ser o programa do PS é saber quais vão ser as disposições e os sentimentos dos eleitores socialistas. O Partido Socialista tem, obviamente, o seu próprio programa e tem as suas próprias ideias, mas perante a situação de crise que o país atravessa é fundamental, antes de mais nada, diagnosticar a crise. Penso que sobre esse aspecto a consciencialização dos portugueses é muito escassa. Depois do diagnóstico é que vêm as terapêuticas. E as terapêuticas só são possíveis, no actual contexto, de acordo com as forças sociais e políticas e é com elas que têm de ser previamente discutidas. O PS apresenta-se como um mediador, como um partido que quer ser o agente de um grande consenso nacional. Não pode começar por impor as suas ideias. Tem, sim, de pôr ideias à discussão, a partir do conhecimento exaustivo e completo da realidade nacional. Por isso não estamos muito preocupados com o aparecimento de programas, o que não quer dizer que eles não apareçam. Mas estamos mais preocupados com algumas grandes ideias-força. Vamos ter uma reunião neste fim-de-semana, na qual o manifesto eleitoral será discutido nas suas grandes linhas. Aparecerão aí as grandes linhas-força da nossa acção, das quais o contrato social para o progresso é uma das peças mais importantes.

Mas eu gostaria de atrair a sua atenção para o facto de não ter ainda sido feito por ninguém, além do PS, o chamado «discurso sobre o estado da Nação». O PS fez, na última conferência de imprensa, um inventário dos malefícios de três anos de governo AD. As pessoas ainda não se interrogaram bem porque é que os dirigentes da AD fugiram e se revelaram incapazes de arcar com a situação e com o que aí vem.

DL — O PS vai fazer o «discurso do estado da Nação»?

MS — Claro que vai... uma vez que outros com mais responsabilidades se recusam a fazê-lo.

DL — Quando?

MS — Começou na última conferência de imprensa a fazer o diagnóstico da situação portuguesa...

DL — O dr. Mário Soares falou de um contrato social para o progresso para depois das eleições. Pinto Balsemão e Mota Pinto, curiosamente, já tocaram o mesmo tema.

MS — Não vale a pena falar-mos do que propõe o dr. Pinto Balsemão, visto que o que ele tinha a propor devia tê-lo feito há três anos atrás. É primeiro-ministro há três anos, não o fez, passou a oportunidade e agora nem sequer se apresenta às eleições.

DL — Mas o dr. Mota Pinto, que é hoje um dos líderes da AD, relembra hoje esse tema do consenso...



Hoje o discurso do Estado da Nação; amanhã o «contrato social para o progresso»

MS — O Presidente da República também de alguma maneira o retoma, com aquela reunião que promoveu há umas semanas. É uma ideia-força que eu vejo que está a ser bem recebida pela Nação. Mas não há dúvida que quem a lançou foi o Partido Socialista.

DL — Como é que o PS vê a concretização do diálogo social que promove o consenso?

MS — Para nós, o diálogo não é uma circunstância fortuita, não deve ocorrer apenas em períodos de aperto, deve estar institucionalizado, deve realizar-se em organismos onde estejam os parceiros sociais e onde eles possam permanentemente dialogar. É o que caracteriza uma democracia moderna, tal como existe nos países escandinavos e em alguns outros países europeus. Penso que devemos dar vida ao Conselho Nacional do Plano, que tem de ser um organismo actuante que proponha soluções, em vez de ser um órgão que apenas se pronuncia sobre factos já consumados. E temos de criar um verdadeiro Conselho Económico e Social, onde entrem os parceiros sociais e se discuta o que é possível fazer no plano global e não só sectorialmente.

DL — Mas é só nesse âmbito que se vão desencadear os mecanismos que promovam o consenso?

MS — Dá a impressão que esse âmbito é estreito, mas não é.

DL — A ideia que eu tinha das propostas do dr. Mário Soares é que logo após se conhecerem resultados eleitorais que fossem positivos para o PS se desencadearia uma série de acções...

MS — As acções são iniciadas naturalmente pelo Partido Socialista se tiver legitimidade. Portanto, a primeira questão é que o

eleitorado perceba que tem que dar uma votação significativa ao PS para ele ter legitimidade para propor esse diálogo social.

Ele será imediatamente iniciado a partir das eleições, se essa for a vontade popular. E, depois, terá de ser institucionalizado, através da criação de organismos onde ele se efective de uma maneira concertada e permanente. A ideia fundamental é esta — não é o Governo, qualquer governo, que pode só por si resolver os problemas nacionais. Se houver um Governo dinâmico, responsável e nacional, esse Governo pode promover determinadas grandes reformas — em primeiro lugar estabilizar a situação financeira, em segundo lugar lançar reformas de estrutura que permitam, a um prazo médio fazer sair Portugal da situação de atraso. Mas isso tem de ser feito de acordo com a vontade política dos agentes produtivos, quer dos empresários, quer dos trabalhadores, dos homens de cultura, de ciência, da juventude. Todos têm de perceber que é deles que vai depender o futuro do País.

DL — Esse diálogo institucional com os agentes produtivos terá algum reflexo no diálogo que o PS possa promover com as forças políticas?

MS — Naturalmente que vai ter. **DL — O PS admite mesmo na hipótese de ter maioria absoluta, só governar com o apoio de outros partidos? Ou admite governar sozinho?**

MS — O PS não regressa a uma situação de isolacionismo, e não aceita ser Governador com uma maioria contrária. Estas duas ideias são complementares. Isto depende, portanto, da votação. E fazendo nós esta declaração ao eleitorado, o eleitorado tem todas as razões para votar útil no Partido Socialista.

DL — Aceitarão governar em coligação?

MS — Poderá ser necessário que o PS faça alianças «a posteriori», depois do acto eleitoral. Isso depende das circunstâncias implica uma discussão prévia nas bases do partido, conforme a doutrina aprovada no IV Congresso do PS.

DL — Como é que comenta o «slogan» proclamado pelo PCP de que é necessária a presença do Partido Comunista no Governo para resolver os problemas nacionais?

MS — É um «slogan» perfeitamente inconsciente e até contraditório. Se o Partido Comunista quisesse realmente participar no Governo, não utilizava a calúnia permanente e as acusações delirantes, contra o Partido Socialista, que só servem para conduzir o PCP a um isolamento total. Não há ninguém com cinco réis de bom senso que perceba como é possível a um partido como o PCP dizer que quer ser do Governo e sabendo que é minoritário e que o grande partido de poder é o PS insulta diariamente o PS e quer intervir mesmo no interior do Partido Socialista. E se der ao trabalho, o que eu faço aliás, raramente, de ler um jornal como o «diário» ou como o «Avante!», ficará espantado com a esquizofrenia de certos ataques ao Partido Socialista, que é privilegiado como o «inimigo principal». É evidente que com essa raiva incontida, telecomandada porventura do exterior, o PCP está a conduzir os trabalhadores que votam comunista para um verdadeiro impasse. Não lhes oferece nada para além de uma raiva impotente...

Contudo, para além destes ataques da direcção do PCP, existem trabalhadores que votam comunista. E com esses, naturalmente, o PS quer manter diálogo sereno e fará apelo ao seu patriotismo e ao desejo que eles têm, de encontrar soluções para os seus problemas concretos e para salvar o País. A direcção do PCP não apresenta nenhum projecto, nenhuma proposta que possater qualquer conteúdo prático. Actua a nível meramente propagandístico. Não oferece nada aos trabalhadores que votam comunista. Enquanto o PS, numa perspectiva de poder, oferece soluções mesmo aos trabalhadores que votam comunista e está disposto a dialogar construtivamente com eles.

DL — Afirma que a estratégia do PCP era porventura telecomandada do exterior...

MS — Eu digo isso porque só se pode perceber a agressividade contra a direcção do PS, por exemplo, a maneira como o PCP apreciou a viagem que eu fiz aos Estados Unidos, num contexto em que o PCP, aqui, funciona como um agente de interesses que nos são estranhos. Não se pode perceber outra maneira.

DL — Durante essa viagem aos EUA foi ou não foi abordado o problema do pacote estratégico? Um jornal afirmou mesmo que o dr. Mário Soares fora mais receptivo a esse pacote que Pinto Balsemão.

MS — Bem, alguns jornais afirmam coisas falsas de mistura com outras verdadeiras e daí resulta que criam proposições e tremendas confusões.

Quando regressar, fizera-me essa pergunta e eu disse logo que não tinha havido nenhuma dis-

cussão desse tipo. E repeti-o. Certos jornais continuam a avançar com idênticas hipóteses sem terem em conta o meu desmentido. Portanto, estão a fazer afirmações gratuitas. E com eles. Mas sem nenhuma base.

DL — Se, por acaso, lhe propusessem o chamado pacote estratégico quando fosse primeiro-ministro, como reagia?

MS — Em primeiro lugar eu não devo responder a hipóteses de mera futurologia. Seria da maior estultícia aceitar entrar nesse tipo de discussão.

DL — Mas continua a manter as posições que sempre assumiu sobre a permanência de Portugal na NATO?

MS — Indiscutivelmente. Desde 1974 que tenho essa posição. E não vejo que haja algum argumento para a modificar.

DL — Mas no âmbito da Internacional Socialista há hoje algumas sensibilidades diferentes em relação à Aliança Atlântica.

MS — A IS é um fórum de partidos socialistas e sociais-democratas que trocam as suas experiências. Não é uma organização centralizada, nem uma organização internacional que comande os partidos membros. E como dela fazem parte partidos europeus, e não europeus pertencentes uns a países membros da NATO, outros a países neutrais, outros a países do Terceiro Mundo, necessariamente que haverá uma visão diferenciada a respeito do problema NATO.

DL — A diferença de sensibilidades a que eu me referia era em partidos de países que fazem parte da NATO. Como o SPD alemão.

MS — Não, o SPD não tem nenhuma posição diferente em relação à NATO. Onde pode haver algumas divergências, por exemplo entre o SPD e o PSF, é relativamente à questão dos euro-mísseis. Mas é uma questão especial. E isso também tem a ver com especificidade de cada um dos países e até com a sua situação geográfica.

DL — A posição do SPD parece que não foi muito bem compreendida, ou aceite, pelo eleitorado alemão, como demonstram os resultados eleitorais.

MS — Não há dúvida que os resultados das eleições alemãs, embora de acordo com aquilo que se esperava, representaram uma derrota para o SPD. É qualquer coisa de significativo na história da Alemanha do pós-guerra e representa, de facto, uma viragem da política alemã, cujas consequências vão ser sentidas a médio prazo, mais do que imediatamente. Obrigar os camaradas do SPD, aos quais eu manifesto toda a minha solidariedade, a uma profunda reflexão.

DL — Estes resultados e os das eleições francesas poderão ter alguns reflexos em Portugal?

MS — Penso que eles demonstram que numa situação de crise económica, em democracia, os partidos que estão no Governo são normalmente penalizados nas eleições. É por isso que os dirigentes dos partidos da AD desertaram, nesta altura, e penso que é de um grande oportunismo comentar estes resultados numa perspectiva que não seja a perspectiva da França e a perspectiva da Alemanha. Já ouvi um dirigente do PSD falar das eleições alemãs e chamar aos sociais-democratas alemães socialistas. Quer dizer que o Partido Social-Democrata, que há anos tanto se quis identificar com a social-democracia alemã, na hora da

derrota chama-lhes socialistas e quer identificá-los connosco. Mas com certeza: nós somos amigos e companheiros dos sociais-democratas alemães, nos bons e nos maus momentos.

DL — Mas o dr. Mário Soares tem também utilizado o argumento, para efeitos internos, da vitória socialista em Espanha.

MS — Não, o que eu tenho dito é uma coisa diferente. É que existe um fenómeno semelhante em Portugal e Espanha, que têm uma evolução política e social bastante aproximada. São dois países em que a direita tinha o hábito de governar autoritariamente, através das polícias políticas e da censura, que conquistam a democracia na segunda metade dos anos 70, e que, por via democrática, a direita chega ao poder, através de coligações — a UCD em Espanha, a AD em Portugal. Ao fim de três anos de Governo são destruídas essas coligações por dentro, pela incapacidade que revelam os partidos da direita de governar em democracia e pela fuga dos seus dirigentes à responsabilidades. Isto é um fenómeno preocupante para a estabilidade democrática, para a alternância democrática em ambos os países. Mas isso obriga os partidos socialistas respectivos a realizarem uma política que é um grande desafio para consolidar as instituições democráticas e parlamentares. Sem o que dificilmente haverá uma saída moderna e pacífica para os dois países peninsulares. Este paralelo impõe-se e foi nesse sentido que eu falei da vitória do PSOE como prefigurando uma vitória do PS em Portugal.

DL — Isso quer dizer que os PS's têm vocação para governar em situação de crise?

MS — Não. Quer dizer que os Partidos Socialistas, hoje, em países que ainda não fizeram a sua modernização, nem da sociedade, nem do Estado, nem das estruturas económicas, são um pólo de referência democrática insubstituível. E lamentável que em 1976 o PS tenha tido que salvar o País do colapso económico e que em 83 o eleitorado se volte de novo para o Partido Socialista como uma tábu de salvação. Mas o eleitorado português tem de saber, de acordo com a política de verdade e de rigor que defendemos, que ninguém pode fazer milagres, que uma política de estabilização tem de ser feita pelo menos a dois anos, uma política de recuperação económica tem de ser feita pelo menos a quatro anos. Ao votar, agora, tem de votar na estabilidade e a médio prazo, e não para soluções imediatas ou de facilidade, que são impossíveis.

DL — Isso é um aviso também para o general Ramalho Eanes que em 1978 derrotou o dr. Mário Soares?

MS — Em 1980 aceitou que havia errado. Agora, penso que o general Ramalho Eanes, como Presidente da República, tem de empenhar-se na viabilização da democracia pluralista e pluripartidária. É essencial que assim seja para defesa do regime. E desse empenhamento têm que resultar soluções de tipo nacional, que têm de ser amplamente consensuais e em que, portanto, o general Eanes deve co-responsabilizar-se.

DL — Pode explicar melhor o que é isso que quer dizer?

MS — Quer dizer que não há lugar para guerrilhas de institucional ou outras — esses problemas estão todos hoje resolvidos por via da revisão constitucional — e que numa situação de aperto nacional não há lugar para cálculos pessoais ou políticos. Há, sim, lugar para empenhamentos claros e transparentes a favor da

Santarém

Um vasto eleitorado que flutua à espera de uma opção definitiva

Com cerca de 350 mil eleitores inscritos, o distrito de Santarém é daqueles onde o comportamento do eleitorado se revela mais imprevisível. Calcula-se que aproximadamente 50 mil eleitores, ao longo destes nove anos têm manifestado um comportamento que escapa às previsões dos diversos partidos. Uma opinião muito generalizada ao nível de todo o distrito é de que existe um eleitorado não muito numeroso, ideologicamente comprometido, abrangendo algumas zonas fortemente conservadoras, como serão os casos de Vila Nova de Ourém, Ferreira do Zêzere e Mação, mas o segmento mais forte é flutuante e é aquele que influencia, de maneira decisiva, qualquer tendência.

É fundamentalmente esta razão, que leva a que, todas as forças políticas do distrito acreditem que vão subir.

Este vasto eleitorado, sem uma opinião estabilizada, que voga ao sabor das propostas que lhe são conjunturalmente apresentadas, mas age também sob os efeitos de uma sensibilidade política feita de múltiplos factores subjectivos, oscila entre a AD e o PS e entre o PS e a APU. Nas várias eleições anteriores a grande deslocação de votos tem-se verificado num e noutro sentido, cabendo no entanto à APU o maior volume de eleitorado consolidado.

PS — ganhar seis deputados

Trata-se de um distrito predominantemente rural, embora nos seus limites geográficos se encontrem já instaladas algumas indústrias importantes, casos de Torres Novas e Entroncamento, principalmente. Elas não bastam todavia, pelo menos por agora, para alterar significativamente os dados. O sentir da agricultura é ainda a pedra de toque fundamental para o comportamento do eleitorado.

«Aqui em Santarém os rurais têm muita força e até nós, os cidadãos, somos rurais.» A afirmação é de Ladislau Botas, presidente da Câmara Municipal de Santarém e responsável distrital do PS.

Neste distrito, os socialistas, que já tiveram seis deputados mas estão agora reduzidos a quatro, apontam como grande objectivo para a recuperação desses dois mandatos. Ladislau Botas, já não será candidato mas é o homem forte do PS para tentar inverter os factores que levaram o PS à descida. Personalidade muito popular e com prestígio local, um homem «que se dá bem com toda a gente», constitui na opinião de muitos sectores o grande trunfo dos socialistas mesmo não sendo candidato. A sua ausência das listas tem uma explicação e não resulta de nenhum problema interno como tem acontecido noutros distritos em relação à ausência de «notáveis» socialistas.

«Não aceitei fazer parte das listas porque tenho um compromisso com o povo do meu concelho. Fui eleito e vou ser

presidente da Câmara até ao fim do mandato.»

Responsável pela campanha do PS em Santarém, Ladislau Botas afirma que o PS está bem preparado para a campanha e aponta essa meta de seis deputados que, se por um lado constitui um ganho, a verificar-se significa também a recuperação do número de deputados que aquele partido elegeu em 1976. Ou talvez um pouco mais porque desde então o número total de deputados a eleger pelo distrito diminuiu de 13 para 12.

Mas quem vai perder esses dois deputados para o PS?

Na opinião dos socialistas de Santarém eles vão ser eleitos em consequência da deslocação de votos da AD para o PS, embora mantenham uma prudente reserva em relação à forma como se vai comportar o eleitorado, não confundindo os desejos e os objectivos fixados com realidades.

Admitem também, como hipótese mais remota, que um desses deputados poderá vir do eleitorado da APU mas a opinião geral é de que a coligação do PCP e do MDP/CDE manterá os dois deputados que tem actualmente.

O tom da campanha terá duas componentes principais: uma será a que vier a ser definida como estratégia global do PS; a outra terá muito em conta as realidades locais.

Ladislau Botas fala muito da necessidade de contactos mais directos com a população. Das suas palavras depreende-se o ponto de vista pessoal de que o PS deverá apresentar-se ao eleitorado com a imagem de quem

vai devolver ao país a serenidade perdida, e resolver «corajosamente» os problemas, mas sem promessas exageradas, que possam à partida gerar o descrédito numa população que está farta de promessas eleitorais não cumpridas.

«O nosso país tem sofrido ultimamente um abalo muito grande e as pessoas estão desajustadas de um pouco de serenidade.»

O homem forte do PS em Santarém não acredita muito no chamado «síndrome espanhol», mas admite que os resultados verificados noutros países onde os socialistas ascenderam ao poder terão alguma influência, embora não constituam o factor decisivo.

«Não será isso que, por si só, determinará os resultados do PS. Como não serão também as análises dos comentários políticos, quando dizem que o PS vai ou não vai ganhar, vai ou não ter maioria absoluta.»

Ao nível do distrito de Santarém as pessoas estão muito mais preocupadas com o que se está a passar — à sua volta do que com aquilo que dizem aos jornais, e se há alguns que dizem «eles que resolvam», há muitas que sentem que têm que fazer uma opção.»

O autarca socialista está todavia convencido de que vai haver maior percentagem de abstencionismo do que nas autarquias, principalmente na área da direita.

Foca também uma outra realidade que tem sido praticamente ignorada pela classe política, em parte porque a intervenção eleitoral dos cidadãos só tem sido

possível através dos partidos e só deles: «Milhões de portugueses não são da AD, nem do PS, nem da APU. E é bom que os políticos comecem a perceber isso. É pois natural que pessoas que votaram APU ou AD, mais tarde apareçam a votar CDS ou PS.»

Mas, na opinião de Ladislau Botas, Santarém é um distrito «muito equilibrado» que tem uma tendência para andar numa zona não radical, nem de esquerda nem de direita. E refere que, na própria área da APU, os elementos mais influentes são pessoas da área do MDP/CDE.

APU — mais um deputado

No seu conjunto os partidos da AD foram as únicas forças políticas que não perderam deputados nem viram o seu número de votos diminuir. Em 1976 a AD (os seus partidos) elegeram cinco deputados e em 1979 elegeram mais um, que mantiveram nas eleições de 1980, em que a sua votação global continuou a subir. O grande vencedor de 1979 foi o Partido Socialista que, de seis deputados, passou para três. As suas perdas distribuíram-se pela AD e pela APU que ganharam mais um deputado cada. Em 1980 a situação alterou-se. Embora registando um pequeno aumento do número de votos, (3563), a AD não viu aumentado o número dos seus deputados enquanto o PS subia de votação e retirava um deputado à APU.

Em qualquer caso as forças de esquerda foram sempre maioritárias no distrito para o que contribuem largamente os conceitos situados mais ao Sul.

Tornar-se a segunda força política do distrito e eleger o seu terceiro deputado é o objectivo fixado pelos responsáveis locais da APU. As condições são agora mais favoráveis com o CDS e o PSD desligados. Esta meta da APU é mais do que uma simples recuperação de terreno. A ser concretizada constituiria já uma consolidação de eleitorado ganho desde 1976. Tomando como último referencial as eleições autárquicas de 12 de Dezembro, a APU, depois de uma baixa de 1979 para 1980, foi a única força que não perdeu votos. Ultrapassar a barreira dos 60 mil votos é tornar-se a segunda força do distrito é outra das metas apontadas da coligação PCP/MDP.

Nas constantes flutuações eleitorais a APU considera ter consolidado um eleitorado de cerca de 10 mil votos existindo uma outra franja de igual número que pode potencialmente votar APU.

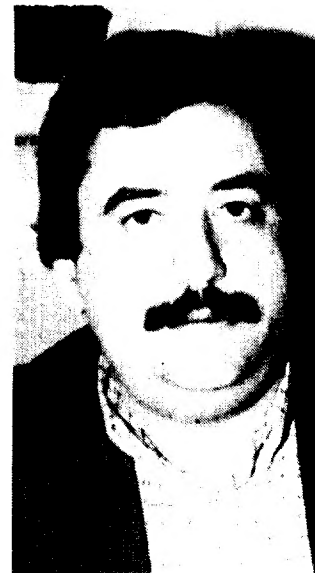
Em que sentido estará a deslocar-se o eleitorado de Santarém e de um modo geral em todo o país?

«Em termos políticos vê-se que o eleitorado está farto da política de direita destes últimos

legislativas



Ladislau Botas (PS), presidente da C. M. de Santarém



Fernando Oliveira, responsável pela APU no distrito de Santarém



Henrique Cruz, o «homem do CDS» em Santarém



Pereira Silva (PSD) tem sido o mandatário local da AD

sete anos, afirma Fernando Oliveira, o responsável da APU no distrito.

Há pessoas que não são da nossa área e recordam o nível de vida que tinham quando os comunistas e os seus aliados estiveram no Governo. E não escondem a sua opinião. Resta saber se no momento do voto vão reagir de acordo. Muitos votaram AD mas agora é certo que o não vão fazer. Ninguém hoje no distrito defende a AD.»

Mesmo reconhecendo-se que a grande transferência de votos à esquerda se tem verificado entre o PS e a APU, Fernando Oliveira afirma que não vai haver uma luta entre a APU e o PS. «O inimigo principal é a AD e os partidos que a constituíam. Dizemos que, em termos de votos, vai haver uma disputa entre a APU e o PS, mas essa disputa não significa luta entre inimigos. Há 50 mil eleitores que vão votar agora de maneira diferente quer venham da abstenção para votar numa força quer venham de qualquer outra força.»

A APU continua a apresentar como principal argumento junto do eleitorado, que é muito mais seguro uma grande votação nas suas listas do que um aumento de votos e deputados do PS, porque esta última eventualidade «significaria maior facilidade de uma aliança deste partido com a direita.»

«Se a APU no distrito e no País fosse a segunda força política isso traria maiores dificuldades a eventuais alianças PS com os partidos de direita.»

Relativamente às relações entre as duas forças o responsável da APU afirma que não há presentemente relações ao nível de estruturas mas ao nível de dirigentes e das bases essas relações existem e são classificadas no mínimo como «razoáveis» e com potencialidades para acordos futuros.

Alpiarça, Benavente, Coruche, Chamusca, Golegã, Salvaterra de Magos, Almeirim, Torres Novas e Abrantes são os concelhos de maior influência APU, embora com situações diferenciadas. A sua força maior concentra-se todavia nos concelhos ao sul do distrito, coincidindo com as zonas de latifúndio e ao norte nos concelhos de maior implantação industrial. Tamar é um concelho onde nos apontam haver uma nitida tendência para o crescimento da APU, bem como Torres Novas e Entroncamento.

Dias Lourenço, o cabeça de lista de Santarém, não houve desta vez dificuldades na constituição das listas. Para as autárquicas surgiram divergências com o MDP/CDE que acabaria por levar à não participação de elementos deste partido nas listas. O diferendo existiu porém apenas ao nível do concelho e não do distrito.

Madeira Lopes, responsável distrital do MDP/CDE confirma que a situação havia sido ultrapassada até porque as listas são agora a nível distrital. Considera que o MDP tem influência social e gente de prestígio entre sectores.

Continua na pág. 6



Câmara de Santarém: um «posto» disputado recentemente e que o PS manteve

Santarém: um eleitorado que flutua

Continuação da pág. 5

res como os comerciantes, bancários, profissões liberais, professores, etc. e que o facto de não ter participado nas listas para as autarquias quebrou um pouco o espírito unitário e a imagem da APU. «A superação desse problema constituirá um factor de maior adesão ao voto.»

Madeira Lopes prevê também uma grande quebra da AD, mais acentuada ainda do que nas autarquias.

Ainda em relação às divergências com o PCP na elaboração das listas para o concelho de Santarém, Madeira Lopes salientou que isso provocou uma imagem de autonomia dos partidos que muita gente antes não reconhecia.

«Isto acabará por ser útil à própria APU numa perspectiva global. Dificuldades não significam conflitos mas apenas divergências. De tudo isto terá resultado uma imagem da APU mais forte.

Para que a APU consiga ultrapassar a percentagem actual e dar o grande salto a nível numérico, isso só poderá ser conseguido através do MDP e passará por uma linguagem aberta que destrua o preconceito anticomunista que possa existir e que é aquele que é artificialmente criado».

Quanto à campanha eleitoral a APU vai aproveitar ao máximo e jogar a fundo com o trabalho feito nas autarquias. É o que está mais próximo das populações e aquele que elas podem entender melhor. Isto sem exclusão de todas aquelas acções clássicas como sessões de esclarecimento, comícios, etc. Mas o grande esforço vai ser desenvolvido no contacto directo com as populações. E para isso têm múltiplos argumentos.

«O concelho de Coruche, diz-nos a título de exemplo Fernando Oliveira, era um dos mais atrasados à data do 25 de Abril. Só havia electricidade na vila, na aldeia do Couço e na Era. Hoje está praticamente todo electrificado. Não havia estradas e quando havia incêndios os bombeiros não podiam chegar ao local. Hoje há estradas feitas e arranjadas. Em comparação, concelhos onde a direita governa, como Ferreira do Zêzere, Mação, etc., continuam praticamente como há 20 ou 30 anos.»

CDS - regressar a 1976

«O CDS vai manter a mesma situação que tinha em 1976 em



termos da representatividade que tinha na Assembleia da República ainda que possamos operar uma ligeira subida.» É a convicção do dr. Henrique Soares da Cruz responsável distrital deste partido. Em 1976 o CDS elegeu três deputados mas o terceiro estava colocado numa zona cinzenta. Agora, sem AD, vai programar a sua campanha apontando para a eleição de três deputados. «O terceiro será uma vitória eleitoral, os dois é a manutenção do «status» político».

O dr. Henrique Cruz não esconde no entanto algumas interrogações quanto à possibilidade de alcançar os objectivos da campanha e que atribui à saída do líder Freitas do Amaral.

Reconhece também que o CDS tem menor representatividade no distrito que o PSD, «Mas isto não é uma aceitação tácita da situação e faremos o possível por alterá-la».

Sublinha também o carácter altamente flutuante do eleitorado do distrito, lembrando que em 1980 ganharam as eleições para dias depois as perderem para a câmara.

Porquê esta flutuação do eleitorado?

«Talvez porque não esteja enfeudado a nenhum partido e reaja de acordo com os seus interesses de momento. É um eleitorado constituído por pequenos empresários e quadros.

Na sua estratégia o CDS prepara-se para defender a ideia de que foi um dos grandes bastiões da AD.

«Se o projecto serviu na altura as populações por que é que deixou de servir ainda que tivesse tido falência em algumas áreas da governação?»

Natural da Chamusca, o dr. Soares Cruz tirou o curso de regente agrícola em Santarém e mais tarde de medicina veterinária. Exerceu sempre a sua actividade profissional naquela cidade

e será o cabeça de lista do CDS. O norte do distrito é a zona de maior influência dos centristas, principalmente os concelhos de Tomar, Ferreira do Zêzere e Vila Nova de Ourém.

O líder distrital do CDS salientou também os inconvenientes que a marcação das eleições para 25 de Abril trouxe para uma eventual renegociação da AD.

«Impossibilitou que o projecto AD pudesse ser reformulado. Está nisso um dos grandes contributos políticos do sr. Presidente da República».

No entanto prevê-se que haja tréguas com o general Ramalho Eanes. «Tréguas mesmo sem intervenção de uma das partes». Mas isso não invalida que o dr. Henrique Cruz considere irresponsável, para não dizer antidemocrática, a decisão do PR de dissolver a AR.

O grande adversário do CDS não será a APU «que tem o seu eleitorado», mas serão o PS e o PSD. A campanha vai ser muito dirigida no sentido de evitar a abstenção a todo o custo e ganhar as pessoas que estejam inclinadas a votar PS ou PSD, tentando demonstrar-lhes que, se o fizerem «não temos hipóteses de as livrar do socialismo».

Que vai dizer o CDS ao eleitorado na presente situação?

«Vamo-nos mostrar como somos - a única força não socialista que se apresenta às eleições».

PSD - retomar o processo de «mudança»

«O PSD vai funcionar porque a AD era o PSD a funcionar. Éramos nós que fazíamos tudo. Vamos marcar a nossa campanha como se fosse da AD» afirma-nos em Coruche o dr. Pereira da Silva, médico do hospital local, que tem sido o mandatário

distrital da AD e é o presidente da federação distrital do PSD.

Considera o PSD como um partido implantado e enraizado no distrito e sublinha a sua afirmação com o facto de que, apesar das crises que de há um ano para cá assolaram o seu partido, este adquiriu mais duas sedes no distrito sem qualquer ajuda das estruturas nacionais, uma no Cartaxo e outra em Tomar.

«Por isso eu penso que o PSD vai subir ligeiramente os seus resultados. Para mim aponto resultados na ordem dos 27 ou 28 por cento a nível nacional. O distrito de Santarém reflecte no todo nacional um pouco menos. Penso que deveremos ficar aqui nos 26/27 por cento.

Salienta também como base para esses resultados o bom funcionamento do partido nos momentos de crise e refere que no distrito de Santarém possui sedes a funcionar em 19 dos 21 concelhos.

O PSD aponta como objectivo eleger entre 3 e quatro deputados. O quarto seria considerado já um ganho eleitoral.

O desgaste destes últimos anos não é ignorado. «Nós cometemos muitos erros e é natural que a nossa imagem esteja afectada mas penso que o PS não tem imagem melhor».

O dirigente do PSD considera que o grande fracasso da AD foi principalmente o desaparecimento de Sá Carneiro e depois não terem sido tomadas medidas que eram necessárias. Mas pensa também que, tais medidas, ou eram tomadas com a compreensão da opinião pública ou então também não resolveriam nada.

Sobre o discurso eleitoral do PSD, o dr. Pereira da Silva não tem dúvidas. «Vou dizer que temos de retomar o processo de mudança da sociedade que temos de mudar muitas coisas, de desbloquear a situação em que o país vive. Apareceremos com um programa viável e realista».

É sua convicção também que o PSD vai jogar novamente um papel importante.

Mas quem será o adversário principal do PSD?

«Boa pergunta! Boa pergunta!»

Afinal todos afirmam que vão subir, todos apontam boas razões para isso, mas o único dado certo é que todas as forças políticas neste distrito se encontram numa grande expectativa em relação à forma como o eleitorado se vai comportar no próximo dia 25 de Abril.

AUGUSTO VILELA

Soares:

Faremos mais e melhor

Continuação da pág. 4

estabilização económica, social e política.

DL - Mudando de assunto, o dr. Mário Soares não acha que o próximo grupo parlamentar socialista se vai ressentir da ausência de alguns deputados que resolveram não se candidatar, como Salgado Zenha, Vitor Constâncio e Jorge Sampaio.

MS - Já disse que lamento que eles não tenham aceitado ficar nas listas. Pelo meu lado fiz tudo para que eles ficassem. Lamento por todas as razões e porque dariam um concurso na Assembleia que seria importante. Quiseram fazer jogar factores de solidariedade que a meu ver são discutíveis. Mas não quero entrar nisso... Agora a circunstância de eles não serem deputados não implica que não participem em toda a actividade do partido, quer na perspectiva da campanha eleitoral, quer na perspectiva de um futuro governo de base socialista.

DL - Tem alguns dados que lhe permitam afirmar que eles aceitarão participar nesse futuro governo?

MS - As declarações deles próprios. Disseram que continuam membros do partido, que não estão dispostos a sair do partido e que querem cooperar na vida do partido. Estão empenhados, portanto, nas vitórias do partido e na acção partidária.

Também lhe quero dizer que certo tipo de aproveitamento que o Partido Comunista está a tentar fazer deste caso, como é seu hábito, só prejudica os visados. Naturalmente que a solidariedade do dr. Álvaro Cunhal em relação aos chamados membros do ex-Secretariado não passa para eles de um presente envenenado. Faço-lhes essa justiça...

DL - Mas como é que se justifica que tenha havido marginalizações se hoje no PS só existem divergências pessoais e não de natureza política?

MS - Não houve marginalizações. Houve, sim, um processo de escolha, que pode ser discutido e é discutível, como todos os processos de escolha, mas foi o que aconteceu, sem marginalizações. Ponto final.

DL - Neste momento, quais eram as principais críticas que o dr. Mário Soares fazia, se pudessem, aos governos socialistas?

MS - Tenho vindo a notar com algum prazer que hoje é pacífico

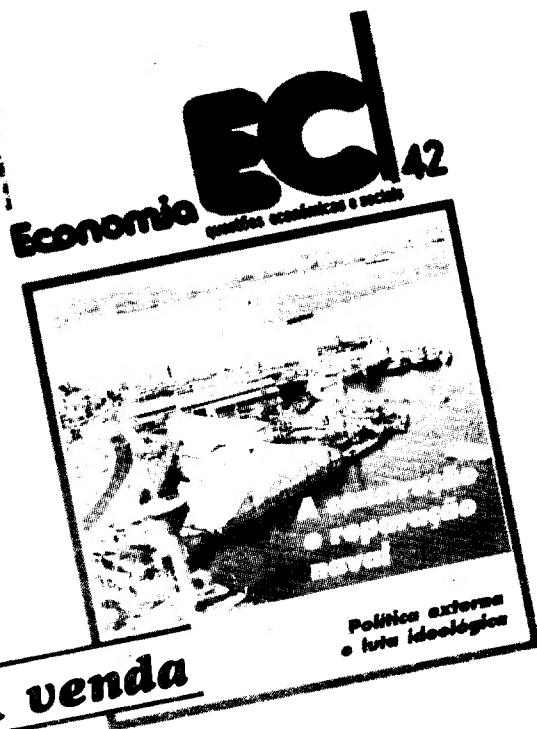
reconhecer-se que os governos socialistas foram os melhores de todos os governos que houve neste País. Pelo seu equilíbrio e por aquilo que efectivamente fizeram. Isso tanto da parte dos trabalhadores como da parte dos próprios empresários. Hoje até se fala de milagre económico em relação à recuperação feita no ano de 1978. Não havia, na altura, termos de comparação e quando apareceram as promessas da AD as pessoas pensaram que era fácil mudar e era fácil fazer mais. Verificaram que se fez muito pior e que a situação se degradou de uma maneira vertiginosa. É verdade que há factores de natureza internacional que não se negam e que continuam a existir, mas não há dúvida que não houve uma política económica nestes três anos, que não houve coragem de realizar reformas que tinham sido prometidas, que se viveu o dia-a-dia e que hoje se está numa situação verdadeiramente aflitiva que o País infelizmente ainda não conhece bem.

DL - Ainda não respondeu à minha pergunta. Voltando a ser primeiro-ministro, que erros não voltaria a cometer?

MS - Naturalmente que em matéria de escolha de pessoas e de colaborações cometi erros. Não há dúvida que na definição de certas políticas deixei pairar algumas ambiguidades, sobretudo no I Governo, que não se podem repetir. Não implementei com suficiente força determinado tipo de reformas sociais possíveis, porque não houve tempo nem disponibilidade para tal. Na área da comunicação social também cometemos erros, como já várias vezes reconheci.

Toda a experiência que foi adquirida nesses anos é hoje válida e vamos partir com um cabedal de conhecimentos da realidade efectiva que é o País, dos homens que temos e das forças que são capazes de ajudar a recuperação, muito diferente daquela que tínhamos em 76. A situação em si é hoje mais difícil. A realidade está mais degradada. Mas a experiência e os conhecimentos serão maiores bem como a determinação. Faremos por certo mais e melhor. Os portugueses - que também hoje nos conhecem melhor - podem-nos dar a sua confiança. Usá-la-emos com bom senso e ao serviço único de Portugal.

José Manuel Vilaça



Petroquímica de aromáticos

Combater a inflação, promover o desenvolvimento

A construção

e reparação naval



ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA DE
INFORMÁTICA

CONVOCATÓRIA

Convoca-se a Assembleia Regional do Sul da Associação Portuguesa de Informática para funcionar na sede, Av. Almirante Reis, 127, 1.º Esq., Lisboa, com a ordem de trabalhos e datas seguintes:

1. Apreciação e votação do Relatório e Contas da Direcção Regional Sul, no dia 21.Mar.83, às 21.00 h.
2. Apreciação e votação do Relatório e Contas da API e eleições dos Corpos Gerentes da Delegação Regional Sul e dos elementos representantes da Delegação no Conselho Geral para 1983-1985, no dia 30.Mar.83, às 21.00 h.

Caso não estejam presentes às horas indicadas 2/3 dos sócios a Assembleia Regional funcionará meia hora depois.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1983

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA REGIONAL
Joaquim Alves Lavado

IS não participa no encontro

Conferência da Linha da Frente tem apoio de 400 pessoas e organizações portuguesas

MAIS de 400 personalidades e organizações integram já a Comissão Portuguesa Preparatória da Conferência Internacional de solidariedade com os Estados da Linha da Frente que, durante os dias 25, 26 e 27 de Março, reunirá, em Lisboa, cerca de três centenas de pessoas de todo o mundo.

Entre as personalidades que integram a comissão portuguesa contam-se o marechal Costa Gomes, Henrique de Barros, Maria de Lurdes Pintasilgo, Vasco da Gama Fernandes, Salgado Zenha, António Arnaut, Carlos Aboim Inglês, Alda Nogueira, Lopes Cardoso, José Tengarrinha, Cunha Leal, Mário Tomé, Natália Correia, Sanches Osório, Jacinto Prado Coelho, Ruy Luis Gomes, Fernando Piteira Santos, Miller Guerra, António Vitorino de Almeida, Lopes Graça, Carlos do Carmo, João Abel Manta, José Cardoso Pires, Maria Lamas, coronel Costa Brás, tenente-coronel Eurico Corvacho e tenente-coronel Alfredo Moura.

Da lista de apoiantes da iniciativa fazem ainda parte sacerdotes

católicos, pastores protestantes, advogados, engenheiros, economistas, gestores de empresa, arquitectos, médicos, jornalistas e sindicalistas.

Entretanto, estão já confirmadas as presenças de Joaquim Chissano e de Paulo Jorge, ministros dos Negócios Estrangeiros de Moçambique e Angola. Também confirmada, embora noutro campo, está a não participação da Internacional Socialista no encontro.

A IS está a organizar uma sua conferência sobre a África Austral, que se deverá efectuar em Junho próximo, na Tanzânia, tendo a maioria dos partidos que a compõem recusando-se a participar na reunião de Lisboa, apesar dos contactos estabelecidos, por Vítor Alves e João Cravinho, com os sociais-democratas alemães e com o Partido Trabalhista inglês. A Conferência Internacional que, no fim do mês reunirá em Lisboa, é promovida pela Comité Internacional contra o «apartheid», o racismo e o colonialismo e tem como objectivo a discussão da situação na África Austral.

Morte de ingleses no Algarve

Membro do Parlamento Europeu quer que o Conselho da CEE suspenda adesão de Portugal

O Parlamento Europeu poderá dar seguimento a uma intervenção que o deputado trabalhista britânico Barry Seal teve há dias, na sua sede, em Estrasburgo, e determinar a abertura de um inquérito às causas da morte de ingleses o ano passado no Algarve. O Parlamento britânico pede também a suspensão das negociações de adesão de Portugal à CEE.

Entre o que o Parlamentar britânico, que é simultaneamente vice-presidente do Comité de Relações Externas do Parlamento Europeu, afirmou a propósito dessas mortes, e a versão oficial portuguesa, há profundas divergências.

A principal respeito ao número de mortes: Barry Seal falou em dezasseis ao solicitar, esta semana, à Assembleia de Estrasburgo, a abertura de um inquérito destinado a investigar essas mortes «provocadas por esquentadores defeituosos»; Nandim de Carvalho, secretário de Estado de Turismo, refere cinco o ano passado e uma outra, provável, em 1978. Garante, por outro lado, ser impossível provar haver mais mortes naquelas condições.

Uma outra divergência de fun-

do, diz respeito às causas da morte: o deputado trabalhista britânico, eleito por uma circunscrição que reclama uma das vítimas, defende que as mortes foram «provocadas por esquentadores defeituosos»; Nandim de Carvalho responde, esclarecendo que em todos esses casos «avultam deficiências de ventilação».

O Parlamentar britânico pretende que o Governo português garanta aos ingleses que «não serão postas em perigo mais vidas», facto que desde Janeiro deste ano está assegurado, pelo menos como compromisso. Entretanto, mandatou a sua colega de bancada Ann Clwyd, presidente do Comité Misto Assembleia-Parlamento Europeu, que estará em 17 do corrente no Porto na reunião daquele Comité, para estabelecer contactos com os governantes portugueses no sentido de ultrapassar a questão e obter aquela garantia: a de que «não serão postas em perigo mais vidas».

De outro modo, Barry Seal insistirá para que o Conselho de Ministros da CEE interrompa as negociações para a adesão de Portugal ao Mercado Comum.

Tribunal Constitucional

Juízes tomam posse ainda em Março — revelou Balsemão

Pinto Balsemão anunciou, ontem, no final de uma audiência de quase duas horas com Ramalho Eanes, que os juizes do Tribunal Constitucional deverão tomar posse ainda este mês.

«Trata-se de mais um passo para a consolidação das instituições democráticas» — declarou o primeiro-ministro em exercício.

Interrogado sobre a actual situação laboral, Pinto Balsemão afirmou que ela não corresponde «à desejada paz social» antes das eleições e ameaçou com a

hipótese de suspensão das negociações contratuais.

«Espero, no entanto, que tal não seja preciso» — explicou, ao mesmo tempo que garantiu não ser intenção do governo suspender a norma salarial dos 17 por cento.

Este foi um dos assuntos debatidos na audiência entre o Presidente da República e o primeiro-ministro, na qual se falou também da próxima viagem de Ramalho Eanes à Grécia e ao Egito.

Candidatos da APU por Lisboa reuniram com os jornalistas

«**L**EVAR o eleitorado a contribuir para que haja uma alternativa democrática», foi o objectivo apontado por Álvaro Cunhal para a APU, nas próximas eleições, ao intervir num encontro de apresentação dos candidatos daquela coligação pelo distrito de Lisboa, realizado na Casa do Alentejo.

Cunhal referiu a marcação de eleições antecipadas como «uma vitória da democracia» e defendeu a importância do voto útil «não no PS para derrotar partidos de direita que já estão derrotados, mas na APU, abrindo assim caminhos a soluções democráticas».

Manifestou-se, por outro lado, optimista, quanto aos resultados eleitorais de 25 de Abril, aludindo a propósito aos acontecimentos ocorridos depois das eleições autárquicas.

«Freitas do Amaral e Pinto Balsemão foram para casa, a AD

não existe, o PSD anda à pancada e o CDS está dividido», disse Álvaro Cunhal.

O dirigente comunista criticou as últimas declarações do secretário-geral do Partido Socialista, Mário Soares, dizendo que este fez «um enunciado de medidas para resolução da crise igual ao da AD».

«Venda de ouro não se anuncia»

Entre essas medidas citou os empréstimos ao estrangeiro em condições desvantajosas, a desvalorização do escudo, o agravamento da inflação e dos preços, o aumento do desemprego e o corte nos investimentos e nos benefícios sociais, acrescentando tratar-se de «um plano de desastre nacional como tem sido o da AD».

«A possibilidade de vender o ouro é segredo que não se anuncia, como fez Mário Soares, que se julga futuro primeiro-

-ministro», acentuou Álvaro Cunhal.

José Manuel Tengarrinha, pelo MDP/CDE, disse que muitas das críticas que o PCP faz ao PS são comuns ao seu partido, destacando entre elas a «real aproximação do PS aos partidos de direita».

O dirigente do MDP/CDE considerou a dissolução da Assembleia da República como «uma vitória da APU», adiantando que outros partidos políticos «só defenderam a dissolução quando se aperceberam qual era a força da opinião pública nesse sentido».

Os resultados das últimas eleições autárquicas provam, segundo Tengarrinha, o «aumento da APU e a decadência da AD».

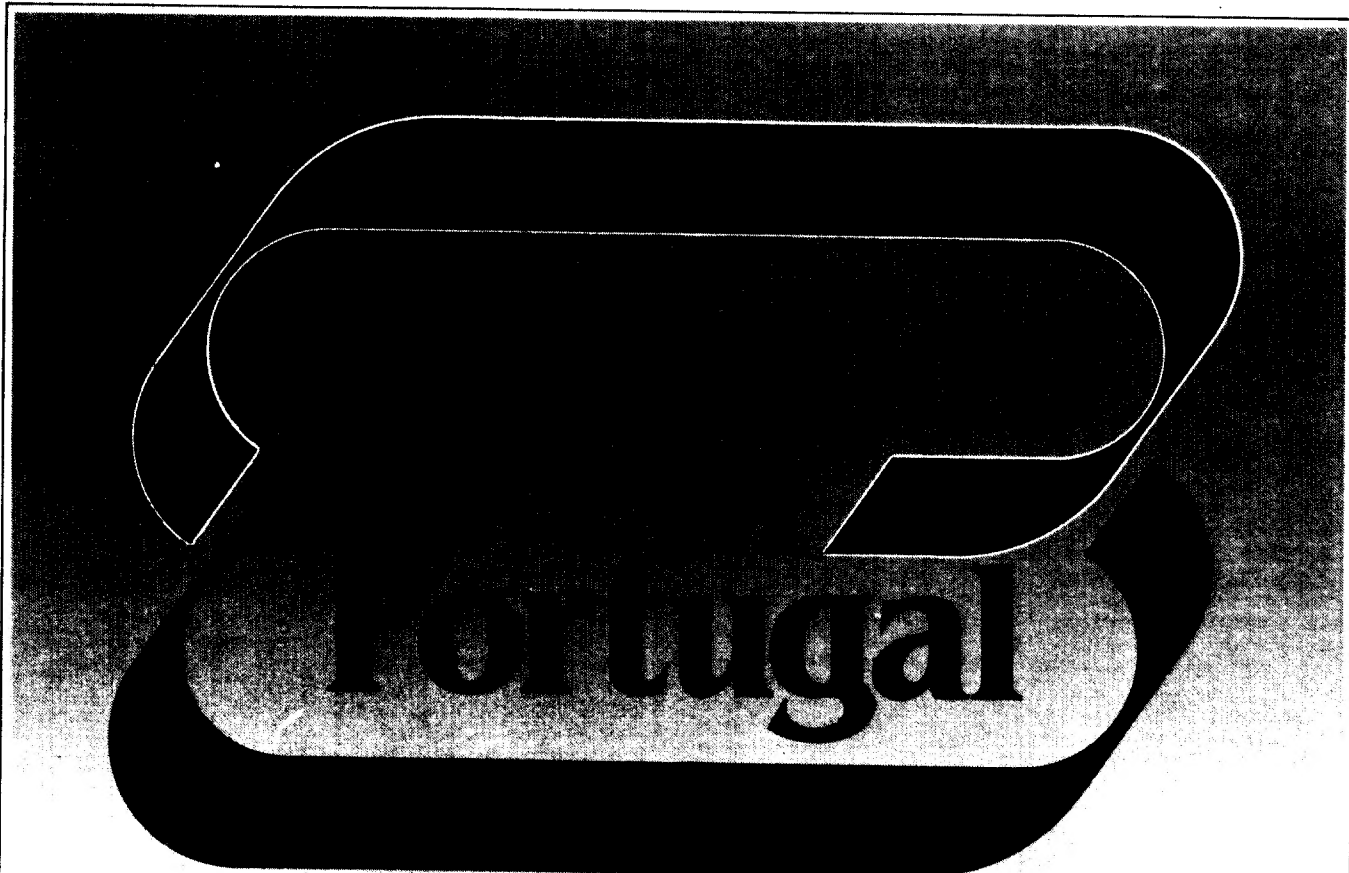
Um representante do «Partido dos Verdes», que integra as listas da APU explicou que a sua organização contactou quatro forças políticas mas que apenas

em duas delas (PCP e MDP/CDE) encontrou a possibilidade de ser incluída nas listas de candidatos ao futuro Parlamento.

Sessões em Leiria, Setúbal e Tomar

Entretanto, em várias zonas do País, estão previstas numerosas sessões de esclarecimento e contactos com a população, no âmbito da campanha pré-eleitoral. Cunhal que esteve ontem em Leiria, percorreu hoje grande parte do distrito de Setúbal, nomeadamente o Barreiro, Baixa da Banheira, Pinhal Novo, Santiago de Cadém, Alcácer do Sal, Seixal e Cova da Piedade. Amanhã, aquele dirigente do PCP irá a Pernes, Amiais de Baixo, Alcanena, Torres Novas, Riachos e Tomar.

Zita Seabra esteve, por sua vez, anteontem, nas Minas de Peção, acompanhada dos candidatos Manuel Matos e Manuel Rodrigues, mineiros do Pejão.



Comprar Português é investir em Portugal



Neste momento português, boas razões para preferir produtos nacionais. De qualidade. Preços acessíveis. Cada produto que compramos são empregos que criamos e divisas que poupamos. Somos portugueses... investimos no nosso País. Por isso...

Compre produtos Portugueses

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO

de ontem para hoje

Acentua-se o contrabando de exportações

Contrabandistas portugueses preferem a exportação à importação, segundo dados estatísticos agora divulgados pelo chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal, referentes aos dois primeiros meses de 1983. O contrabando de importação não mereceu daquela corporação mais do que 22 operações e caracterizou-se por meios de transportes de mercadorias, gado e café, não chegando a atingir mil e seiscentos contos. O contrabando de exportação, por sua vez, ultrapassou os 165 milhares de contos e obrigou a Guarda Fiscal a 255 intervenções. Géneros alimentícios foram o principal objecto deste tipo de contrabando, seguindo-se-lhe os electrodomésticos, as máquinas de jogos, e também, o gado. Porém, o contrabando não se apreende apenas nas fronteiras, pois viaja um pouco por todo o País. A Guarda Fiscal efectuou 63 operações deste tipo, apreendendo valores que ultrapassam os 34 milhares de contos em meios de transporte, gado, géneros alimentícios «whisky», electrodomésticos e máquinas de jogo.

Traficantes internacionais de droga em Roma

Doze membros de uma vasta organização de traficantes e vendedores de droga com ramificações no Brasil, Espanha, Portugal e Itália foram presos em Roma. As investigações iniciaram-se há dois meses, quando se comprovou que os traficantes pre-

feriam transportar-se de avião para Espanha de onde a droga chegava ao Brasil, para iludirem a vigilância dos aeroportos. De Espanha transportavam-na para a Itália onde abasteciam principalmente os mercados romano e napolitano.

Pesqueiro português apressado em Leixões

O navio da Armada «Lagoa», em missão de fiscalização na zona marítima do Norte, apressou ontem o arrastão «Mar Nosso», quando pescava com rede de malhagem ilegal. O «Mar Nosso» foi encontrado, às 11.45, a cerca de 13 milhas a Oeste de Leixões utilizando no arrasto uma rede de malhagem mínima ilegal. Mandado demandar o porto de Leixões, o arrastão descarregou a rede ilegal e as 25 caixas de peixe diverso que tinha a bordo. A capitania do porto de Leixões irá proceder ao respectivo processo de transgressão.

Bananas continuam a vir de Espanha

Cerca de 2100 quilogramas de banana foram apreendidos numa operação pela Polícia de Segurança Pública da Guarda, soube-se junto daquela corporação. A apreensão efectuou-se devido à falta de documentos referentes à mercadoria que, disse a Polícia, era de contrabando proveniente de Espanha. O caso foi apresentado no Tribunal da Guarda juntamente com o veículo também apreendido.

Via larga para a linha do Dão

A Assembleia Municipal de Tondela, Coimbra, aprovou ontem, por unanimidade, uma moção exigindo a transformação em via larga da Linha do Dão, que liga Santa Comba Dão a Viseu e daqui a Aveiro. Trata-se de uma linha da CP que o ministro das Obras Públicas, Habitação e Transportes em recentes declarações indicou como digna de ser encerrada por não-rentável. Apoiaram a moção o PSD, PS, CDS e APU, partidos e coligações que integram a Assembleia Municipal. Este órgão autárquico reclamou também uma redefinição das redes viárias do conselho, com a crítica da actual exploração destas pela Rodoviária Nacional e transportadoras privadas. Foi também unânime em exigir a elaboração de uma carta arqueológica do concelho, com inclusão de parques arqueológicos nas taças de Moleninhos e Alagoa, com referência aos testemunhos de arte rupestre e artesanato, a integrarem um futuro museu concelhio.

Ovos podres para Páscoa espanhola

Dantzentos e cinquenta mil ovos impróprios para consumo foram apreendidos pelos Serviços de Fiscalização Económica quando seguiam para Espanha no interior de um camião TIR que transitava em Idanha-a-Nova na Beira Baixa.

A intervenção da Guarda Fiscal deve-se a localização da viatura. Alertados aqueles serviços e feito o controlo sanitário no posto da Guarda, foram os ovos inutilizados numa lixeira local. O seu valor foi calculado em 1500 contos.

Mortos na estrada

A Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana todos os dias vai fornecendo a lista dos que tombam na estrada numa sequência já habitual. Nas últimas 24 horas, mais duas pessoas encontraram a morte em 40 acidentes de viação, e além dos casos fatais há a registar mais 38 feridos, dos quais 19 em estado grave. No presente anos e apenas nas zonas de acção da GNR já se registaram 193 mortos, 1419 feridos graves e 1648 ligeiros em 3146 acidentes de trânsito.

Assalto pouco vulgar

A Polícia Judiciária através da 12.ª Secção de Lisboa enviou agora a Tribunal um processo e os respectivos arguidos presos; autores de um assalto à mão armada se não inédito, pelo menos invulgar. Em 12 de Agosto último, dois indivíduos entraram num

taubastabelecimento de electrodomésticos de Lisboa, intitulando-se comerciantes do ramo. Inteiraram-se dos preços da mercadoria exposta e ofereceram-se para fornecer

artigos a preços mais convidativos. A seu convite foram, o comerciante, o seu empregado e os dois indivíduos, jantar à Caparica e depois à Lagoa da Albufeira, onde se situariam os «armazéns». Ali o comerciante foi amarrado a uma árvore, e regressaram ao estabelecimento com o empregado sob ameaça de arma. «Limparam» o cofre e mais alguns valores. No entanto ao regressarem para soltar o comerciante já este se havia libertado pelos seus meios.

Ofereceram-lhes "paredes" sem água, luz ou colchões

Desalojados da Curraleira ao "deus-dará" municipal

As sete dezenas de desalojados em consequência de um incêndio no bairro da Curraleira continuam sem o problema habitacional resolvido, depois de uma noite em pensões a expensas da Câmara Municipal de Lisboa.

A noite passada também tiveram abrigo em pensões mas com as despesas suportadas pela Cooperativa de Habitação «Belo Horizonte», que ultima um conjunto de fogos, em Chelas, para resolver em definitivo o problema dos desalojados da Curraleira.

A resposta camarária ao desalojamento provocado por um incêndio, como ontem noticiámos, pecou desde logo por ter sido muito demorada, segundo apurámos. O sinistro verificou-se por volta das 11 horas da manhã de quinta-feira, mas a vereadora ligada ao sector da habitação só compareceu no local ao princípio da noite.

A solução então proposta também não seria a ideal e os desalojados não a aceitaram. O alojamento provisório proposto seria num «centro de acolhimento» municipal, que não dispõe de condições mínimas, por se tratar de lojas inacabadas e por não dispor de água e luz.

A Câmara Municipal acabaria por ceder uma noite às famílias sem tecto, em pensões da capital. E, ontem, três chefes de família foram chamados para receberem três chaves de casas tipo T5, destinadas a todos os desalojados.

A proposta era igualmente insatisfatória, dado que os 70 desalojados teriam de repartir-se por cerca de 15 divisões, dando portanto uma média superior a quatro pessoas por sala.

A situação seria agravada pelo facto de os três fogos não terem água e luz ligadas, enquanto a Câmara também não encarava questões como a falta de colchões.

A perspectiva de passarem dois meses (o tempo necessário para serem prontadas as casas em construção) nas referidas condições levaria a que fosse encarada a permanência em pensões, sob responsabilidade da cooperativa de habitação, que mais tarde enviará a conta à Câmara Municipal de Lisboa.

O caso em apreço é mais um exemplo das dificuldades que se



Um drama vivido na rua: desalojados da Curraleira rondam as sete dezenas, sem resposta adequada da Câmara

registam em Lisboa, caracterizadas pela total ausência de uma «reserva» de casas para situações de emergência, de que este incêndio é um pequeno exemplo, entre os possíveis.

A demora na resposta do executivo municipal é, por outro lado, um facto a ter em conta. Autarcas eleitos em Lisboa tinham logrado comparecer no local com cerca de sete horas de antecedência, como é o caso de vereadores da APU.

A ligeireza na solução do problema é igualmente de assinalar. Depositar três chaves nas mãos das pessoas sem ao menos encerrar questões mínimas como a água, a luz ou um arremedo de cama é algo que desgostou as vítimas do acidente.

Torre nos Jerónimos: pedido de inquérito

Os vereadores da APU formalizarão na próxima segunda-feira.

em reunião ordinária da Câmara de Lisboa, um pedido de inquérito às condições em que foi avaliado o projecto de construção de uma torre por detrás do Mosteiro dos Jerónimos.

A questão já fora abordada na reunião segunda-feira pelo arquitecto Fernando Torres, eleito por aquela força política. Um dos problemas subjacentes ao aval para concretização do projecto é a data do despacho de Krus Abecasis.

A APU alega que o processo foi despachado a 19 de Janeiro mas com data de 8 desse mês. O artificialismo visaria ultrapassar o facto de à data da assinatura estar empossado um novo executivo em que a AD perdera a maioria.

O processo de construção, em si mesmo, levanta duas questões, explanadas à Câmara na segunda-feira passada. Por um lado, o projecto definitivo é muito diferente do estudo prévio submetido à CML. Por outro, há dúvi-

das quanto à rapidez com que o projecto viria a ser aprovado.

O projecto inicial de construção atrás do Mosteiro dos Jerónimos surgiu em 1975, mas a área de construção limitava-se a 5624 metros quadrados repartida por dois edifícios de 11 e 13 andares.

O volume seria muito maior quando o projecto foi retomado, no ano passado: a área de construção passava para 12 500 metros quadrados, enquanto o único edifício previsto passava para 19 andares.

A localização da «nova torre» tornaria a questão pouco pacífica, a ponto de o Instituto Português do Património Cultural ter dado um parecer negativo, argumentando com o desrespeito pelo estudo prévio, ou seja, o de 1975.

A celeuma e o parecer negativo não impediram Krus Abecasis de apor a sua assinatura no projecto, despachando-o favoravelmente, nas condições referidas.

à venda o numero de março

ACTUALIDADE

*1 Congresso de Jornalismo
Os nossos defeitos foram por defeito
Mulheres ganham concurso internacional de fotografia*

SAÚDE

Síndrome pré-menstrual

REPORTAGEM

*Mulheres de Castro de Avelãs:
lavar, casar, e criar meninos*

DANÇA

*Dança jazz:
A coreografia no feminino*



MULHERES

ESPECIAL

8 DE MARÇO

A REVISTA MENSAL

DE MAIOR TIRAGEM

tem a palavra o leitor

A nossa Administração Pública

O luso cidadão, numa altura em que os seus governantes tanto falam na necessidade de se produzir, de se criar riqueza e, por conseguinte, condenam (como não podia deixar de ser, claro), o tempo «perdido» com greves, continua ele, curiosamente, a ver-se forçado a perder tempo sem fim nas bichas das mais variadas repartições públicas, a ver os seus projectos a sua vida adiada com «casos» que, julgando-os à partida de fácil resolução, se arrastam, contudo, por meses e anos... E se acaso, aspira a uma certa celeridade na resolução dos mesmos, é certo e sabido que terá de mover «conhecimentos», quando não entrar com uma «lembrança» para quem, atrás deste ou daquele «guichet» o atende (verdade por demais conhecida, para ser contestada).

Decididamente, entre o discur-

so oficial e os oficiais serviços prestados ao luso cidadão, algo há a não bater certo.

Mas, pergunta-se, como poderão as coisas funcionar de forma diferente, funcionar bem, quando a nossa Administração pública, para além de altamente burocratizante, continua a assentar numa estrutura arcaica, que mais faz lembrar estarmos a viver em plena Idade Média que não no século das conquistas espaciais?

Para ilustrar a questão atente-se, por exemplo, só no seguinte: um funcionário numa qualquer repartição de finanças, face a requerimento apresentado por certo contribuinte que pretende isento de contribuição predial, por haver construído ou adquirido casa para habitação própria, necessita de recolher determinados dados (dados esses, acrescenta-se, a partir dos quais irá ser passada Ordem de Serviço à Fiscalização para «informar», o che-

fe «despachar», o director «confirmar» e o funcionário, finalmente, «notificar»).

Pois bem, pensa-se que o funcionário em causa, para conseguir os dados de que necessita carregará no botão dum qualquer computador e que estes lhe aparecerão na frente numa fracção de segundo?

Se assim se pensa, pensa-se mal, já que ele irá **carregar**, isso sim, é com volumosos e pesados tomos de verbetes de lançamento e matrizes dum lado para o outro, irá atar e desatar «fardos» de papéis em arquivos, muitas vezes, «protegidos» pelo pó e «decorados» com teias de aranha, tais as instalações em que certas repartições de finanças (e não só) funcionam!

Conclusão: fruto dos «sofisticados» meios técnicos de que dispõem, tipo CEE, e da quase «nula» burocracia existente (para já se não falar nos quadros de

pessoal «sempre» completos, ou, conforme para aí se diz, até não houvesse pessoal a mais), repartições de finanças nestemomento há que tais processos de inscrição de contribuição predial se acumulam aos milhares (!), muitos dos quais aguardando há anos (!) pela respectiva resolução.

Mas quem fala de processos desta natureza fala de outros, quem fala de repartições de finanças, fala de secretarias de tribunais de trabalho, por exemplo.

Entretanto, obrigado a laborar num aparelho arcaico, asfixiado de papéis, suportando, a maior parte das vezes, injustamente, os justos protestos do público, com uma situação económica que hoje apenas terá de trativo (se é que alguma vez teve algo mais) e ainda se receber o ordenado ao fim do mês, ao invés do que acontece com um cada vez maior número de portugueses, o fun-

cionário público deste «jardim» (mas ao que parece, murcha) à beira-mar plantado» vai-se vendo confrontado entre o teimar em ser bom funcionário, mas dar, ao fim de pouco tempo, em maluco, ou, então, optar pelo «deixa andar, que milagre só com santos...». Para além da denúncia de toda uma situação, como agora aqui se faz.

A nossa Administração Pública, como atrás se dizia, mantém-se, estruturalmente, arcaica, está velha... mais parecendo um simples «depósito de papéis e papelinhos», onde o luso cidadão se vê forçado a ir, constantemente, em peregrinação, do que, propriamente uma entidade «administrativa».

Cabe perguntar até quando?...

Luís Ganhão
- Funcionário público

Autarca do Sabugal apoia governador da Guarda após demissão consumada

O presidente da Câmara Municipal de Sabugal, disse à ANOP ser favorável a que Adriano Vasco Rodrigues, recupe as funções de governador civil da Guarda.

Jeremias Amaral Dias, afecto ao Partido social-democrático (PSD), considerou que Vasco Rodrigues, «em termos pessoais», deve continuar à «frente dos destinos do distrito em prol do seu progresso».

A posição do autarca sabugalense segue-se a idênticas posições tomadas já por presidentes de Câmara do distrito da Guarda, que defendem a recondução de Vasco Rodrigues no cargo de governador civil do distrito.

Este político foi exonerado na sequência da indicação do seu nome para cabeça da lista de candidatos do CDS pela Guarda. Esta indicação não veio a concretizar-se devido à recusa de Vasco Rodrigues, motivada pela inclusão de Luís Barbosa para aquele lugar na lista de candidatura centrista.

A Polícia Judiciária do Porto aguarda uma alteração do despacho assinado por Meneses Pimentel, o qual condena quatro dos seus agentes a passagem à reforma compulsiva — soube-se hoje junto da Direcção da Judiciária.

Os quatro agentes de investigação da PJ encontram-se envolvidos num processo por abuso de autoridade e sevícias sobre elementos de uma quadrilha de assaltantes à mão armada.

A PJ do Porto, está a «impedir a notificação oficial aos seus colegas por considerar que há inocência por parte dos visados» e espera conseguir da hierarquia «um recuo no castigo a aplicar».

«Se houver condenação é preciso ter em conta o tipo de castigo a aplicar e a força da gravidade dos ilícitos ou ofensas, se as

houver» — afirmou uma fonte oficiosa da PJ.

«Mas para se apreciar uma conduta — prosseguiu — necessário ter em conta os direitos do homem e do cidadão, os direitos e deveres dos funcionários, a gravidade dos ilícitos ou ofensas, a sociedade e a paz social, sem o que não se pode emitir um juízo correcto», por falta daqueles elementos.

A direcção da PJ do Porto, que se manifestou desde logo solidária com os seus quatro agentes e que tudo fará do que estiver ao seu alcance para ajudar aqueles funcionários — apela à aplicação da justiça, o que não quer dizer impunção — salientou.

Considerando que o que está em jogo é o problema de uma corporação e de uma sociedade e não de funcionários, a mesma fonte adiantou que tem de «haver

uma adequada aplicação de penas, no caso de os agentes de investigação virem a ser punidos».

Acrescentou ainda que a subdirectoria da PJ encetou acções «no sentido de evitar recursos que são caros e demorados», e no campo jurídico evitaremos o recurso contencioso (se houver inocentes), como estabelece a lei.

Os quatro agentes de investigação da PJ visados na altura da abertura do processo, pertencem à secção de homicídios e foram encarregados das investigações de uma quadrilha de cinco cadastros, um dos quais acusado de ter violado a própria mãe.

Entre os crimes cometidos encontram-se o assassinio de um cidadão em Mira, quando descansava numa tenda de campismo, na presença dos próprios filhos da

vítima, depois nos Carvalhos, Gaia, mataram o motorista de um camião, que apareceu no momento em que a quadrilha assaltava uma bomba de gasolina.

Seis meses mais tarde, os cadastros (já condenados a pena máxima queixaram-se contra os «homens da PJ», cujo despacho de Meneses Pimentel obriga Júlio Mesquita, Carlos Baptista, António Sorieor e Luís Ferreira à passagem à reforma compulsiva.

Entretanto alguns «defensores incondicionais» dos 4 agentes «estranhavam o facto de o inspector Bacelar Alves, responsável pela respectiva secção, não estar incriminado no processo das sevícias». Na verdade, o facto de se dirigir um serviço não vincula obrigatoriamente aos actos individuais de cada subordinado.

Agentes da PJ acusados de sevícias têm solidariedade de superiores

GRADUS

gabinete de estudos técnicos, sarl

travessa marquês sá da bandeira, 19-1.º e 7.º eq.
1000 lisboa telefones 76 33 71, 73 20 30,
76 06 60

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária da Sociedade para reunir na Sede Social, no próximo dia 28 de Março de 1983, pelas 21.30 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Discutir, votar e aprovar ou modificar o Balanço e Contas do Exercício de 1982, bem como o Relatório do Conselho de Administração e o Relatório e Parecer do Conselho Fiscal.

Lisboa, 8 de Março de 1983

Pel'O Presidente
da Mesa da Assembleia Geral
Hugo dos Santos Raposo



SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

Praça Marquês de Pombal, 6-3.º - Lisboa - Tel: 4 17 51

Convocatória

Em cumprimento do estabelecido no art.º 32.º alínea a) com referência ao art.º 31.º alínea c) dos Estatutos, convoco todos os sócios deste Sindicato para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar no dia 22-3-83 às 21 horas na sede do Sindicato.

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Apreciação e deliberação sobre o Orçamento Geral, proposto pela Direcção para o ano 1983.

Nota: A Assembleia realizar-se-á com a tolerância de meia hora, com o número de associados que estiverem presentes.

Lisboa, 4 de Março de 1983

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(assinatura ilegível)



SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

Praça Marquês de Pombal, 6-3.º - Lisboa - Tel: 4 17 51

CONVOCATÓRIA

Em cumprimento do estabelecido no art.º 32.º alínea b) com referência ao art.º 31.º alínea b) dos Estatutos, convoco todos os sócios deste Sindicato para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar no dia 22-3-83 às 22 horas, na sede do Sindicato.

ORDEM DE TRABALHOS

Relatório e Contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal

Lisboa, 4 de Março de 1983

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(assinatura ilegível)

Mais nove bancos em Macau com "boa" lista de espera

O governador de Macau, Almeida e Costa, afirmou ontem, em Lisboa, que foi autorizada a abertura naquele território de mais nove bancos, três dos quais portugueses, estando em lista de espera 32 pedidos.

Em declarações à sua chegada a Lisboa, onde terá encontros com o Presidente Eanes e com o Governo, Almeida e Costa desmentiu que pretendesse «utilizar para seu prestígio político» a semana de Macau, a iniciar-se dia 19, na capital portuguesa.

Sublinhou que fez coincidir esta sua deslocação com a semana de Macau em Lisboa, mas que «o Governo de Macau não tem necessidade de se promover, pois os detentores do poder passam e é importante que Macau fique».

Sobre a recente corrida ao Banco Luso-Internacional, em Macau, referiu que «não teve qualquer significado, uma vez que o problema foi resolvido em 48 horas, após o levantamento de 50 milhões de dólares».

O instituto Emissor de Macau e a Associação de Banqueiros conseguiram controlar essa corrida em 48 horas, o que sucedeu na sequência das actividades daquela unidade bancária que recorria a métodos especiais para atrair poupanças, nomeadamente, através de taxas de juro mais elevadas, acrescentou.

Sobre notícias veiculadas por um jornal publicado na África do Sul, quanto a um alegado relatório efectuado em Moçambique, envolvendo figuras públicas portuguesas em «negócios em curso» em Macau, Almeida e Costa disse: «Nada consta, nem constou, qualquer coisa sobre isso».

Anunciou também que o início do funcionamento da Televisão local, previsto para o começo deste ano, foi adiado.



Moda para criança: Empresa da Póvoa de Varzim vai começar a exportar

Uma empresa da Póvoa de Varzim apresentou há dias, no Castelo de S. Jorge, a moda para o Outono/Inverno deste ano, destinada à criança, e vai começar a exportar.

Falamos da «Intebis», Industriais Têxteis de Beiriz, daquele concelho, representada em Lisboa por Zorro Baptista, que há duas décadas se vem dedicando à fabricação exclusiva de confecções de malhas para homem e senhora, e pronto a vestir para senhora, em associação com os famosos estabelecimentos franceses «Vitoux», de Troyes, dos produtos «Vitos-Paris».

A moda para criança e os jovens modelos ao vivo deram a nota na recente passagem de modelos atrás referida, numa tarde em que a empresa trouxe a essa amostragem alguns clientes estrangeiros com vista a incentivar a colocação dos seus produtos noutros mercados, tudo indicando que a exportação se comece a fazer sentir já este ano.

Relativamente aos artigos de pronto a vestir para senhora, é de reter a forma como foi particularmente notado o gosto dos modelos camisetas, vestidos, saias, calças, «blaser» e conjuntos, fabricados com matérias-primas nacionais e estrangeiras de qualidade.

Uma firma portuguesa, Cargomar Ld.ª, especializada em transacções internacionais, nomeadamente de aviões civis e militares, está ligada a uma importante burla, envolvendo o fornecimento de 90 carros de combate ao Irão, no valor de 76 milhões de contos.

A fraude, efectuada no ano transacto, é revelada na edição

de hoje de «O Expresso» que acrescenta estarem envolvidas nas investigações as polícias da Áustria, Grã-Bretanha, Portugal e Suíça.

Em traços gerais, a burla começou com a obtenção por uma firma inglesa de um contrato para fornecimento de blindados de fabrico norte-americano. Todavia, como os EUA decretaram o

embargo ao Irão, recorreu-se à citada firma portuguesa que, por intermédio do seu sócio, Carlos Perestrelo, terá conseguido de uma firma austríaca, que fabrica carros de combate semelhantes, embora mais leves certificados que indicavam estar em marcha a concretização do contrato.

Depois foi a obtenção de certi-

ficados (falsos) de alegado desembarque dos blindados no porto de Dubai e um primeiro levantamento de 30 milhões de contos num banco suíço.

Dois sócios da Cargomar estiveram detidos dois dias pela PJ, dois cidadãos suíços foram igualmente presos e o secretário

geral da Câmara de Comércio Árabe Portuguesa, Karim Bouabdallah aparece também envolvido no processo a correr entre nós — no 5.º Juízo de Instrução Criminal.

Os sócios da firma portuguesa terão recebido dois milhões e meio de dólares pelo seu papel na operação.

Museu Nacional da Construção a instalar no Porto

O Museu Nacional da Construção, uma iniciativa da Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte (AICOPN), vai ser instalado no Porto, no prazo máximo de dois anos.

Em conferência de Imprensa o presidente da AICOPN, Amorim Martins, afirmou que a criação do Museu «contribuirá significativamente para aumentar o património cultural da cidade, com uma iniciativa que não existe no país».

«Fundamentalmente pretende-se legar tudo o que diz respeito à construção e engenharia civil, através dos documentos hoje ainda capazes de ser preservados e tornar possível a recolha e conservação de toda a evolução da construção», acrescentou.

Realçou ainda que para além do aspecto cultural, esta iniciativa tem outro significado: a indústria da construção.

«Através de documentos fotográficos, miniaturas, modelos, maquetas e ferramentas, com as obras de engenharia, pretende-se ilustrar não só as formas de construir nos seus diferentes aspectos, como também mostrar a evolução da arquitectura nas diversas regiões ao longo do tempo», frisou.

A criação do Museu Nacional da Construção no Porto vai ter a colaboração da Faculdade de Engenharia, da Escola de Arquitectura, da Ordem dos Engenheiros, da Associação dos Engenheiros Técnicos, da Associação de Construtores Civis e do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Amorim Pais disse que a AICOPN «pretende que o Museu seja uma realidade imediata», e, para isso, será instalado no prazo de dois anos, na actual sede da Associação, na Rua de Álvares

Cabral, a sua primeira fase com fotografias, maquetes e miniaturas.

«Posteriormente, num prazo que varia entre cinco a dez anos, instalaremos a segunda fase do Museu com a colocação de ferramentas e máquinas antigas que andam por aí ao deus-dará», acrescentou.

A instalação do Museu no actual edifício que tem um traçado arquitectónico «digno de ser conservado» vai obrigar à construção de novas instalações que ficarão suspensas entre o actual auditório da Associação e um novo, com capacidade para 400 pessoas, a construir em terreno contíguo já adquirido.

As obras orçadas em cerca de 20 milhões de escudos, incluem a instalação no auditório de tradução simultânea, centro de projecção de filmes e locais de exposição.

Portugueses no Mundo: «uma cultura a preservar»

Júlio Momam Eduardo Lourenço e Anabela Chaves (França); Alexandre Pinheiro Torres e Hélder Macedo (Grã-Bretanha); e Sequeira Costa e Alberto Lacerda (EUA), são alguns dos cerca de

oitenta intelectuais portugueses emigrados ou a trabalhar, presentemente, no estrangeiro, que entre 25 e 27 do corrente se reunirão no Porto em conversa com os seus confrades residentes nestes

89 mil km².

O encontro é promovido pela Secretaria de Estado da Emigração e abrirá com uma intervenção de circunstância do seu titular, José Vitorino.



Prémios da Nigéria para estudantes portugueses

Decorreu ontem no Centro de Serviços Informativos da Embaixada da República Federal da Nigéria, em Lisboa, uma cerimónia, presidida pelo Conselheiro para a Informação daquela representação diplomática no nosso país, sr. Abiola Joseph. Nos seus esforços para divulgar a realidade nigeriana, bem como os laços históricos que unem aquele país africano a Portugal, levou o referido Centro a cabo um concurso dirigido aos estudantes das escolas secundárias portuguesas.

Cinco perguntas sobre Portugal, a Nigéria e as relações passadas e presentes entre os dois países constituíram o questionário ao qual os alunos deveriam responder.

O concurso foi bastante participado, tendo sido distribuídos três prémios e menções honrosas. Os três primeiros prémios foram atribuídos a Paulo Lopes Moreira, da Escola Preparatória de Santo António dos Cavaleiros, Manuel Jorge Cardão, da Escola Preparatória da Galiza, e Patrícia Yvonne Moreira, do Colégio Académico.

O primeiro prémio é o livro «A minha visão da Nigéria», do presidente Shagari, o segundo, livros no valor de 1500 escudos, o terceiro, livros no valor de 1000 escudos.

Os prémios foram distribuídos pela senhora C.A. Udoh, esposa do embaixador da RFN, e a sra. R.M. Lawalo.

JORGE AMADO DUAS REEDIÇÕES

MAR MORTO

As histórias da beira do cais da Baía
O romance da vida
e do amor no mar...
...e as suas canções

410\$

5.ª edição
25 000 exemplares



O CAVALIRO DA ESPERANÇA

A vida de Luís Carlos Prestes
Um documento perturbante

2.ª edição
13 800 exemplares



A venda nas livrarias ou encomendando directamente ao editor

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — 2726 MEM MARTINS CODEX



AVISO

AOS IMPORTADORES E EXPORTADORES

BROEMME (PORTUGAL) — Transportes Internacionais, Ld.ª informa todos os seus clientes e amigos que alguns Prospectores saíram da Empresa como já anteriormente o havia feito o seu Chefe de Serviços por se terem recusado a aceitar a disciplina interna desta.

Alerta-se para o facto daqueles Prospectores não serem Transitários, mas simplesmente pessoas que fazem contactos com clientes bem como para possíveis campanhas difamatórias por parte dos mesmos.

A GERÊNCIA

VENDE-SE

Grande Firma de Carpintaria Madeira, Alumínio, Móveis e Estores.

Bem situada, área 650 m², região próspera com carteira de Encomendas equipamento moderno Carro caixa ab. novo.

Trata — CARMODAL CARPINTARIA MÓVEIS E DECORAÇÃO, Ld.ª

Rua da Bica dos Quartéis n.º 2 Tel. 22772
Agradece-se visita ao Local.

Sociedade Cooperativa Piedense, SCRL,

ASSEMBLEIA GERAL SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do parágrafo 2.º do Art.º 16, Capítulo IV, e parágrafo 3.º do n.º 3 do Art.º 7.º Capítulo II, dos nossos Estatutos convocamos os Senhores Associados a reunir em Assembleia Geral a realizar no próximo dia 21 pelas 20 horas na Sala de Sessões da nossa Sede Social com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º Ponto — Votação de uma proposta dos corpos gerentes para a elevação à categoria de Sócio Honorário do associado n.º 21.
 - 2.º Ponto — Informações sobre a situação do loteamento industrial da Quinta da Argem.
 - 3.º Ponto — Situação económica-financeira.
 - 4.º Ponto — Medidas a tomar segundo proposta a apresentar pela Direcção.
 - 5.º Ponto — Deliberar sobre um sócio suspenso.
- Se à hora marcada não comparecer número legal de Associados, reunirá a mesma Assembleia em segunda convocação, uma hora depois, com qualquer número.

Cova da Piedade, 7 de Março de 1983.

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL

José Alves de Almeida

a palavra com...

Beja
Santos

Paz, Desarmamento e Cooperação Europeia

Da guerra fria ao desanuviamento

Os problemas da paz, desarmamento e cooperação estão intimamente articulados, reflexo da globalização que cada vez mais caracteriza as relações entre Estados, as suas economias humanas e valores históricos. Ainda que se verifique a tentativa de polarizar em torno das superpotências a discussão e análise da problemática da paz e da guerra, a tendência actual é para tomarem a palavra os demais sujeitos da comunidade internacional, reduzidos que estiveram até há pouco a meros espectadores do antagonismo ideológico que as opõe.

O facto de ninguém, em boa-fé, poder avançar a hipótese de haver vencedores e vencidos num conflito termonuclear, e o grau de consciência do perigo da escalada global e generalizada, alterou o cenário político mundial, o qual se pode caracterizar actualmente por uma situação de duopólio militar mas não de duopólio político. É que, hoje em dia, a interdependência de interesses faz nascer o risco do alastramento do conflito se os EUA e a URSS nele se encontram directamente envolvidos, ainda que tal situação não degenera forçosamente em confronto nuclear, a tensão permanente que paira sobre a Humanidade não é vida para os povos nem conduz a qualquer forma de realização no quadro de qualquer civilização material ou moral.

O significado e o valor da paz

Na doutrina aprovada no Concílio Vaticano II, que trouxe uma nova fisionomia à Igreja Católica desde os anos 60, evidencia-se a participação dos cristãos, os quais devem ser chamados «a implorar e construir a paz, em união com todos os pacíficos e vivendo em sinceridade e futura caridade».

A paz é, do ponto de vista teológico, a combinação da paz interior ou individual e da paz exterior, ou social. Ambas se intertêm mutuamente e são prometidas como realidades dos tempos messiânicos e obra característica do Messias, Príncipe da Paz.

Sob o ponto de vista da filosofia política, o vocabulário pacifismo entrou no quotidiano nas vésperas do primeiro conflito mundial; no entanto, o próprio conceito de pacifismo é muito anterior e traz um sistema de relações entre povos e grupos ou indivíduos que preconizam a paz em vez da guerra como solução para a convivência e afirmação do homem à superfície da Terra.

Desde o Antigo ao Novo Testamento, passando pela filosofia religiosa de Buda, Confúcio e Lao-Tsé, o verdadeiro conceito de pacifismo assume aspectos de internacionalismo, humanitarismo e de aliança com o cosmopolitismo, independentemente de toda a referência religiosa. Na óptica do Direito Internacional Público, o pacifismo pretende regular as relações internacionais através do Direito. Com essa finalidade faz a apologia do desarmamento; ou da limitação dos armamentos, e procura encontrar processos de solução pacífica dos conflitos que ocorrem entre os povos. A própria conexão entre paz e ordem preocupou os mais eminentes pensadores, filósofos e juristas dos últimos séculos, de que cumpre destacar Santo Agostinho («A Cidade de Deus»), Dante («A Monarquia»), Tomás Campanella («A Cidade do Sol»), Tomás Morus («A Utopia»), Kant («A Paz Perpétua»). Seria apenas no nosso século que surgiram organizações com pretensões à universalidade e com vinculados fins políticos para defesa dos pressupostos da paz: a Sociedade das Nações e a Organização das Nações Unidas, esta destinada tanto à segurança co-

lectiva como a cooperação em vastíssimos domínios. «A Pacem in Terris», do Papa João XXIII, é a última grande intervenção do pensamento católico com vista à necessidade da criação de instrumentos jurídicos para preservar e cimentar a paz universal.

Nos nossos dias, a paz e a resolução pacífica dos conflitos encontra-se perfeitamente regulamentada na carta da ONU. Na sua introdução pode ler-se:

«Nós, os povos das nações unidas, resolvimos: a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que, por duas vezes, no espaço da nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à Humanidade;

a reafirmar a nossa fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres, assim como das grandes e das pequenas nações; a estabelecer condições para a manutenção da justiça e do respeito pelas obrigações decorrentes dos tratados e das outras fontes do Direito Internacional; e a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla.

E PARA TAIS FINS:

a praticar a tolerância e viver em paz, uns com outros como bons vizinhos;

a unir as nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais;

a garantir, pela aceitação de princípios e pela instituição de métodos, que a força armada não será utilizada a não ser no interesse de todos; e

a empregar um mecanismo internacional para promover o progresso económico e social de todos os povos, RESOLVEMOS CONJUGAR OS NOSSOS ESFORÇOS PARA ALCANÇAR ESSA PAZ».

São deste modo fins das Nações Unidas «manter a paz e a segurança internacionais, e, para isso, tomar em conjunto medidas efectivas para evitar ameaças à paz e reprimir os actos de agressão ou outras quaisquer violações da paz e chegar por meios pacíficos e de conformidade com os princípios da Justiça e do Direito Internacional, a um ajustamento ou solução dos litígios ou situações que possam levar a uma perturbação da paz».

De um modo geral, os textos constitucionais de todos os países do mundo são demonstrativos da concepção universal dos povos pela paz, inserindo todos eles referências programáticas para a sua obtenção e consolidação de que a Constituição Portuguesa não foge à regra (Veja o n.º 2 do Art.º 7.º: «Portugal preconiza a abolição de todas as formas de imperialismo, colonialismo e agressão, o desarmamento geral, simultâneo e controlado, a dissolução dos blocos político-militares e o estabelecimento de um sistema de segurança colectiva, com vista à criação de uma ordem internacional capaz de assegurar a paz e a justiça nas relações entre os povos»).

Apesar da luta pacifista, herdeira de todo este manancial histórico acumulado ao longo dos séculos, alargar cada vez mais a sua influência, e influenciar a

opinião pública internacional, não deixa, no entanto, de ser apresentada como uma quinta coluna da estratégia soviética ou ainda como uma forma de corromper a vontade nacional, exemplificada na análise da fórmula do Potencial Nacional como sendo Produto da Vontade pela Capacidade Nacional, análise essa tão de agrado das escolas militares nas quais o pacifismo se destina, pura e simplesmente, a afectar a vontade nacional, diminuindo drasticamente o Potencial da Nação.

Para os pacifistas, os ataques que lhes são dirigidos reflectem a corrida armamentista ou atitudes belicistas ou militaristas perfeitamente definidas.

Reflexo de cada vez maior participação política dos cidadãos e da importância que a opinião pública passou a ter na condução da política internacional, surgiram vários organismos cuja actividade no âmbito da defesa da paz e do desarmamento têm sido notáveis.

Para além das organizações governamentais em características específicas, relevam especial importância as organizações internacionais não governamentais (conhecidas em léxico político por ONG) que atingem actualmente um número estimado em 2.500 a 3 mil, que aparecem sob a forma de agrupamentos, associações ou movimentos internacionais sem fins lucrativos, criados por particulares ou entidades visando exprimir nacional ou internacionalmente as mais diversas formas de solidariedade internacional.

A actuação das ONG atingiu o seu ponto culminante pela adesão e ligação à Sessão Especial da Assembleia da ONU consagrada ao desarmamento, em 1976, não mais deixando de se repercutir nos trabalhos da própria ONU.

Dentro das ONG assume especial destaque o Conselho Mundial da Paz, não só pelo seu desenvolvimento histórico (apareceu em Agosto de 1948, em Wrocław, cidade polaca devastada na 2.ª Guerra Mundial) como pelo grau de implantação conseguido a nível internacional.

Em resumo: A linguagem da paz não é feudo ou privilégio desta ou daquela Superpotência, desta ou daquela organização, pertence a todos os homens, agrupados ou não em nacionalidades, enfim, a todos quantos se movem pelos superiores interesses da segurança colectiva e da dignificação do homem. Todos quantos se alheiam na participação no esforço da paz ou fazem-no por indiferença e comodismo ou pretendem por via desse comportamento camuflar a própria corrida armamentista ou dar vazão aos seus desígnios expansionistas ou belicistas.

Do armamento ao desarmamento

O desenvolvimento, no último quartel do Séc. XIX, da capacidade tecnológica e económica dos principais estados, para melhorar as suas posições militares mediante aumentos quantitativos e qualitativos em armas, mostrou que a acutância da capacidade militar poderia substi-

tuir as inconstantes alianças como o elemento dinâmico do Poder.

As duas grandes guerras são produto da desconfiança recíproca que se instalou na relação entre estados e são a demonstração prática das vias perigosas a que conduz o isolamento dos povos.

A era nuclear corresponde à entrada na cena internacional da energia fissil. Inicia-se na prática com a primeira explosão de bomba atómica (em 16 de Julho de 1945). A fase actual, caracterizada por um aperfeiçoamento cada vez mais sofisticado das armas nucleares, em alcance e precisão, tornando ainda mais vulneráveis os passos geográficos em que se inscrevem os Supergrandes, veio introduzir um factor qualitativamente novo: o da irracionalidade não só dos danos resultantes de um confronto entre eles, como pela impossibilidade prática de cada um obter a surpresa total sobre o outro — seria o suicídio mútuo e a destruição da Humanidade.

Sob o ponto de vista do Direito Internacional Público, o termo desarmamento designa não só a abolição mas a limitação ou redução do material bélico dos estados.

Previsto como um dos fins da Sociedade das Nações, não faz grandes progressos entre as duas grandes guerras. Viria a ser retomado na Carta das Nações Unidas, com vista a preencher um duplo fim: o de evitar os conflitos armados, por um lado, e o de tornar possível o desvio para o desenvolvimento económico dos gastos afectos ao armamento pelos estados. De 1945 até ao presente, o problema do desarmamento tem-se desdobrado em duas áreas distintas: o desarmamento convencional e o desarmamento nuclear.

O facto das duas potências detem o essencial dos arsenais nucleares teve grandes consequências nas condições em que as conversações têm tido lugar. Além disso, é necessário distinguir entre o desarmamento propriamente dito, que supõe a redução e a destruição dos armamentos existentes e a proibição dos reconstruir, da regulamentação dos armamentos que pode consistir em submeter somente a expansão dos armamentos a limites quantitativos e qualitativos, fixados pelas regras jurídicas (por exemplo: a interdição dos ensaios nucleares, a não discriminação das armas nucleares, as zonas desnuclearizadas, etc.).

Estes são alguns problemas técnicos relacionados com o desarmamento. Os problemas políticos são, porém, de maior vulto. Na verdade, se os problemas técnicos podem ser ultrapassados pela via do progresso científico e tecnológico, as dificuldades políticas não serão ultrapassadas jamais sem uma melhoria considerável das relações internacionais, inspiradas na base da confiança recíproca das partes em presença. Acima de tudo, o grande problema político repousa na própria vontade política de fundamentar e regulamentar juridicamente as bases de uma frutuosa distensão e convivência pacífica. Não há dúvida que a disparidade de si-

tuações é por demais evidente, aliás evidenciada pela profusão de elementos oriundos dos respectivos espaços ideológicos. Mas, a partir do momento em que se está disposto a avançar no programa do desarmamento, os detentores da hegemonia nuclear serão implicados a prescindir humildemente do duopólio em que se investiram por conta própria.

Também no quadro da ONU, a questão do desarmamento ocupa um espaço significativo ao atribuir à Assembleia Geral responsabilidades especiais nesta matéria (para melhor compreensão do leitor abaixo se transcreve o n.º 1 do Art.º 1.º da Carta das Nações Unidas: «A Assembleia Geral poderá ocupar-se dos princípios gerais de cooperação para a manutenção da paz e segurança internacionais, incluindo os princípios sobre o desarmamento e regulamentação dos armamentos, e poderá fazer recomendações relativas a esses princípios aos membros ou ao Conselho de Segurança, ou a este e àqueles conjuntamente», e o Art.º 2.º relativo ao Conselho de Segurança da mesma Carta: «Afim de promover o estabelecimento e a manutenção da paz e da segurança internacionais, aplicando em armamentos o menos possível dos recursos humanos e económicos do mundo...»).

Enfim, as dificuldades do desarmamento e do controlo do armamento subsistem: — É a falta de confiança entre os EUA e a URSS; — é a própria insuficiência dos pré-requisitos do desarmamento e do controlo do armamento — o mundo ainda não possui um mecanismo seguro para a resolução de conflitos, daí que cada um confie na capacidade de defesa própria (a Comissão de Estado-Maior a que se refere o Art.º 47.º da Carta da ONU continua por criar); — é uma dificuldade de natureza técnica, como, por exemplo, a medição do poder dos diferentes estados; — é a dificuldade na distinção entre armas ofensivas e defensivas; — é a dificuldade de impedir ou prevenir a investigação secreta de novos armamentos...

Enquanto estas dificuldades não forem ultrapassadas, o desarmamento inoperativo permanecerá como o ideal, não passando os acordos e tratados celebrados dos primeiros passos nessa via, e bem como assim as iniciativas de paz ultimamente surgidas no quadro da instalação dos euromisséis.

A opinião pública tem vindo a ser bombardeada com uma tal profusão de notícias que só poderíamos pronunciar a intensificação do diálogo, na certeza de que não é o volume de propaganda que é decisivo nesta matéria (antes pelo contrário) mas sim os resultados concretos, a que não será indiferente a comunicação veiculada pelas principais agências noticiosas e os comentários objectivos a cargo de comentaristas que não estejam ao serviço deste ou daquele hegemonismo ideológico ou partidário.

Inescapavelmente, aquilo que começou por ser um conflito político e ideológico entre as duas superpotências tende a transformar-se finalmente numa questão multilateral por virtude do despertar das consciências individuais e nacionais, até aqui alheadas.

É esta Europa (a do CAME, a da CEE, a dos neutrais, a da balcanização, e da finlandização, a da albanização, a da OCDE, a da NATO e a do Tatado de Varsóvia), é este Terceiro Mundo da América Latina ao Índico que irão determinar as novas condições do diálogo.

Aqui entra em cena a política da cooperação, a Nova Ordem Económica Internacional, o diálogo Norte-Sul, a economia do desarmamento, temas que serão objecto de um próximo artigo.

Segundo

embaixador

da RFA

Bloco Leste tem condicionado relações com Ocidente

Jorg Kalst, embaixador da República Federal da Alemanha à Conferência sobre Segurança e Cooperação da Europa, a decorrer em Madrid, afirmou ontem, em Lisboa, que as negociações sobre controlo de armamentos são vitais para a segurança de Bona. Kalst, que falava durante uma conferência promovida pelo Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, acrescentou que o controlo de armamento deve ser estabelecido pelas partes interessadas e não unilateralmente.

O diploma alemão afirmou que as relações Leste-Oeste têm sido condicionadas pelo comportamento do bloco de Leste e pelos seus ganhos políticos, mas que esses ganhos também são devidos às deficiências do Ocidente. No que respeita ao «bloco de Leste», Kalst considerou perfeitamente compreensível que, depois das invasões que a Rússia sofreu nos séculos passados e já no presente século, a sua segurança seja agora objectivo primordial nacional. Contudo, disse, o actual arsenal soviético excede as suas necessidades. Para Jorg Kalst, a invasão do Afeganistão, a responsabilidade directa de Moscovo na repressão da Polónia são exemplos de algumas das violações da Acta Final de Helsínquia praticadas pela União Soviética.

Quanto ao Ocidente, o embaixador alemão considerou que a guerra do Vietname, o escândalo Watergate e o caso iraniano afectaram o papel de liderança e protecção, até aí exercido livremente pelos Estados Unidos.

Referindo-se à Conferência de Madrid, Kalst considerou que não existem razões para estar eufórico com os resultados do fórum madrileno, no entanto, acrescentou, ela poderá dar um importante contributo para o desanuviamento.

Recorda-se que a Conferência sobre Segurança e Cooperação Europeia iniciou-se a 11 de Novembro de 1980. Interrompida por várias vezes, a conferência veio a retomar os trabalhos a 9 de Novembro de 1982.



Lisboa é rua
não deixa livro na rua

COMEMORAÇÕES DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

INAUGURAÇÃO DO CIRCUITO DE MANUTENÇÃO DAS PISCINAS MUNICIPAIS

DOMINGO, DIA 13/3/83, ÀS 10,00 HORAS

PRÁTICA DESPORTIVA

Com o acompanhamento de um professor de Educação Física, que explicará a forma de utilização do circuito.

DISTRIBUIÇÃO DE BIBLIOGRAFIA

Sobre a utilização do circuito e controlo da condição física dos utentes.

A Câmara Municipal convida toda a população e em particular as mulheres do concelho a estarem presentes.



CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

“Caso Rumor” agita mundo político grego

O mundo político grego continua a ser violentamente agitado por aquilo que se tornou o «caso Rumor», do nome do deputado democrata-cristão italiano Mariano Rumor, que pediu, na passada quarta-feira, no Conselho dos Ministros da CEE esclarecimentos acerca das «mobilizações suspeitas e inexplicadas» na Grécia, no fim do mês passado.

O porta-voz oficial grego, Dimitris Marudas, exprimiu a «indignação» do seu Governo perante «esta ingerência» nos assuntos internos gregos. O ataque «suspeito» de Mariano Rumor foi teleguiado pela «Nova Democracia», principal partido da oposição grega (conservador), pensa, pelo seu lado, a imprensa pró-governamental grega. Esta congratula-se com o protesto dos grupos socialistas no Parlamento europeu, contra o antigo presidente do conselho italiano, e com a posição adoptada pelo presidente do Parlamento, Pieter Dankert. Este último, recorda-se, tinha salientado que a questão de Rumor só envolvia o deputado italiano.

Pelo seu lado, os jornais próximos da oposição aprovam a diligência de Rumor, que a seu ver, não faz mais do que velar pelo respeito do Tratado de Roma, nomeadamente das suas cláusulas relativas à manutenção da democracia entre os países membros da CEE.

Emitante o presidente da «Nova Democracia», Evangelo Saveorff, estes jornais afirmam que o verdadeiro problema não é a questão de Rumor, mas a recusa do governo socialista grego de se explicar acerca dos acontecimentos de 26 e 27 de Fevereiro último, que originaram boatos de golpe de Estado.

O governo grego, recorda-se, sempre desmentiu que os exercícios militares e as mobilizações dos partidos políticos de esquerda que se registaram no fim do mês passado tenham sido provocados por uma tentativa de golpe de Estado. O Parlamento grego, recorda-se ainda, rejeitou na semana passada o pedido da oposição de organização de um debate urgente a este respeito.



Pierre Mauroy, primeiro-ministro francês: poderão levar a remodelação

Aman

Esq

Terá amanhã lugar a volta das eleições municipais de radicalização política e a parte das forças de esquerda nas presidências de câmaras onde nenhuma das listas seguiu obter a maioria, isto dos votos.

Ao acto eleitoral de amanhã concorrem apenas as listas que obtiveram um mínimo de dez por cento do total dos sufrágios sendo, no entanto, possível a junção de várias listas — que tenham alcançado 5 por cento — bem como a alteração da ordem dos candidatos.

Depois da perda de votos que a esquerda, no Poder, sofreu na primeira volta, o resultado da votação é ansiosamente esperado pelos estados-maiores partidários. Das 66 cidades em disputa, e de acordo com a lógica aritmética, a esquerda tem seguras 25 câmaras, e a direita, nove. As restantes trinta e duas, onde o equilíbrio das forças em presença não ditou nem uma maioria à primeira volta nem um fácil prognóstico para a vitória final, serão, assim, renhidamente disputadas.

Esquerda apela ao voto

Por isso, as forças de esquerda radicalizaram as suas posições e apelam, desde o início da campanha eleitoral para a segunda volta, na passada quarta-feira, ao voto. Com efeito, uma primeira análise dos resultados eleitorais do passado domingo, demonstra

Hayim Herzog candidato trabalhista à presidência

O deputado trabalhista Hayim Herzog, de 65 anos, foi designado pela direcção do seu partido como candidato à presidência do Estado de Israel, cujo titular, Yitzhak Navon, termina o seu mandato em fins de Maio.

Herzog, general na reserva e antigo embaixador de Israel na ONU, disputará a eleição com o representante da maioria, Menahem Eilon, de 60 anos, professor de direito e juiz do Supremo Tribunal, cuja candidatura foi ontem anunciada. O Knesseth (parlamento) elegerá em 22 do corrente o novo chefe do Estado, por voto secreto e maioria simples.

Hayim Herzog nasceu em 1918 em Belfast (Irlanda do Norte) onde seu pai foi grande rabino da Irlanda antes de ser grande rabino de Israel. Tendo chegado em 1935 à Palestina, exerceu a advocacia e serviu no Exército britânico como major.

Antigo chefe das informações militares do Exército israelita e antigo embaixador na ONU, foi eleito deputado em 1982.

E cunhado de Abba Eban, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros.

Soldado libanês morto pelos israelitas

Soldados israelitas mataram, ontem de manhã, um jovem libanês que tinham acabado de prender, segundo se soube de fonte judaica.

Interrogado pela France Presse, o porta-voz das Forças Armadas de Israel não indicou o local onde o caso ocorreu.

Segundo as autoridades militares judias, o jovem libanês tentou fugir aos soldados que o detiveram para um interrogatório, sendo por estes morto.

“Zona Económica Exclusiva” dos EUA

“Expectativa inquieta” no Canadá

O Ministério dos Assuntos Externos anunciou que o Canadá observa uma atitude de «expectativa inquieta», depois da proclamação unilateral, pelos Estados Unidos, de uma zona económica exclusiva de 200 milhas marítimas.

«Esta proclamação motiva sérias apreensões. Mas só após a aprovação dos textos legislativos para a sua aplicação será possível determinar até que ponto os Estados Unidos se afastam da Convenção das Nações Unidas relativa ao Direito Marítimo — acrescentou a mesma fonte.

«A proclamação do presidente Reagan e o seu discurso — acrescenta-se — parecem uma rejeição total das Nações Unidas, «designadamente no que se refere à não exploração mineira dos fundos marinhos nas águas internacionais.

O Canadá foi um dos principais artífices da Convenção da ONU para o Direito Marítimo, assinado por 120 países em Kingston, Jamaica (em Dezembro do ano passado) a qual os Estados Uni-

dos se recusaram a rubricar.

Recorda-se no Ministério dos Assuntos Externos que o Canadá não proclamou uma zona económica exclusiva de 200 milhas ao longo das suas costas, embora aplique já a a maioria dos elementos de tal jurisdição.

Cuba denuncia

O órgão oficial do Partido Comunista cubano, «Granma» denunciou a proclamação feita pelo presidente Reagan de uma zona económica exclusiva de 200 milhas marítimas (370 km) ao largo das costas americanas.

Anunciando a notícia sob o título «Os Estados Unidos ignoram grosseiramente a Convenção sobre o Direito do Mar», o jornal cubano salienta o carácter «unilateral» da proclamação do chefe de Estado americano e afirma que ela infringe a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, assinada em Dezembro último por 120 países.

Cuba dista apenas 150 quilómetros das costas americanas, recorda-se.



MUNICÍPIO DE ALMADA ASSEMBLEIA MUNICIPAL EDITAL

EU, ARTUR NEVES DE ALMEIDA, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

Faço público que se realizou uma Sessão Ordinária da Assembleia Municipal em 26 de Fevereiro de 1983 nas instalações da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense na Cova da Piedade na qual foi deliberada a nova composição do Conselho Municipal de Almada com as seguintes organizações:

Conselho de Moradores de Almada	2	representantes
Conselho de Moradores de Caparica	2	representantes
Conselho de Moradores da Costa de Caparica	2	representantes
Conselho de Moradores da Cova da Piedade	2	representantes
Conselho de Moradores da Trafaria	2	representantes
Secretariado das Comissões de Moradores do Feijó	2	representantes
Secretariado das Comissões de Moradores do Laranjeiro	2	representantes
União dos Sindicatos de Almada	2	representantes
Colectividades de Almada	2	representantes
Cooperativas de Habitação	2	representantes
Cooperativas de Produção	2	representantes
Cooperativas de Consumo	2	representantes
Comissão de Trabalhadores da C.M.A.	1	representante
Comissão de Trabalhadores dos S.M.A.S.	1	representante
Comissão Coordenadora das C.T.'s de Almada	2	representantes
Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas	1	representante
Associação dos Comerciantes do Concelho de Almada	2	representantes
Associação dos Reformados e Pensionistas do Concelho de Almada	1	representante
União dos Reformados Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada	Conc.º de Almada	
Centros Paroquiais	2	representantes
Misericórdia de Almada	1	representante
Comissão Integradora dos Serviços de Saúde Locais	1	representante
Conselhos de Gestão das Escolas Preparatórias e Secundárias	1	representante
Direcções das Escolas Primárias	1	representante
Associações de Pais	1	representante
Associações de Estudantes	1	representante
Associações de Estudantes/Trabalhadores	1	representante
Centro Cultural de Almada	1	representante
Centro de Arqueologia de Almada	1	representante
Associação das Iniciativas Populares de Infância do Concelho de Almada	Conc.º de Almada	
Cooperativa para Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas do Seixal e Almada (CERCISA)	1	representante
Associação dos Inquilinos Lisbonenses	1	representante
Associação dos Bombeiros Voluntários	2	Representantes
Centros de Bem-Estar	1	Representante
União dos Residentes Antifascistas Portugueses	1	representante
Conselho Português para a Paz e Cooperação	1	representante

POR SER VERDADE SE PASSOU O PRESENTE EDITAL QUE VAI SER POR MIM ASSINADO E IRÁ SER AFIXADO NOS LUGARES DE ESTILO DESTE CONCELHO

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL
ARTUR NEVES DE ALMEIDA

Aprovado por 50 votos e 1 abstenção

Corfe
es

Começou ontem de tarde em Madrid a Conferência de Organização do PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol, no poder) que deverá, designadamente, ocupar-se do problema de expressão das diversas correntes de opinião no interior do partido. Esta conferência, cujo princípio fora adoptado quando do 29.º Congresso do PSOE, em 1981, vinha sendo adiada repetidamente desde há ano e meio. A direcção do partido teria desejado esta semana proceder a mais um adiamento, mas o chamado sector «crítico» (a corrente mais à esquerda do PSOE) opôs-



francês: resultados eleitorais de amanhã remodelação ministerial



Gaston Deferre: «prova de fogo» em Marselha

nanhã segunda volta das municipais francesas

querda radicalizada apela ao voto

ar em França a segunda municipais, num ambiente ca e de apelo ao voto por esquerda. Estão em jogo, amaras de 66 cidades, stas concorrentes con- isto é, metade mais um

que, enquanto a mobilização de direita foi massiva, a abstenção atingiu, com particular dureza, a esquerda e, no seu seio, mais claramente o Partido Socialista Francês.

Assim, os ataques à direita por parte de figuras destacadas do PSF têm sido uma constante. Por um lado, por questões meramente eleitorais. Por outro, e decorrente do primeiro, por questões de «imagem política». Onze ministros do Governo de Pierre Mauroy encabeçarão listas em várias zonas do país e uma derrota sua daria uma má imagem do executivo socialista de Paris.

Gaston Deferre, ministro do Interior, em Marselha, o primeiro-ministro, Pierre Mauroy, em Lille, Edith Cresson, a ministra da Agricultura, em Thure, serão alguns dos membros do executivo que estarão em presença. De destacar, sobretudo, a candidatura de Gaston Deferre, que, pela primeira vez em treze anos, encontra sérias dificuldades para se impor em Marselha, bastião socialista do Sul da França.

O próprio Deferre tem sido o principal autor da radicalização política que estes últimos dias da campanha eleitoral para a segunda volta têm evidenciado. O ministro do Interior acu-

sou, com efeito, a direita de estar envolvida num atentado frustrado, na passada terça-feira, contra uma sinagoga de Marselha, e no qual os dois autores morreram acidentalmente. «A direita tem sido sempre, por tradição, anti-semita», acentuou Gaston Deferre.

Por seu lado, o presidente da Assembleia Nacional, Louis Mermaz, declarou na quarta-feira à rádio francesa «Europe-1» que o líder da oposição, e confirmado na «mairie» de Paris, Jacques Chirac, «contribuiu para criar em França um clima de violência». Por fim, nesta «batalha de palavras», o socialista Paul Quilès, classificou a campanha de direita de «racista, baseada no ódio e no medo».

Xenofobia ao ataque

As palavras duras dos principais dirigentes da esquerda têm a sua razão de ser.

Marginalizada há anos da vida política francesa, a extrema-direita teve um regresso notado na primeira volta das eleições, ao lançar ataques contra os imigrantes, apresentando como «o mal dos males» da França.

Em Menilmontant, um bairro popular de importante percentagem de população imigrada, Jean-Marie Le Pen, líder da «Frente Nacional», ultrapassou os dez por cento de votos.

Em Marselha, a lista encabeçada por Bernard Manovilli, sob o tema «Marselha-Segura» lançou as culpas dos problemas do porto meridional, de tradição criminal, aos imigran-

tes, e obteve 6 por cento de votos.

Mais grave do que o reaparecimento na cena política da extrema-direita, é o facto de estas forças se terem aliado à direita «civilizada» que, recorre a todas as forças políticas possíveis, no combate contra o governo de Paris.

Alianças entre a «responsável» direita liberal e centrista com a extrema-direita, levaram, por exemplo, à vitória em Dreux, na região parisiense.

Também em Marselha, a oposição liberal neogaullista aparece agora reforçada com os representantes da «Marselha-Segura» de Manovilli, a quem foram oferecidas quatro lugares nas listas. No entanto, se este regresso «em força» da extrema-direita e da exploração do tema dos imigrantes deu os seus frutos-vitória em Dreux, num sistema de alianças, e em Roubaix, onde foram eleitos vários conselheiros de extrema-direita — os observadores consideram que ele também foi prejudicial: pois dividiu votos em zonas onde, a soma aritmética dos resultados dos partidos da oposição lhes garantia a maioria.

Assim, mais do que nunca, a segunda volta irá decorrer, sob um claro confronto entre a Direita (da extrema-direita à «civilizada») e a Esquerda (no conjunto dos seus componentes).

Numa altura em que, em Paris, já se especula com possíveis alterações governamentais, caso a segunda volta confirme os resultados do passado domingo, o escrutínio de amanhã, não sendo decisivo para o futuro do executivo socialista, é, contudo, encarado com expectativa.

N. R.

ferência do PSOE está a decorrer

se, revelaram certas fontes socialistas.

Os debates, que devem terminar amanhã à noite, girarão à volta de um documento básico dividido em cinco pontos: reforma do processo de adesão, direitos e deveres dos militantes, correntes de opinião, estrutura federal do partido, preparação e funcionamento dos congressos.

Participam nesta conferência 120 pessoas: os membros da comissão federal, os da comissão federal de organização, os secretários-gerais e os secretários da organização das diferentes federações regionais, assim como diversos convidados a maioria

dos quais pertence à «Esquerda Socialista» (sector 'crítico').

Três atentados no País Basco

A sede das «Comissões Operárias» em Renteria (próximo de San Sebastian), uma fábrica desta cidade e uma companhia da cidade vizinha de Oyarzun foram alvo, ontem à noite, de atentados à bomba, que provocaram importantes estragos materiais, subse-

se hoje de fonte policial. O primeiro engenho explodiu pouco depois das 22 horas, tendo danificado seriamente a sede das «Comissões Operárias».

Embaixador turco sucumbiu

O embaixador turco na Jugoslávia, Galip Bakar, morreu ontem em consequência dos ferimentos sofridos na passada quarta-feira num atentado cometido por dois jovens arménios, com passaporte libanês. O atentado provocou também a morte de um estudante jugoslavo e provocou ferimentos em quatro transeuntes.

O embaixador cuja morte chegou a ser anunciada no próprio dia do atentado e posteriormente desmentida, encontrava-se des- então em estado de coma com o cérebro afectado por uma bala.

Os médicos da secção de cuidados intensivos de um hospital de Belgrado tinham já afirmado que havia poucas esperanças de o salvar.

Cimeira de Nova Deli termina com apelos ao desarmamento e a uma nova ordem económica

A sétima cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados terminou hoje em Nova Deli, pouco depois das 13 horas locais (7.30 de Lisboa).

Os trabalhos dos 101 chefes de delegação, que tinham começado na passada segunda-feira, deveriam ter terminado ontem, em condições normais. Contudo, a persistência de desacordos sobre a retirada das tropas estrangeiras, e o respeito da integridade territorial do Afeganistão, impediram a realização de uma sessão plenária suplementar que decorreu hoje.

Antes de se separarem, os chefes de delegação ainda presentes na sala das reuniões plenárias aprovaram, por aclamação, uma «mensagem de Nova Deli», preparada pela sra. Gandhi. Esta mensagem resume os principais temas contidos no documento político, com uma tónica particular no desarmamento e na necessidade de se mudar o sistema económico internacional.

Eis os principais pontos das resoluções políticas da sétima cimeira dos Não-Alinhados:

— **Médio Oriente:** adopção do plano árabe de Fz, que prevê, nomeadamente, a criação de um Estado palestino independente, no quadro de um acordo global para a região; Pedido dirigido à Comunidade Internacional para constituir um tribunal para julgar «os crimes de guerra» cometidos por Israel contra os palestinos desde 1948; denúncia da «aliança estratégica» entre os EUA e Israel; pedido de retirada

das tropas israelitas do Líbano e em seguida das tropas não libanesas.

— **Afganistão:** a cimeira defende a retirada das tropas estrangeiras, e o respeito da integridade territorial do Afeganistão.

— **Camboja:** a cimeira defende uma solução política de conjunto, prevenindo a retirada de todas as forças estrangeiras.

— **Desarmamento:** a cimeira pede a interdição da utilização ou da ameaça de utilização das armas nucleares por todos os Estados que possuem a arma atómica. Afirma o seu apoio à campanha mundial para o desarmamento, lançada no âmbito das Nações Unidas.

— **Namíbia:** a cimeira compromete-se a dar um apoio multiforme, nomeadamente político, militar e financeiro à SWAPO, para lhe permitir intensificar a sua luta, em particular a luta armada, a fim de assegurar a libertação total do território. A cimeira exprime também a sua profunda preocupação perante a incapacidade do Grupo de Contacto ocidental em dissociar as duas questões da independência da Namíbia e da retirada das tropas cubanas de Angola.

— **América Central:** a cimeira declara-se contra qualquer intervenção que restrinja a liberdade de expressão estrangeira. Denuncia «o imperialismo» e pede aos Estados Unidos que adoptem «uma atitude construtiva» para instaurar a Paz e o diálogo na região.

— **África do Sul/América Latina:** a cimeira manifesta a sua profunda preocupação perante as informações que referem a criação de uma «Organização do Tratado do Atlântico Sul» entre vários países da América Latina e a África do Sul, cujo regime racista é severamente condenado.

— **Sara Ocidental:** a cimeira pede às partes em conflito que iniciem imediatamente negociações sob os auspícios da OUA, tendo em vista uma solução justa e duradoura para o conflito.

— **Oceano Índico:** a cimeira manifesta a sua preocupação perante a presença militar cada vez maior das duas superpotências, incluindo o alargamento das bases existentes. Pede aos Estados Unidos e à União Soviética que negociem a redução e a eliminação da sua presença militar num oceano que a cimeira gostaria de ver transformado em «zona de Paz».

A cimeira manifesta o seu apoio à ilha Maurícia, que reivindica o arquipélago dos Chagos, onde se encontra a base americana de Diego Garcia. Reafirma da mesma maneira que Mayotte, ainda sob «ocupação francesa», é parte integrante da República das Comores. Pede também à França que abra negociações com Madagascar para resolver a questão das «ilhas Malagases».

A propósito do «perigo» de El Salvador

Presidente do México desmente Reagan

O presidente mexicano, Miguel de La Madrid, negou qualquer fundamento a afirmações de Ronald Reagan, segundo as quais a situação em El Salvador significaria um perigo para a estabilidade do México.

Sem citar directamente os Estados Unidos, Miguel de La Madrid referiu-se aos que, noutras latitudes, gostariam de ver o México com «os mesmos problemas que afectam outros países».

La Madrid disse que os vizinhos do México não deviam ficar «preocupados com os problemas passageiros que afectam» o seu país, acrescentando: «nós, mexicanos, encarregamo-nos do México, mantendo-o como nação forte e unida».

O México e a França reconheceram, em Agosto de 1981, a representatividade da oposição armada salvadorenha, aconselhando a abertura de negociações entre o actual govt de São Salvador e a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN).

Os diários mexicanos comentavam ontem as declarações de Reagan e a resposta indirecta do presidente De La Madrid, denunciando as pressões de altos funcionários da Casa Branca sobre o governo do México.

O jornal «Excelsior», num editorial, intitulado «Versão Falsa» observava que a «campanha para apresentar os conflitos na América Central como produto da intervenção soviético-cubana aumenta, à medida que os rebeldes progredem» em El Salvador.

Preparam-se na Guatemala novas execuções

O ministro da Defesa, general



Miguel de La Madrid



Ronald Reagan

Oscar Mejia, anunciou que será mantida a pena capital, apesar da diligência do Papa João Paulo II.

«A pena de morte é neste momento necessário», disse o ministro, que revelou a possibilidade de execuções nos próximos dias.

«Não defenderemos o povo com orações» acentuou.

Recorda-se que a ditadura guatemalteca mandou fuzilar seis jovens acusados de actividades subversivas, três dias antes da chegada do Papa, quando da sua

PRATIQUE DESPORTO



DEFENDA A SAÚDE

VIENA - BUDAPESTE E PARIS

«TRÊS BELAS CIDADES»
10 DIAS DE VIAGEM

Partidas * 82/83 Acompanhamento

MARCO 24 **abreu**

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu
fundado em 1940

PORTO - Av. Alados, 187 - Tel 31 79 21
PORTO - R. Eug. Castro 256 - Tel 6 956 25
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel 3 71 341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel 8 050 96
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel 2 701 172
F. A. R. O. - Av. República 124 - Tel 25035/76
PORTIMAO - R. Inf. D. Henrique 83 - Tel 2 71 5 1
FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Tel 310 77 8



Para a independência da Namíbia

Indispensável a paz nas fronteiras

— afirmou Rodrigues "Kito"

O ministro angolano do Interior Alexandre Rodrigues «Kito», afirmou em Brazzaville, que a resolução das Nações Unidas sobre a Namíbia «não se concretizará sem a paz nas fronteiras», noticiou a ANGOP.

Alexandre Rodrigues «Kito» participou ontem em Brazzaville, numa conferência das comissões de controlo do MPLA-Partido do Trabalho e do Partido Condolês do Trabalho, em que também deveria ter tomado parte uma delegação da FRELIMO, o que não aconteceu por estar em curso a preparação do quarto congresso

do partido moçambicano.

Ao evocar a segunda reunião entre delegações dos governos angolano e sul-africano, realizada em Fevereiro, na ilha do Sal, Alexandre Rodrigues «Kito» sublinhou que «Angola nunca pretendeu tomar o lugar da SWAPO na Namíbia».

O comunicado final da conferência das comissões de controlo diz que os dois partidos condenaram «os desígnios subversivos e as tentativas pífidas do imperialismo que recorre ao regime sionista de Israel e ao regime racista da África do Sul, criando focos de

tensão no Médio Oriente e na África Austral».

O comunicado sublinha que «a conferência se felicita pela combatividade dos povos angolano, moçambicano e congolês, que lutam pela construção do socialismo sob a direcção dos seus partidos e dos seus chefes de Estado».

O ministro angolano do Interior disse, numa conferência de Imprensa, que a conferência abordou igualmente temas como a pureza ideológica, as organizações de base, as ideologias contrárias ao marxismo e o fracção-

nismo.

Coordenador da comissão central de controlo do MPLA-Partido do Trabalho, Alexandre Rodrigues «Kito» tem sido um dos protagonistas das conversações entre Angola e a África do Sul.

Além de ter tomado parte em dois encontros com os sul-africanos na fronteira entre Angola e a Namíbia, chefiou a delegação angolana à primeira reunião na ilha do Sal e só não participou na segunda, apesar de se ter deslocado a Cabo Verde, devido ao baixo nível hierárquico da delegação de Pretória.

Desempregado tenta suicidar-se perante a TV

A filmagem completa, por uma cadeia de televisão local de Jacksonville, no Alabama (EUA), da tentativa de suicídio através do fogo de um desempregado provocou a cólera de numerosos americanos, levantando questões de ordem ética e profissional no seio dos meios de Comunicação Social.

Na sexta-feira da semana passada, um pedreiro desempregado, de 37 anos de idade, Cecil Andrews, contactou por quatro

vezes com a redacção da cadeia televisiva «WHMA», anunciando que se imolaria pelo fogo nessa noite, numa rua da cidade, para mostrar que «os americanos já têm desemprego suficiente».

O jornalista preveniu a Polícia e enviou uma equipa para o local. As autoridades fizeram buscas no sítio indicado pelo pedreiro, em vão, indo-se embora. O operador de câmara, Ronald Simmons e outro elemento da equipa, Gary Harris, chegaram pouco tempo depois, sendo abordados por

Cecil Andrews, convencidos, segundo indicaram, de que a Polícia iria intervir.

A equipa da televisão começa a filmar. O desesperado rega-se de gasolina. Aparece uma pequena chama numa das suas pernas. Um dos elementos da equipa tenta apagá-la. Gritando, Cecil Andrews começa a correr, seguido por Simmons, com a câmara sempre a filmar. Finalmente, um bombeiro lançou sobre o pedreiro o conteúdo de um extintor.

A câmara registou 82 segundos de imagem. Cecil Andrews sofre de queimaduras de terceiro grau em todo o corpo.

Extractos dessa sequência foram difundidos a nível local, com o rosto de Cecil Andrews tapado. O filme provocou, em primeiro lugar, a cólera do chefe da Polícia e, depois, a indignação de uma parte do público.

«Não quero acusar os meios de Comunicação Social, mas o que é

verdade é que quando se oferece um palco às pessoas, com as câmaras e os projectores, elas sobem à cena e desempenham um papel», explica o comissário Paul Locke.

O operador de câmara posto em causa afirmou «ter a consciência perfeitamente tranquila». «Esse homem tinha-nos dito para não nos aproximarmos e não sabíamos como é que ele teria reagido se tivéssemos procedido doutra maneira», acrescentou.

Os jornais locais e as cadeias de televisão concorrentes do estado do Alabama evocaram a questão nos seus editoriais, declarando-se «profundamente perturbados».

Os apresentadores das grandes cadeias televisivas do país interrogaram-se sobre o papel — testemunha do actor — do jornalista, sem, no entanto, deixarem de passar a sequência posta em causa.

Sacerdote católico casa duas mulheres

Um sacerdote católico celebrou o casamento de duas mulheres, ontem na Igreja de São José, em Groninga no norte da Holanda.

O bispo de Groninga, reagiu imediatamente, recordando que o matrimónio de pessoas do mesmo sexo não é admitido pela Igreja e que o sacerdote poderá ser punido.

Mas a principal organização de homossexuais dos Países Baixos, a Associação Neerlandesa dos Homossexuais (COC) regozijou-se com o facto.

A cerimónia, que uniu Ria Bultena e Harmana Kalsbeek, ambas naturais da aldeia de Foxhol, perto de Groninga, decorreu na mais rigorosa intimidade.

A Espanha e a NATO

na opinião do «Pravda»

A Espanha encontra-se numa «viragem» da sua história — considera o «Pravda»: com efeito, deve escolher entrar ou não para a NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

O órgão do Partido Comunista Soviético recorda que o governo socialista espanhol reiterou a sua promessa de organizar um referendo geral para dar aos espanhóis a possibilidade de se pronunciarem sobre o assunto.

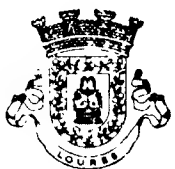
Enquanto isso não se verifica, o governo decidiu «adiar» a entrada da Espanha na organização militar da NATO, assinala o «Pravda».

Segundo o jornal soviético, «iniciou-se uma dura batalha» a propósito do tratado assinado entre os Estados Unidos e a Es-

panha, nos termos do qual os americanos dispõem de bases militares no território do país. Este tratado, que foi reconduzido em Julho do ano passado pelo anterior governo, incluía uma cláusula sobre «a pertença da Espanha à estrutura militar da Organização do Atlântico Norte», sublinha o jornal.

Depois de «longas negociações», os dois países acabam de assinar em Madrid um protocolo suplementar que inclui apenas uma referência à pertença da Espanha à organização política da NATO.

Contudo, o governo socialista terá de esperar ainda «negociações difíceis» para fazer entrar a Espanha no Mercado Comum e restaurar a soberania do país em Gibraltar, conclui o jornal.



MUNICÍPIO DE LOURES

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

2670 LOURES

SAUDAÇÃO

IV CONGRESSO DA C.G.T.P.-INTERSINDICAL NACIONAL

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional, forjada na luta no período negro do regime fascista, granjeou a maior simpatia e adesão do povo trabalhador, realiza nos dias 11, 12 e 13 do corrente, em Lisboa, o seu IV Congresso, num período cheio de dificuldades mas que, ao fundo do túnel vislumbra a luz da democracia, conquistada pelos trabalhadores, palmo a palmo, defendida das arremetidas das forças reacçãoárias.

Intersindical Nacional, a central dos trabalhadores portugueses em que, pela sua vontade e determinação os seus dirigentes, homens responsáveis forjados na luta, dignos dos trabalhadores portugueses, para lá das suas concepções políticas ou ideológicas, têm sabido lutar sem tréguas pela defesa dos interesses dos trabalhadores, hoje em democracia, no passado combatendo o regime fascista.

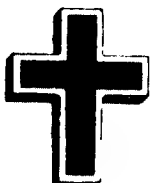
A Assembleia Municipal de Loures, reunida em 10 de Março de 1983, envia calorosas saudações à central sindical fiel representante do movimento sindical unitário que, neste momento difícil da vida portuguesa, luta sem tréguas pela reposição do poder de compra, pela defesa dos direitos dos trabalhadores, pela defesa do regime democrático no Portugal de Abril.

Estamos certos que, a realização do IV Congresso da C.G.T.P.-IN, contribuirá para o reforço do vasto movimento popular de massas, contra todas as manobras divisionistas e de traição aos interesses das classes trabalhadoras.

Estamos certos que o IV Congresso da CGTP-IN aglutinará mais uma vez a esmagadora maioria dos trabalhadores, em torno das suas justas reivindicações e do espírito do 25 de Abril e contribuirá para que o povo português em consciência, no próximo dia 25 de Abril decida pelo caminho certo, votando pela defesa do regime democrático, dando o seu voto às forças democráticas, para uma alternativa democrática, reduzindo as forças reacçãoárias à sua dimensão de minoria aritmética e política.

Viva o IV Congresso da CGTP-IN
A Assembleia Municipal

ALMADA



JOSÉ DE JESUS MALAQUIAS

Faleceu

Maria Rosa da Conceição Malaquias, José Malaquias, mulher e filhos, Laura de Jesus Malaquias Durão, João Manuel Figueiredo, mulher e filho, José Manuel da Conceição Figueiredo, sobrinhos e mais família, participam a todas as pessoas de suas relações o falecimento do seu extenso marido, pai, sogro, avô, irmão, tio e parente, e que o funeral se realiza amanhã pelas 11 horas da Igreja de Almada para o cemitério local.

AGÊNCIA SALGADO de ALMADA — Tel. 2767410

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

2.ª Publicação

No dia 5 de Abril de 1983, pela 14.00 Horas, no Tribunal Judicial da Comarca de Torres Vedras, nos autos de cartaprecatória com o N.º 199/82 da 2.ª Secção do 1.º Juízo e extraição dos autos de Execução Sumária a N.º 1582 da 2.ª Secção do 10.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, que a Exequente Companhia de Seguros Império, EP, com sede na Rua Garrett, 62, em Lisboa, move contra o Executado Vitor Miguel, residente em Praia de Santa Cruz, desta comarca de Torres Vedras, há-de ser posta em praça pela segunda vez, para ser arrematada por metade do seu valor, uma mobília de quarto completa, com a referência 2017.

Torres Vedras, 28 de Fevereiro de 1983

O Juiz de Direito, Ilídio Sacarrao Martins

O Escriutário,

Mário Henrique de Oliveira Lopes

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Por este Tribunal correm editos de vinte dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anúncio, citando os Credores Desconhecidos da Executada SOLIDA — Sociedade de Empreitadas, Lda., ora ausente em parte incerta e com a última residência conhecida na Rua Freitas Reis, 26 — cave B em Cascais, para no prazo de dez dias, posterior àqueles editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Companhia de Seguros Império E.P., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, vinte e quatro de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e três.

O Juiz de Direito

(ilegível)

O Escriutário Judicial,

António Gilberto Ribeiro Ferreira de Matos

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

16.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

FAZ-SE saber que pela terceira Secção deste Juízo e nos autos de Execução de Sentença n.º 221-B, em que é exequente a Companhia de Linhas Aéreas de Portugal, Lda., e executado FRANCISCO ETELVINO ROSÁRIO DOS SANTOS, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Estrada da Graça, n.º 194, em Setúbal, correm editos de trinta dias, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, notificando o referido executado nos termos do n.º 1 do artigo 838 do C.P.C., de que por despacho de 8-10-1982, proferido na execução mencionada, foi ordenada a penhora nos seguintes imóveis, dos quais foi nomeado depositário o senhor Fermim Gallego, residente nesta cidade, na Avenida cinco de Outubro, n.º 23, 1.º andar:

Prédio urbano sito na Estrada da Graça, freguesia de São Sebastião, em Setúbal, com os n.ºs de polícia 192 e 194. Prédio urbano sito na Estrada da Graça, freguesia de São Sebastião em Setúbal, com os n.ºs de polícia 196 e 198.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1983

O JUÍZ DE DIREITO (Assinatura ilegível)

O escrivão adjunto, (Assinatura ilegível)



Caminhos de Ferro Portugueses

FACTORES (PRATICANTES)

Os Caminhos de Ferro Portugueses E. P. pretendem admitir para Cursos de Formação, trabalhadores nas condições a seguir indicadas, com vista à preparação de pessoal para a execução do serviço geral de estações.

CONDIÇÕES EXIGIDAS

- Idade compreendida entre os 21 e os 35 incompletos
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- Habilitações literárias — nível 9.º ano de escolaridade

OFERECE-SE

- Estabilidade de emprego
- Vencimento compatível
- Regalias de transporte em caminhos-de-ferro extensivas a familiares
- Outras regalias sociais

Os interessados que preencham as condições exigidas deverão contactar até 10 de Março directamente ou por escrito o Serviço de Recrutamento — Calçada do Duque n.º 20 — 1294 Lisboa Codex, indicando «curriculum» e referenciando a especialidade a que concorrem.

Congresso da CGTP aprova hoje o Programa de Acção e o Caderno Reivindicativo Imediato

Novos estatutos reconhecem "o direito de tendência"

Numa situação política social caracterizada pela derrota do projecto da AD, em resultado das lutas dos trabalhadores portugueses, e pelo agravamento dos problemas nacionais e das condições de vida de toda a população, iniciou-se ontem à tarde o IV Congresso da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional, aberto a todos os sindicatos. Cerca das 15 e 30, José Luís Judas, da Comissão Executiva da central sindical, deu por aberto o Congresso, considerado o maior acontecimento da vida sindical portuguesa de todos os tempos.

O Congresso, que decorre até amanhã no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, aprovará um programa de acção para o próximo triénio, alterações estatutárias e um caderno reivindicativo de 22 pontos. Procederá igualmente à eleição do Conselho Nacional da CGTP, novo órgão que substitui o actual Secretariado Nacional.

Armando Teixeira da Silva, ao apresentar na sessão de abertura o relatório do último triénio, afirmou que **os trabalhadores portugueses não aceitarão ser atrelados aos seus inimigos de classe em nome de uma pretensa necessidade de solidariedade nacional.**

Na primeira sessão foi iniciada a discussão das alterações aos Estatutos da central e do regulamento eleitoral do Congresso, tendo também sido aceite a filiação de mais nove sindicatos. À noite prosseguirá a discussão e foram votadas as alterações estatutárias. Hoje, os 1234, em representação de 216 sindicatos inscritos, concluem a discussão do programa da CGTP/In e do programa de acção para três anos. A discussão destes documentos sofreu ontem um considerável atraso, mas será concluída esta tarde, antes da eleição do Conselho Nacional, o novo órgão dirigente da confederação.

Hoje também se realizam as anunciadas sessões do espectáculo «Por esta Estrada, Amigo Vem», às 17 e às 21 e 30, no Coliseu dos Recreios.

Amanhã os delegados vão discutir e votar o Caderno Reivindicativo dos trabalhadores portugueses, elaborado pelo Secretariado Nacional com base na discussão travada em todo o País, na fase preparatória

do Congresso, documento esse que ficou conhecido como «Os 22 pontos da CGTP/In». Ao fim da manhã serão votadas moções estranhas à ordem de trabalhos e, à tarde, será apresentado o Conselho Nacional, na sessão de encerramento.

Carvalho da Silva, da Comissão Executiva do Secretariado Nacional da CGTP/In, anunciou ontem, no decorrer dos trabalhos, a presença de 216 sindicatos, mais um do que o número inicialmente anunciado. Mas além destas organizações sindicais participam 20 uniões e 18 federações, num total de 254 associações.

Os 1234 delegados presentes no Congresso representam um milhão e seiscentos mil trabalhadores. Assistem, por sessão, cerca de 4000 convidados e ainda 250 convidados especiais.

No decurso dos trabalhos foi ratificado o voto por delegado em lugar do voto por sindicato, como se processou em anteriores congressos. Foi igualmente aprovado, na primeira sessão, o regulamento de funcionamento do Congresso.

Saudação

Kalidas Barreto saudou, em nome do Secretariado Nacional da CGTP/In, o Congresso e por seu intermédio todos os trabalhadores portugueses, ali representados e todos os outros, e suas famílias «que atravessam actualmente **dificuldades de toda a ordem, que labutam duramente sem compensações justas, construindo toda a riqueza e suportando condições de exploração crescente, que vêem negados os seus direitos** — mas que não desarmam na luta difícil de todos os dias pela digni-



Armando Teixeira da Silva, no momento em que apresentava o relatório do Secretariado Nacional da CGTP/In do triénio de 1980/82.

dade, pela liberdade, pela melhoria das suas condições de vida e de trabalho, por um futuro sem explorados nem exploradores».

Referiu a presença de jornalistas de numerosos órgãos de Comunicação Social nacionais e estrangeiros, destacados para a cobertura do evento, tendo-lhes dirigido uma saudação especial.

A este propósito disse: «Desejamos-lhes que realizem com inteira liberdade a sua alta missão informativa, e estamos certos que a verã espelhada nos nossos trabalhos será por eles dada a conhecer a toda a opinião pública».

O dirigente sindical, que também saudou as delegações estrangeiras presentes, dirigiu uma saudação especial aos militares de Abril. E foi nessa altura que todos os presentes numa grande exaltação, gritaram «25 de Abril Sempre/Fascismo Nunca Mais».

Armando Teixeira da Silva, coordenador da Comissão Executiva do Secretariado Nacional da CGTP/In, fez um importante discurso de síntese do relatório de actividade da central sindical no triénio de 1980/82, tendo várias vezes sido interrompido por ovação dos presentes.

Programa de acção e estatutos

O projecto de Programa de Acção para o próximo triénio constitui o principal documento em debate neste Congresso. Nele se defende, no domínio das reivindicações de regime, a concretização da democracia política, económica e social consignados na Constituição.

O documento intitulado «O fim da política de ataque às nacionalizações e à Reforma Agrária, a instituição do controlo de gestão pelos trabalhadores e a aplicação do alargamento dos direitos e liberdades sindicais».

Este projecto, que é hoje votado, propõe «medidas de luta contra os despedimentos e os contratos a prazo, para a criação

de novos postos de trabalho e para melhorar a situação dos desempregados». Aponta soluções tendentes à satisfação das necessidades básicas dos trabalhadores, designadamente de aumento de salários e de pensões de reforma, contenção do aumento do custo de vida e política fiscal, bem como a resolução de problemas no âmbito da Saúde e da Habitação. Apresenta também propostas de apoio aos emigrantes portugueses e suas famílias.

O projecto de Programa de Acção define igualmente posições sindicais sobre os diversos aspectos da contratação colectiva e da luta pela sua aplicação, defendendo a necessidade de uma «actuação mais eficaz e rápida da Inspeção do Trabalho e dos tribunais de trabalho». Nesse sentido, prevê alterações ao Código de Processo de Trabalho.

A nível internacional prevê a realização de uma conferência internacional sobre o desemprego e aponta para a luta pela paz e pelo desarmamento.

Quanto aos estatutos, ontem aprovados por maioria, com 25 abstenções e sem votos contra, foi criado um novo órgão dirigente mais alargado, o Conselho Nacional, com 51 membros efectivos e 20 suplentes, que substitui o actual Secretariado Nacional, que conta com 34 efectivos e dez suplentes.

Os novos estatutos da CGTP institucionalizam a Comissão Executiva como órgão da central sindical.

Definem o âmbito, princípios fundamentais, estrutura e organização da CGTP e estabelecem os órgãos de direcção da central sindical, sua composição, funcionamento e atribuições.

Manuel Carvalho da Silva introduziu ontem a discussão dos estatutos apontando as principais alterações aos actuais.

O dirigente da CGTP abordou a questão da existência na constituição de um artigo que prevê o direito de tendência na forma

que vier a ser consagrada pelas associações sindicais, sublinhando que **nesse sentido introduzimos o reconhecimento aos associados do direito de tendência.**

Manuel Carvalho da Silva disse que o direito de tendência pode assumir as mais diversas formas e considerou que «en-

Governo que vier a ser constituído depois das eleições de Abril.

As medidas defendidas nos 22 pontos, de acordo com o seu preâmbulo, correspondem essencialmente na satisfação das «necessidades mais prementes dos trabalhadores e do regime democrático e podem ser imediatamente levadas à prática se, para tal, existir vontade política».

Entre esses pontos, salientam-se a reposição da lei que criou o Serviço Nacional de Saúde; a concessão de passes sociais, a preços reduzidos, a estudantes; a negociação de um Plano Nacional de Formação Profissional; o pagamento de salários em atraso; a revogação da Lei dos Contratos a Prazo; garantias e protecção dos direitos sindicais e garantias de que o Estado português não autorizará a instalação, trânsito ou estacionamento de armas nucleares em território nacional.

Delegações estrangeiras

Estão presentes no IV Congresso da CGTP/In, como convidados, delegações de duas confederações sindicais mundiais, do «Bureau» Internacional do Trabalho, do Conselho Mundial da Paz, de organizações sindicais continentais ou regionais e de confederações nacionais de 49 países de quatro continentes.

As duas confederações sindicais mundiais representadas são a Federação Sindical Mundial (FSM), representativa de mais de 200 milhões de trabalhadores, e a Confederação Mundial do Trabalho (CMT). A delegação da FSM é presidida pelo respectivo secretário-geral, Ibrahim Zakaria, que se faz acompanhar por Boris Averianov, secretário das relações internacionais. E a da CMT por Ernesto Molano, secretário-geral adjunto da Confederação.

O número de delegações estrangeiras perfaz um total de 58, e o seu alto nível atesta o prestígio e a ampla cobertura dos contactos internacionais da central sindical dos trabalhadores portugueses.

Nenhum Governo pode resolver a crise sem a confiança dos trabalhadores

— afirmou Armando Teixeira da Silva

«A experiência dos últimos anos demonstrou que não é possível enfrentar e resolver a grave crise que o País atravessa nem a qualquer Governo manter-se, mesmo que tenha o apoio maioritário da Assembleia da República, sem o apoio, o empenhamento e a actividade criadora dos trabalhadores» — afirmou Armando Teixeira da Silva, coordenador da CGTP, ao apresentar na sessão de abertura do IV Congresso, o relatório do Secretariado Nacional do triénio de 1980/82. O dirigente sindical acrescentou que «esse apoio e empenhamento só são possíveis com um Governo que lhes mereça minimamente confiança» e uma política que defenda os seus direitos e os interesses nacionais.

Armando Teixeira da Silva

sublinhou que os trabalhadores portugueses não aceitarão ser atrelados aos seus inimigos de classe em nome de uma pretensa necessidade de solidariedade nacional».

O coordenador da central sindical disse ainda que os trabalhadores querem contribuir para a resolução dos problemas do País e manifestou a disponibilidade da central sindical para a solução dos «graves problemas nacionais no quadro de uma política que respeite os seus interesses e as grandes conquistas de Abril».

O relatório apresentado, com 71 páginas e dois anexos, analisa a evolução da situação política, económica e social portuguesa, a evolução da situação política, económica e social portuguesa nos últimos três anos e a actividade da CGTP/In naquele período.

PARA ONDE
O SILÊNCIO
É NECESSÁRIO

CABINAS
AUDIOMÉTRICAS
I.A.C.



Tipo modular de painéis metálicos • Paredes de espessura 10 cm, simples ou duplas • Janela de vidro duplo • Atenuação superior a 95dB para altas frequências. Sistema de ventilação integrado no tecto ou parede, de ruído inferior ao limiar de audição

(ISO 1964)

CASA SONOTONE

Poço do Borratém, 33 S/L - 1100 LISBOA - Telef.: 868352
Praça da Batalha, 92-1.º - 4000 PORTO - Telef.: 315602

Só em amortizações da dívida a médio e longo prazo

Este ano teremos que pagar mais de mil milhões de dólares

— São quase dez contos por cada português!

Portugal terá de pagar este ano 1,17 mil milhões de dólares de amortizações da dívida de médio e longo prazo, correspondente a 13 por cento do total, segundo a informação ontem divulgada pelo Banco de Portugal.

Na informação do Banco Central afirma-se que este ano Portugal tem de amortizar 13 por cento da dívida de médio e longo prazo, 15 por cento em

1984 (1,35 mil milhões de dólares) e 14 por cento em 1985 (1,26 mil milhões de dólares).

A dívida externa total do País ronda os 12,5 mil milhões de dólares, sublinhando o comunicado que 28 por cento deste total corresponde a dívidas a curto prazo, o que significa uma melhoria do perfil temporal relativamente ao fim de 1981, quando esta categoria de dívidas ascendia a 32 por cento.

O Banco de Portugal divulgou este comunicado para esclarecer as notícias que têm sido publicadas sobre a dívida externa do País, nomeadamente sobre o seu perfil temporal.

O Banco Central sublinha que as reservas de ouro se mantêm em 688 toneladas, que avaliadas aos preços actualmente em vigor no mercado representam cerca de 9

mil milhões de dólares.

Este valor é substancialmente inferior ao da dívida externa total, mas é da mesma ordem de grandeza da dívida a médio e longo prazo.

Os 1170 milhões de dólares que teremos que pagar em 1983 pelas amortizações deste último segmento da nossa dívida externa correspondem, ao câmbio actual, a quase 10 contos por cada português.

Contra 73

no ano anterior

Faliram

124 empresas em 1982

O número de empresas em situação de falência aumentou sensivelmente em 1982, relativamente aos dois anos anteriores, tendo-se registado 101 casos, contra 82 e 73 em 1980 e 1981.

O número de falências relativas a 1980 e 1981 revelam uma melhoria significativa em relação a 1979 ano em que foram apuradas falências em 124 empresas.

A COSEC adianta que o capital das empresas em situação de falência atingiu em 1982, o seu valor mais elevado (266,4 mil contos) o que poderá significar um aumento de dimensão das empresas em ruptura.

Por sectores, as indústrias transformadoras confirmaram, em 1982, a sua posição de sector, com maior incidência no total das sentenças de falência, com 53,5 por cento do total.

Entre estas, as indústrias têxteis e do vestuário mantêm, também, a sua predominância com 18,8 por cento do total e nos restantes subsectores destaca-se o agravamento de fabricação de produtos metálicos, com 4,9 por cento (1,4 por cento em 1981) e material de transporte com 3 por cento (zero por cento em 1981).

No sector de construção e obras públicas verificou-se igualmente em 1982 um agravamento do número de empresas em situação de falência, com 4,9 por cento do total, contra 2,7 por cento em 1981.

Para além do maior número de empresas deste subsector em ruptura, também o seu capital social aumentou para 24,12 mil contos, comparativamente aos 2,6 mil contos em 1981.

No comércio que é responsável por 32,7 por cento do total de falências, os subsectores de maior incidência são as ferragens e aparelhagem eléctrica.

Os distritos de Lisboa e do Porto continuam a ser os responsáveis pela maior parte das sentenças de falência com respectivamente 28 e 33 por cento do total em 1982.



Acordo total na OPEP “quase certo” para hoje

Os 13 membros da OPEP assinaram «muito certamente» um acordo global sobre os preços e a produção da organização para este ano durante o dia de hoje, em Londres, indicava-se às primeiras horas da manhã, em círculos próximos da organização petrolífera.

O acordo incluirá uma diminuição do preço de referência do petróleo da OPEP — pela primeira vez na sua história — de 4,5 ou 5 dólares por barril, o que o fixaria assim em 29 ou 29,5 dólares, contra os 34 que se verificam actualmente.

Por outro lado, a produção média anual da OPEP seria estabelecida em 17,5 milhões de barris por dia ou seja o mesmo limite que tinha sido fixado para o ano passado, o qual não foi respeitado.

Este número seria contudo menos elevado durante os meses de fraca procura da Primavera e do Verão, para permitir à produção actual da OPEP (cerca de 13,5 milhões de barris por dia) um relaxamento sem sobressaltos.

Faça a um mercado petrolífero mundial em diminuição regular, a

OPEP não tinha conseguido elaborar um acordo global para estabilizar os preços, apesar das três tentativas anteriores depois do último malogro, registado em Genebra no dia 24 de Janeiro, o mercado tinha extraído as suas conclusões: a Grã-Bretanha propôs aos seus clientes uma diminuição de três dólares no preço do barril do seu petróleo, fixando-o em 30,5 dólares.

A Nigéria, cujo «bruto» faz uma concorrência directa ao do Mar do Norte, foi o primeiro — e o único — país membro da OPEP a seguir o movimento, baixando os seus preços em 5,5 dólares por barril, estabelecendo em 30 dólares.

Perante o risco de guerra dos preços a OPEP reagiu. Depois de três semanas de negociações em várias capitais europeias e do Médio Oriente e depois, em Londres, os ministros terão conseguido encontrar uma fórmula definitiva que, segundo pensam, permitirá estabilizar o mercado.

Garantias inglesas

Ontem, enquanto as negociações sobre algumas centenas de milhares de barris continuava fe-

brilmente no Grande Hotel de Londres onde os ministros se avistam todos os dias, o governo britânico dava implicitamente garantias à OPEP. «Partilhámos o mesmo desejo de evitar uma diminuição exagerada dos preços mundiais do petróleo», declarava o ministro britânico da Energia, Nigel Lawson.

O ministro argelino do petróleo, Belkacem Nabil, anunciava, por outro lado, que o México esperava um sinal da OPEP para alinhar os seus preços pelos da organização.

O segundo produtor do Mar do Norte, a Noruega, também estava em contacto com as delegações de Londres. Este conjunto de dados deixa prever a possibilidade de um acordo não apenas da OPEP mas também — mesmo que indirecto — dos outros principais produtores mundiais, indicou-se de fonte oficial próxima da conferência.

Os ministros devem avistar-se hoje de manhã em pequenos grupos, antes de uma reunião plenária, anunciada para as 12 horas tmG.

(Por Denis Brulet, da AFP)

Conferência sobre “Pacto Social” inicia-se terça-feira em Lisboa

A procura de soluções que contribuam para a ultrapassagem das actuais dificuldades económicas do País é o objectivo anunciado pela comissão organizadora da conferência internacional sobre «Pacto social e política de rendimentos», que decorrerá na próxima terça e quarta-feira, na Fundação Gulbenkian, em Lisboa. Segundo o prof. Cavaco Silva, que ontem participou na conferência de Imprensa em que a iniciativa foi tornada pública, «Portugal terá que pegar em outros instrumentos de política económica, dada a manifesta insuficiência das políticas tradicionais».

A conferência, que tem como dinamizadores a Universidade Católica e a Embaixada da Áustria em Portugal, deverá, assim, analisar as diversas experiências europeias em matéria de política de rendimentos e contribuir para a clarificação das suas potencialidades, sobretudo na actual situação de crise.

Na opinião do antigo ministro das Finanças de Sá Carneiro, «há muitas ideias preconcebidas» em Portugal sobre o que é uma política de rendimentos, e a reunião da Gulbenkian mostrará que ela não implica obrigatoriamente a existência de um «pacto social» nem sequer de um «consenso social».

Outra das finalidades da conferência consiste no contributo que pretende dar para que «a política económica em Portugal seja cada vez menos fruto de improvisação e do acaso e mais o resultado de uma definição racional», disse ainda Cavaco Silva que referiu a importância desta via num momento em que «a inflação está de novo a acelerar».

Os trabalhos da conferência iniciam-se no dia 15 com intervenções do professor Antunes Varela (director da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica) do dr. Erich Hochleitner (embaixador da Áustria) e do dr. Luis Morales (ministro do Trabalho).

A experiência austríaca de concertação social, que é apontada como um exemplo na Europa, será especialmente estudada, sendo-lhe consagrada toda a tarde do primeiro dia do encontro.

Entre os participantes contam-se responsáveis económicos e sindicais austríacos, economistas e universitários portugueses estrangeiros de diferentes quadrantes políticos, e até o bispo D. José Policarpo, que presidirá à sessão relativa ao «Pacto social, política de rendimentos e doutrina social da Igreja».

A comissão organizadora integra, para além de Antunes Varela, Cavaco e Silva e do embaixador da Áustria, os drs. José Silva Lopes, Mário Pinto e Maria da Glória Pereira Pinto. A OCDE, o Ministério Federal dos Negócios Estrangeiros Austríaco, a Fundação Gulbenkian, o Banco de Portugal, a Caixa Geral de Depósitos, o Banco de Fomento e o Banco Português do Atlântico apoiam a iniciativa.

em duas páginas

Portugal será país parceiro

Balsemão na abertura da Feira de Hannover

O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão aceitou o convite do governo estadual da Baixa Saxónia (RFA) para participar na inauguração da Feira de Hannover 83, no próximo dia 12 de Abril, anunciou hoje uma fonte oficial.

Pinto Balsemão fará uma intervenção, na qualidade de principal orador internacional, visto que Portugal terá, nesta feira internacional, a posição de «país parceiro» na sequência da proposta apresentada ao Primeiro-Ministro, durante a visita oficial que efectuou à RFA, em Maio de 1982.

Na sessão inaugural da feira usarão ainda da palavra o ministro da Economia da República Federal da Alemanha e um representante da indústria alemã.

No convite dirigido ao chefe do Executivo português afirma-se que Portugal terá, nesta feira «a atenção total do público», especialmente no que respeita às relações com a CEE e a RFA, para «um intercâmbio de experiências científicas e novos aspectos de cooperação internacional».

Para compra de produtos americanos

EUA emprestam 255 milhões

O secretário de Estado americano da Agricultura, John Block, anunciou ontem que os Estados Unidos decidiram conceder a Portugal um empréstimo de 255 milhões de dólares para a compra de produtos alimentares americanos.

Deste montante, 13 milhões não vencerão juros e 52 beneficiarão das taxas comerciais. O restante será adiantado nas condições habituais do departamento de Agricultura dos EUA.

Este acordo, esclareceu o departamento, permitirá a Portugal adquirir 1,25 milhão de toneladas de cereais, para alimentação de animais, 250 000 toneladas de trigo e 300 000 toneladas de oleaginosas.

Índice de preços subiu 21,4%

O índice de preços no consumidor subiu 21,4 por cento em Janeiro, relativamente ao mesmo período anterior — indicam elementos divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística.

Em Janeiro, o índice (com exclusão da habitação) sofreu um acréscimo de 4 por cento em relação ao mês anterior.

Por rubricas, para «alimentação e bebidas», cöknto com um peso de cerca de 50 por cento das despesas totais, o aumento foi de 20-7 por cento», «Despesas da habitação» e «diversos» aumentaram, respectivamente.

Vinho português para Moçambique

Moçambique vai comprar a Portugal 2544 milhões de litros de vinho comum, que começarão a ser carregados segunda-feira, no cais do Poço do Bispo, no navio-tanque «Berlin», informou hoje uma fonte empresarial em Lisboa.

Trata-se do primeiro embarque de vinho português a granel para Moçambique desde há sete anos, operação que foi possibilitada pela melhoria de relações políticas e comerciais entre os dois países.

O carregamento foi adquirido à Junta Nacional do Vinho pela empresa moçambicana Tradimex, tendo o transporte sido negociado entre a Star (Sociedade de Turismo e Agências Ribamar), em representação da empresa moçambicana Mocargo, e a Companhia Nacional de Navegação.

Missão técnica na Islândia

A execução de um importante empreendimento hidroeléctrico na Islândia é o objectivo da deslocação àquele país de uma missão de técnicos portugueses — informou hoje o Instituto do Comércio Externo (ICEP).

A missão técnica, integrando representantes portugueses dos sectores de obras públicas, equipamentos eléctricos e hidromecânicos, terá conversações com as entidades islandesas responsáveis pela execução de um empreendimento hidroeléctrico a realizar no rio Blanda, a norte de Reykjavik (capital da Islândia). O concurso para a primeira pré-qualificação, relativa às obras subterrâneas, que incluem uma central hidroeléctrica, está aberto até ao dia 21, estando previsto o lançamento, no segundo semestre deste ano, dos concursos de pré-qualificação para a construção das barragens e fornecimento de equipamento.

Relações Portugal/Espanha nas “Cortes”

O senador espanhol Francisco Alvarez Cascos, membro do grupo parlamentar popular, dirigiu ontem uma pergunta ao Governo, via parlamentar, sobre a ausência de acordos comerciais entre Espanha e Portugal.

Desde Julho de 1982, e com base no desequilíbrio existente no comércio entre Espanha e Portugal — afirmou o senador — as autoridades portuguesas vem demorando a concessão de licenças de importação de um grande número de mercadorias que tradicionalmente importavam de Espanha (atitude que ultimamente as autoridades de Madrid têm igualmente adoptado para com as importações de Portugal).

O senador concluiu a sua interpelação, pedindo ao Governo uma resposta sobre as soluções que vai adoptar para resolver este problema e o prazo que considera necessário para poder normalizar-se o comércio luso-espanhol.

DESPORTO

ponha esquerda

Esperança de Lagos:

presidente demite-se logo após reeleição

O presidente da direcção da Esperança de Lagos (Armando Castelo Branco) apresentou a sua demissão do cargo. Esta decisão foi tomada menos de 24 horas depois de ter sido reeleito para o lugar no decorrer da assembleia geral do clube.

Castelo Branco diz que a sua demissão se deve ao facto de não ter condições para atingir os objectivos propostos: **motivação de aumento de sócios, aumento de cotização e motivação dos comerciantes da cidade para auxiliar o clube.** Culpou (ainda) os presidentes das juntas de freguesia do concelho pela destruição de todo o trabalho feito pela administração do clube e tentativa de desmotivação dos associados, durante a recente assembleia geral.

O Esperança de Lagos (actual guia isolado da série F da 3.ª divisão) é um dos mais sérios candidatos à subida de divisão. Na última assembleia geral foi aprovado o relatório e contas, com um saldo positivo de dois milhões de escudos. Durante o anterior mandato, os dirigentes da Esperança de Lagos, (com Armando Castelo à frente) arrelvaram o campo de jogos e construíram uma nova bancada o que torna mais relevante o terem terminado o mandato com tão elevado saldo positivo. A situação criada com a saída de Castelo Branco será analisada numa assembleia geral extraordinária, marcada já para o dia 25.

Indisciplina no futebol

Comunicado do comando-geral da Guarda Nacional Republicana:

«Na zona de acção do dispositivo da Guarda Nacional Republicana, registaram-se os seguintes incidentes em campos desportivos, a 6 de Março: em Cabanas Viriato (Carregal do Sal) entre as equipas de Cabanas/Ferreira de Aves, da 2.ª divisão distrital, dois assistentes agrediram o árbitro. No final do desafio, a assistência impediu temporariamente a saída da equipa de arbitragem dos balneários. Força da Guarda presente resolveu a situação sem mais incidentes.

«Em Romariz (S. João da Madeira) no desafio entre as equipas de Romariz/Argoncilhe, da 1.ª Divisão Distrital de Aveiro, assistentes não identificados agrediram a equipa de arbitragem quando recolhia às cabanas. Força da Guarda Nacional Republicana presente sanou o incidente.

Brasil: renúncia ao mundial

divide amantes do futebol

Os brasileiros mostram-se divididos perante a decisão do presidente João Figueiredo de dar parecer desfavorável à organização da fase final do Campeonato Mundial de Futebol de 1986. Também os futebolistas brasileiros têm opiniões contrárias relativamente à decisão presidencial. Sócrates (do Corinthians) mostrou-se favorável à realização do Mundial no Brasil, enquanto o guarda-redes do Flamengo, o jovem Raul, considerou acertada a decisão de Figueiredo, afirmando ser a festa **muito melhor em casa do vizinho: os convidados divertem-se, não se tem trabalho, e, além disso, é mais barato.** Zico, um dos futebolistas brasileiros com maior projecção internacional, considerou o México como o país ideal para organizar o Mundial. O presidente do Flamengo (Márcio Braga) afirmou estar decepcionado tal como José Papa Junior (presidente da Federação de Comércio do Estado de S. Paulo). **O futebol é uma festa e o Brasil não pode viver sempre sob o espectro do pessimismo e da recessão,** disse Márcio Braga.

Por seu lado, a imprensa brasileira considera, de um modo geral, que a recusa do Governo em dar o seu aval à organização da Taça do Mundo de Futebol-1986 no seu território se deve em grande parte às dificuldades económicas atravessadas pelo Brasil. **João diz não à Taça,** é no entanto o título do «Jornal dos Desportos», referindo assim a posição de João Havelange, presidente brasileiro da Federação Internacional. A análise económica realizada pela Sepian (Secretariado do Plano) concluiu que a paralisação no trabalho, nos dias dos jogos, e a obrigação de destinar as receitas de várias jornadas da lotaria desportiva para a melhoria dos estádios e não para obras sociais, foram decisivas, salienta ainda o jornal especializado. Por seu turno «O Globo» afirma que foi o **Instituto de Pesquisa Económica e Social** que fez pender a balança. A organização do «Mundial» pelo Brasil provocaria uma queda de produtividade importante, incompatível com a difícil situação económica actual.

O traço de Pargana



A águia sujeita a um traço

Nacionais de futebol

Benfica em Guimarães

Prossegue hoje o Campeonato da 1.ª Divisão futebolística, com a partida Sporting - Varzim, em Alvalade (15 horas).

O calendário da 22.ª ronda apresenta, no cartaz de amanhã, os jogos seguintes: Guimarães - Benfica, Rio Ave - Setúbal, Amora - Boavista, Alcobaca - Espinho e Portimonense - Braga (todas às 15 h) mais o Marítimo - Estoril (16 horas) e o Porto - Salgueiros (às 19 h, transmitido directamente pela RTP).

Por seu lado, a 20.ª jornada do Campeonato Nacional da II Divisão é constituída pelos seguintes encontros na **Zona Norte**: Gil Vicente (19 p.) - Riopole (10 p.) (2-2); Feirense (19) - Chaves (25) (0-1); Sanjoanense (20) - Penafiel (26) (1-2); Valonguense (16) - P. Ferreira (24) (0-5); Leça (13) - Leixões (22) (0-0); Lourosa (18) - Vizela (24) (0-1); Valdevez (20) - Famalicão (19) (0-1) e Bragança (7) - Oliveirense (10) (0-1).

Zona Centro: Estarreja (14) - Nazarenos (15) (0-0); Águeda (30) - Académico (30) (4-1); Anadia (18) - U. Leiria (24) (1-0); Torreense (22) - Ac. Viseu (16) (3-0); Bf. C. Branco (18) - O. Bairro (15)

(1-1); Rio Maior (16) - Beira-Mar (19) (0-0); U. Coimbra (21) - Peniche (15) (0-1); Est. Portalegre (15) - Covilhã (14) (1-2).

Zona Sul: Atlético (15) - Vasco da Gama (13) (1-2); U. Madeira (23) - Farense (32) (2-2); Juventude (18) - Quimigal (11) (1-1); Odivelas (16) - Cova Piedade (18) (0-3); Sacavenense (18) - Lusitano (24) (2-3); Barreirense (16) - Nacional (21) (0-2); Olhanense (21) - Belenenses (22) (0-2); Elvas (16) - Sesimbra (19) (1-1).

Jogos antecipados para hoje: Sanjoanense - Penafiel, às 15 h; União da Madeira - Farense, às 16 h.

Marcadores

Gomes, (FC Porto), mantém um avanço de 11 golos sobre Nenê, (Benfica), nos melhores marcadores do campeonato. Gomes não marcou frente ao Vitória de Setúbal, o mesmo acontecendo com Nenê, perante o Varzim. Classificação: 1. Gomes, FC Porto, 27 golos; 2. Nenê, Benfica, 16; 3. Nhabela, Rio Ave, 15; 4. Jordão, Sporting, 14; 5. Filipovic, Benfica, 13; 6. Walsh, FC Porto, 12; 7. Oliveira,

Sporting, 9; 8. Raul Aguas, Portimonense, 9; 9. Joaquim Rocha, Guimarães, 7; 10. Lito, Sporting, 7.

Árbitros unem-se

Face às últimas reacções que têm visado, muito particularmente, a totalidade da arbitragem e mais em pormenor, o árbitro Santos Ruivo, do Conselho Regional de Santarém, os juizes de campo escabalanos estão dispostos a tomar uma posição bastante firme e categórica.

Assim, na reunião que está apazada para a próxima terça-feira, dia 15 às 21 e 30 horas, na sede do C.R. de Santarém, será lançada uma proposta no sentido de os árbitros pertencentes ao quadro da I Divisão recusarem-se a dirigir encontros em que estejam envolvidas as equipas do FC Porto ou do Sporting. São cinco esses árbitros: Alder Dantes, Mário Luis, António Rodrigues, Santos Ruivo e Manuel Abreu. Para esta reunião foi igualmente convidado a compor um árbitro representante do Conselho Regional de Setúbal, que parece estar disposto a associar-se a este «movimento».

Um exemplo a destacar

Salgueiros enaltece árbitros

Um triunfo do Benfica em Guimarães **poderá facilitar o comportamento do Salgueiros, nas Antas**, frente ao FC Porto, afirma Carlos Alberto, chefe do departamento de futebol do clube de «Vidal Pinheiro». Para ele o FC do Porto atravessa uma crise psicológica depois da derrota sofrida no domingo em Setúbal, já que muito dificilmente **poderá atingir o título.**

É dos jogos mais fáceis deste campeonato para o Salgueiros, diz Carlos Alberto, adian-

tando que **tudo depende do que acontecer em Guimarães.** Para este dirigente, **naturalmente que se a equipa vimarense vencer ou empatar, o FC do Porto não deverá dar a mais pequena hipótese de o Salgueiros ter veleidades de recuperar o terreno perdido.** Se perdermos, **não serão esses dois pontos que terão qualquer influência na nossa classificação, porque à partida eles não fazem parte das nossas contas.** Mesmo assim, Carlos Alberto acredita que é

possível o Salgueiros empatar nas Antas.

Se perdermos, penso que o Salgueiros não é equipa para levar a vergonhosa goleada que o Boavista sofreu nas Antas há quinze dias, sublinha Carlos Alberto, adiantando que a equipa **tem a quinta defesa menos batida do campeonato**, com apenas 21 golos sofridos, logo atrás do Benfica Porto. Sporting e Guimarães. **Também temos consciência que o FC do Porto tem uma dupla de avançados (Gomes e Walsh) de elevada cotação internacional** — salienta. Referindo-se à actuação dos árbitros, Carlos Alberto refere que **o Salgueiros não tem qualquer razão de queixa, apesar de ter perdido em Alvalade através de três grandes penalidades inexistentes.**

Para hoje

ANEBOL: Divisão de Honra fase final: FC Porto - Sp. Espinho (18 h), S. Mamede - Desp. Portugal (21.30 h), Benfica - Belenenses (Luz, n.º 2, 18.30 h — transmissão directa pela TV) e Sporting - Almada (17 h). I Divisão (masculinos), fase final: Salgueiros - Caselas (pav. Lima, 18 h) e Sanjoanense - Passos Manuel (18 h). Divisão de Honra, apuramento Zona Norte: Beira Mar - Académico (21.30 h), Maia - Fermentões (21.30 h) e Póvoa - Académica (18 h). Zona Sul: U. Leiria - V. Setúbal (17 h), Paço de Arcos - Caselas (18.30 h) e Caramão - Encarnação (pav. Restelo, 21 h). I Divisão (masculinos), apuramento Zona Norte: Francisco Holanda - S. Bernardo (17 h), Águas Santas - Sp. Braga (21.30 h) e GD Quimigal/Estarreja - Vilanovense (18 h). Zona Sul: Náutico do Guadiana - Académica da Amadora (18 h), Ginásio do Sul - Sismaria (pav. D. António da Costa, 21.30 h) e Oriental - CDUL (pav. D. Dinis, 21.30 h). I Divisão (femininos) Zona Norte: ABC - Águeda (pav. A. Soares, Braga, 17.30 h) e Académico do Porto - Académica de Coimbra (pav. Lima, 16 h). Zona Sul: Albicastrense - U. Leiria (pav. C. Branco, 18 h) e Torres Novas - Clube Vela Távira (21.30 h).

HÓQUEI EM PATINS I Divisão: Oliveirense - Sesimbra (16.30 h, com transmissão em directo pela TV), Oeiras - Valongo, Juventude de Viana - Benfica, Física de Torres - Sp. Tomar, FC Porto - Sporting, Famalicão - Belenenses, Paço de Arcos - Infante de Sagres e Académica da Amadora - Sanjo-

anense, todos às 21 h, salvo a excepção indicada.

VOLEIBOL I Divisão (masculinos) Zona Norte: Académica de Espinho - Sp. Espinho (21.30 h), Leixões - Francisco Holanda (21.30 h), Grundig - FC Porto (20 h) e Esmoriz - Académica S. Mamede (21.30 h). Zona Sul: ISEF - CDUL (Esteiros, 17.30 h), Operário de Futebol - Gil Vicente (Ec. Patrício Prazeres, 17.30 h), Nacional - Técnico (Esc. Sec. Cascais, 18 h) e Sebastião e Silva - Benfica (Esteiros, 19.30 h).

WATER POLO: 3.ª Jornada do Troféu Amizade, a disputar com o R. C. Náutico de Vigo, na piscina do CDUP, (à R. da Boa Hora, 24 Porto), às 15 h: CDUP - R. C. Náutico de Vigo (equipas B) 16 h: CDUP - R. C. Náutico de Vigo (equipas A).

Atletismo: amanhã

A Associação de Atletismo de Lisboa promove, amanhã, o Campeonato Regional de Fundo (30 quilómetros em estrada) cuja partida, antecipada para as 9 horas, por determinação superior, será feita ao km 94.9 da estrada entre o Guincho e a Malveira da Serra, com chegada a Algés, precisamente ao km 0.8 da marginal. O campeonato é aberto a federados e a populares, de ambos os sexos e não menos de 18 anos.

O Clube de Futebol de Santa Iria realiza, amanhã, à tarde, às 15 horas, o II Grande Prémio de Marcha, nas ruas da localidade, competição aberta a todas as categorias inclusive a populares.

Desporto na Rádio e na TV

Este fim-de-semana tem a larga percentagem de acontecimentos desportivos transmitidos pela Rádio ou pela RTP. Programa previsto pela Rádio Comercial para hoje: futebol (Sporting - Varzim, às 15, com Fernando Correia e Wilson Brasil e União da Madeira - Farense, com David Borges, pelas 16 horas), além de hóquei em patins, basquetebol e andebol. Amanhã: Guimarães - Benfica (Costa Monteiro e Anibal Barroso), Amora - Benfica (Jorge Perestelo e Neves de Sousa) e Águeda - Académico de Coimbra (Aurélio Vasques).

Por seu lado a Antena Um transmite hoje, durante a sua programação informações sobre o jogo Sporting - Varzim. Amanhã, a sua tarde desportiva normal inicia-se às 15 e ainda terá informações, durante a programação, acerca do jogo Porto Salgueiros, que começa cerca das 19 h. No próximo dia 16, a Antena Um transmite uma noite desportiva, às 19 e às 21 h respectivamente, com relato directo dos jogos Real Sociedad - Sporting e Benfica - Roma. Por esse motivo não poderão ser transmitidos os habituais programas «Folhetim», «O Espaço é seu» e «Toda a gente é pessoa». Finalmente, no dia 20, a Antena Um fará um relato da prova de atletismo do Campeonato do Mundo «Cross das Nações», a qual fica incluída na habitual «Tarde Desportiva».

Quanto à Televisão, o programa «Troféu», que a RTP transmitirá hoje, a partir das 12 horas inclui diversas transmissões directivas de competições desportivas, com o seguinte programa: das 15 horas às 16 e 30, finalização artística (Campeonatos do Mundo, a decorrer em Hensinquia); das 16 e 30 às 18, hóquei em patins (Oliveirense - Sesimbra, para o Campeonato Nacional da I Divisão); das 18 e 30 às 20, andebol (Benfica - Belenenses para o Campeonato Nacional da Divisão de Honra). Amanhã, das 16 e 15 às 18 e 30, a RTP transmitirá a transmissão directa do Grande Prémio do Brasil de Fórmula 1, primeira prova do Campeonato Mundial de Pilotos, no Circuito de Jacarepaguá.

Brasil: Keke Rosberg vai arrancar em 1.º

O actual campeão do mundo da fórmula Um, o finlandês Keke Rosberg, conseguiu o melhor tempo dos treinos oficiais para o «Grande Prémio do Brasil». Os tempos oficiais, alcançados no Circuito de Jacarepaguá, onde amanhã se inaugura a temporada de 1983 da Fórmula 1, foram: 1.º Keke Rosberg (Williams), 1 m 34s 28; 2.º Alain Prost (Renault) 1.34.672; 3.º Patrick Tambay (Ferrari), 1.34.993; 4.º Derek Warwick (Toleman) 1.35.206; 5.º Nelson Piquet (Brabham) 1.35.815; 6.º Ricardo Patrese (Brabham) 1.35.958; 7.º Niki Lauda (McLaren) 1.36.54; 8.º Mauro Baldi (Alfa Romeo) 1.36.126; 9.º René Arnoux (Ferrari) 1.36.390; 10.º Bruno Giacomelli (Toleman) 1.36.741; 11.º Andrea de Cesaris (Alfa Romeo) 1.36.847; 12.º Jean-Pierre Jarier (Ligier) 1.36.828; 13.º Eddie Cheever (Renault) 1.37.005; 14.º Roberto Guerrero (Theodore) 1.37.237; 15.º John Watson (McLaren) 1.37.844.



A partir de depois de amanhã e até ao dia 18, a Direcção-Geral dos Desportos promove, através do Instituto Nacional dos Desportos, a Semana do Livro Desportivo, iniciativa que visa divulgar não só as obras, como promover debates, sobre a matéria. No penúltimo dia da exposição efectua-se um colóquio sobre o livro desportivo em Portugal, que conta com a participação da Associação Portuguesa de Escritores, Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, Sociedade Portuguesa de Autores, Instituto Superior de Educação Física e representantes da Imprensa

DESPORTO

Benfica em hora de eleições

Homenagem a Pinheiro Machado foi ataque cerrado à direcção

A qualidade de Justino Pinheiro Machado como homem e dirigente foi ontem à noite exaltada por algumas das principais figuras do Benfica no decorrer de um jantar de homenagem oferecido ao antigo vice-presidente do clube da Luz. Cerca de meio milhar de pessoas participaram na homenagem a Pinheiro Machado, como forma de **desagravo pela atitude de alguns associados que, em recente assembleia geral, impediram o «água de ouro» — do Benfica de usar da palavra.**

Entre os presentes, saliência para dois antigos presidentes da direcção, dr. Fezas Vital e Ferreira Queimado, e ainda para Jorge de Brito, candidato a comandante do Benfica nas próximas eleições do clube, além de outras conhecidas personalidades da vida da colectividade rubra.

Durante os discursos, o dr. Fezas Vital salientou que era o Benfica que estava presente nesta homenagem, **sem facções de qualquer tipo**, lamentando, por isso, a ausência de qualquer elemento da actual direcção presidida por Fernando Martins.

Germano Campos (da comissão organizadora da homenagem) afirmou que Pinheiro Machado **entrou na história do Benfica e que os históricos fazem engodo a muita gente medíocre**. Afirmou, depois, ser o homenageado **uma pessoa estruturalmente séria e saliente** que a «água de ouro» **foi por si conquistada passo a passo, simples e naturalmente**. Mani-

festou, ainda, a sua repulsa pela indignidade cometida na assembleia geral contra Pinheiro Machado: **foram atitudes desprezíveis a cargo de energúmenos que não representam o Benfica.**

José Ricardo Domingues (antigo chefe do Departamento de Futebol), disse que **vaia Pinheiro Machado é o mesmo que vaia Cosme Damião ou Joaquim Bogalho e acusou o dr. juiz Araújo e Sá de, como presidente da Assembleia Geral, não ter tido pudor nem consciência para dizer que não permitia insultos a tão grande figura do Benfica**. Disse, também, que o dr. juiz Araújo e Sá devia ser **escoraçado de sócio do clube por ter permitido esses insultos** e acrescentou: **Aqui está, de facto, o Benfica. Estão dois antigos presidentes da Direcção e um futuro (referindo-se a Jorge de Brito). Os outros, se ainda fossem vivos, aqui estariam também.**

Jorge de Brito, candidato oficial à presidência da Direcção, afirmou que o homenageado **pode orgulhar-se de fazer parte em corpo inteiro da história do Benfica, que tem para com ele uma enorme dívida de gratidão**. Considerou ainda Pinheiro Machado **baluarte moral e espiritual do Benfica, para os vindouros**, enquanto Ferreira Queimado fez também o elogio da **figura de benfiquista que é este homem**.

Pinheiro Machado (80 anos) começou por incluir no desagravo

todos os homens que, como eu, foram ofendidos pela Assembleia Geral pelo seu presidente. Salientaria que a ofensa não partiu apenas de um grupelho e acrescentou: **Fomos ofendidos pelos presidentes da assembleia geral e do conselho fiscal, como se não tivéssemos o direito de pensar de forma diferente da deles**. Considerou-se amigo de Fernando Martins, mas acusou este de **apenas poder culpar-se a si próprio e da sua prepotência, de tal maneira que nem como os seus colegas se soube entender. Até com o eng.º Eduardo Pereira, aqui presente, ele teve problemas**, acrescentou.

Pinheiro Machado lamentou várias atitudes de Fernando Martins, referindo que, quando da atribuição das faixas aos campeonatos nacionais de 1980/81, não chamou para junto de si Gaspar Ramos, o então chefe do Departamento de Futebol. Comentou ainda o facto do actual presidente da Direcção não ter convidado Ferreira Queimado para os actos de inauguração do novo pavilhão e para a escritura de compra do imóvel da secretaria, no Largo Jardim do Regedor. **Toda a gen-**



Dr. Fezas Vital: «o Benfica não tem facções»

te sabe que o pavilhão e a compra do imóvel são obras de Ferreira Queimado e não da actual gerência, que se limitou a figurar nos actos respectivos, acrescentou. Finalmente, o homenageado revelou a todos os presentes que, após essas atitudes, **Fernando Martins teve o deslance de convidar Ferreira Queimado para fazer parte da sua lista nas próximas eleições, como presidente da Assembleia Geral!**

Xadrez: espanholas venceram a gente

A Espanha assegurou ontem a vitória no primeiro torneio luso-espanhol de xadrez feminino, que se disputa no Clube de Vale de Leão, na Figueira da Foz. Embora, a 4.ª e última jornada, somente hoje se realize as xadrezistas espanholas asseguraram já o triunfo do seu país após vencerem por 3-1 a ronda de ontem que teve os seguintes resultados: Teresa Canela (Esp) — Aida Ferreira (Port) 1-0; Carmen Gravalos (Esp.) — Luz Vilas Boas (Port) 1-0; Rosa Grisaleña (Esp.) — Isabel Pereira dos Santos (Port) 0-1 e Lutgarda Gonzalez (Esp) — Ilda Miranda (Port) 1-0, após adiamento. A Espanha totalizou 8,5 pontos contra 3,5 de Portugal vantagem que lhe assegura a vitória final do torneio pois mesmo que as xadrezistas portuguesas vencessem todas as partidas de hoje a equipa nacional somente atingiria 7,5 pontos.

A classificação individual é comandada por Lutgarda Gonzalez (com 3 pontos) contando por êxitos todas as partidas disputadas, seguida de Teresa Canela (2,5 pontos) e Isabel Pereira dos Santos (dois pontos).

A última jornada tem lugar hoje à tarde com as seguintes partidas: Maria Luísa Cuevas — Aida Ferreira, Teresa Canela — Isabel Pereira dos Santos, Carmen Gravalos — Ilda Miranda e Lutgarda Gonzalez — Luz Vilas — Boas. A sessão de encerramento e entrega dos prémios tem lugar hoje à noite no complexo turístico de Vale de Leão.

Fernando Martins equacionado pelo bloco de Jorge de Brito

A Comissão de Apoio à candidatura de Jorge de Brito para presidente do Benfica torna público o seguinte comunicado:

“1 — Tomámos conhecimento, através dos órgãos de Comunicação Social, que o actual presidente da direcção do Sport Lisboa e Benfica ofereceu um ‘jantar de despedida’ aos presidentes dos clubes da 1.ª divisão. São esses mesmos órgãos informativos que afirmam que o acto, embora considerado ‘extracampanha eleitoral’, não deixou pelo seu significado, de funcionar como tal, uma vez que nele se anunciou uma ‘intenção de recandidatura’.

Independente de cada um ser livre de tomar as atitudes que muito bem entender, não restam dúvidas que esta campanha eleitoral, mesmo com ‘actos-extra’, promete em originalidade...

“O acto eleitoral do Sport Lisboa e Benfica deixou de ser, apenas, um acto interno, circunscrito à sua independente massa associativa, mas passou a ter, também, a interferência e ingerência de outros clubes. Pela primeira vez, na longa e gloriosa história do clube, são sugeridos ‘apoios exteriores’ numa questão que apenas diz respeito aos benfiquistas, o que, antes daquele jantar, era inconcebível... E, sendo dados tais apoios — como se depreende das referidas notícias — isso pode significar ou traduzir, pelo menos da parte de alguns dos participantes, um claro receio de que se possam aproximar novos tempos, em que os interesses do Benfica voltem a ser defendidos de uma forma mais objectiva e firme, deixando o nosso clube de actuar em segundo plano, num ‘seguidismo’ que começa a ser doentio, mas que muito agrada aos anseios de

liderança de certos dirigentes. O Benfica é um clube impar no desporto português, cabendo-lhe por direito, um lugar cimeiro e o dever de emitir opiniões próprias, embora sempre as vias do consenso e soluções concertadas na transparência de comportamentos e propósitos.

“2 — No decorrer deste original ‘jantar de despedida’ (porque agora e não depois das eleições, como pareceria curial?...), o actual presidente da direcção — ainda segundo os mesmos órgãos de Informação —, teria também emitido o seguinte ‘desabafo curioso’: ‘Eu, só com seis jogadores, dirigi ‘isto’ na maravilha. Com vinte, eram um problema.’ Tal desabafo evidencia, simplesmente, uma flagrante ilegalidade e incoerência. Ilegalidade, porque essa ‘curiosa’ situação não é permitida pelos Estatutos em vigor. Um presidente do Benfica não pode dirigir o clube como lhe apetece, a seu sabor pessoal e ao mais completo arripio das normas regulamentares. O exemplo deve vir de cima e o presidente tem de ser o primeiro a cumprir a lei do clube... Incoerência porque, de facto, embora diga que assim foi uma ‘maravilha’, é o próprio presidente que, sentindo necessidade de repor a eficácia perdida da sua direcção, veio, afinal, a recorrer posteriormente à nomeação directa de colaboradores (não eleitos!). Reconhecimento implícito de que dirigir com seis não é eficaz! Existe, assim, uma completa contradição entre o que o presidente disse e entre o que o presidente fez... Ficamos, agora, ‘curiosamente’ aguardando que o sr. Fernando Martins se recandidate apenas com seis directores. Porque, com vinte, já sabemos — será para ele um problema!”



Gaspar Ramos e Jorge de Brito: futebol é sempre o tema

“Estamos nessa!”

As vitórias dos Eusebios/Chalanas e companhia, criaram esse «slogan» muito vulgarizado e simplesmente divertido, de que «quem não é do Benfica não é bom chefe de família...». Descontando o excessivo humor clubístico dos adeptos do «glorioso», confessando que não será essa razão porque não me considero um exemplar «pai de família» e adiantando uma natural irritação pelo modo como os jornalistas estão a ser tratados pelos actuais responsáveis da Luz, confrontei-me há dias com o problema: votar ou não votar?

É que, além de ser um dos «humilhados e ofendidos» e de ter uma velha simpatia pelos «lagartos» sou obrigado a pagar quotas mensais no Benfica. Tal como, aliás, os dois «índios» lá de casa (a 300 metros do Estádio, do ginásio, da piscina, das pistas, dos courts de ténis, etc.) que torcem a valer pelos encarnados. E como neste nosso brando país, o acesso ao desporto (de bancada ou sem bancada) passa pelos privados clubes e pelas respectivas inscrições e quotas, somos três em casa a pagar.

Ora como vai haver eleições no Benfica, como há duas listas e como nunca votei em clubes, aí está, repito, o dilema: votar ou não?

Democraticamente coloquemos o problema ao Daniel (13 anos e ao Sérgio, 9), mais preocupados, de momento, com o jogo da próxima quarta-

feira com o Roma e com a desejada vitória do clube.

Olharam-me desconfiados. O mais novo, e mais «regulão» disparou:

— Mas o que é que a gente tem a ver com isso? Não se vota só com dezoito anos?
— Isto não é uma eleição política — retorquiu.
— Mas tu não és do Sporting? insistiu ele.
— Mas pago quotas no Benfica como vocês...
— E é só por isso que falas em votar?
— Bom, é que há uma lista que promete

aumentar as possibilidades de os sócios praticarem desporto, criar uma biblioteca, fazer exposições, construir um parque de campismo junto ao mar, um cinema, mais tanques para ensino de natação, preparar um circuito de manutenção, mais courts de ténis e compromete-se, também, a tratar decentemente os jornalistas, a respeitar os seus direitos profissionais, e facilitar-lhes as condições de trabalho e outras coisas mais...

O Daniel quebrou o seu habitual silêncio.

— «Estamos nessa» — disse.
— **Eu cá não voto no Fernando Martins. É um mau presidente e só pensa em dinheiro!** — responde, (exactamente assim) o Sérgio.

E aí está porque, pela primeira vez na vida eu vou votar numa lista do Benfica!

EA

Nacional de basquetebol

Quinteto procura fama

Os cinco actuais primeiros do nacional da 1.ª divisão de basquetebol também candidatos únicos à «poule» final (de 4 clubes) têm este fim-de-semana particularmente incomodativo e de efeitos imprevisíveis quanto às suas aspirações na prova. A «empreitada» mais exigente está, todavia, reservada ao FC Porto coagido a jogar, num prazo de vinte horas, nos campos de adversários poderosos e temíveis, como são o Quéluz (Hoje) e o Barreirense (amanhã). Evidentemente que os portistas possuem bagagem para discutir os resultados em ambos os recintos e, consequentemente, os receios das equipas visitadas cabem no mesmo saco em percentagem idêntica. Até porque na primeira fase os «azuis e brancos» venceram ambos os jogos, embora mais recentemente, na volta de abertura desta «poule», também tenham perdido com o Barreirense em casa na sua primeira derrota nas Antas, o que ajudou poderosamente a que os barreirenses terminassem esta primeira volta sem conhecer a derrota, em sete jogos. Por outro lado, os

dois adversários do Porto dispõem este fim-de-semana de um ensejo praticamente certo de vitória perante o Sangalhos, o que não acontece com os portistas, que poderão regressar com dois insucessos e assim perigarem as suas aspirações de «levar» para as Antas à fase decisiva da competição.

Os outros dois do «quinteto» metidos em perigos de estagnação classificativa são o Olivais e o Benfica, justamente porque se defrontam. Os «encarnados» possuem mais capacidade técnica e física, parecendo-nos susceptíveis de chegar à vitória.

Uma das contrariedades que vai ser vivida pelos dois «cinco» será a negativa em que se mantêm os árbitros de várias associações em dirigir jogos nos Olivais (também em Sangalhos e na Tapadinha) pelo que irão certamente ser «pescados» entre a assistência dois improvisados juizes, a exemplo do que aconteceu no último fim-de-semana na Tapadinha.

O Atlético acompanha o Benfica nas suas deslocações aos Oli-

vais e à Figueira da Foz, onde os «encarnados» são favoritos e os alcantarenses terão imensas dificuldades de triunfar. Perspectiva: ser diminuída a distância que separa o Porto do Benfica, Barreirense e Quéluz, enquanto o Olivais provavelmente voltará, perante a equipa da Luz, a sacrificar esperanças de qualificação.

Os jogos de hoje, 28.ª jornada: Barreirense-Sangalhos (21), Quéluz-FC Porto (21), Ginásio-Atlético (18) e Olivais-Benfica (21).

Amanhã (29.ª jornada): Barreirense-FC Porto (17), Quéluz-Sangalhos (17 e 30), Olivais-Atlético (17) e Ginásio-Benfica (17 e 30).

A contar para a série dos últimos efectua-se amanhã o jogo entre a Ovarense e a Sanjoanense (17), em Ovar. Na jornada descansa o CDUL. As três equipas concluíram empatadas em pontos a 1.ª volta e tudo parece encaminhar-se para que se efectivamente na derradeira etapa venha a ser conhecido o último classificado, que descerá na próxima temporada à 2.ª divisão.

Encontro com o cinema português

Continua a Cinemateca Portuguesa a organizar, às quintas-feiras pelas 18 h, o seu **Encontro com o cinema português** mercê da exibição de filmes, recentes ou pré-históricos, excelentes ou medíocres, numa tentativa de dar a ver para depois se crer e, então, talvez querer ou não.

Trata-se de uma iniciativa que é já rotina da sala da Barata Salgueiro e onde vale sempre a pena ir espreitar. As vezes é gratificante, outras insuportável: é assim com o cinema, português também.

Gratificante, sem sombra para dúvida, é o próximo filme que vai passar, precisamente na dia 17: **Uma abelha na chuva**, a leitura de Carlos de Oliveira feita por Fernando Lopes. A filmagem reproduz, a montagem trans-forma, o tempo é a sufocação do nevoeiro, a questão é, sibilina-mente, a luta de classes. João Guedes e Laura Soveral têm

neste filme o melhor trabalho que fizeram para cinema. Zita Duarte mostra como é possível ser-se surdamente desejável.

Provavelmente **Uma abelha na chuva** é o mais importante dos filmes da viragem dos anos 60/70 em Portugal. Vão ver se envelheceu.

No dia 24 de Março regressamos a 1946 e a **Cais do Sodré** de Alejandro Perla. Estava-se no tempo em que daqui a Espanha, em cinema, era um salto que muitos davam. Com reciprocidade. Apesar das histórias divertidas que o Óscar Acúrsio conta sobre a rodagem de **Cais do Sodré**, não predigo grande coisa para o filme. Mas só vendo... Vale, talvez, a pena ver Virgílio Teixeira e Carlos Otero, dois dos tais que saltaram para Espanha e lá fizeram carreira.

No dia 31 de Março vamos à pré-história com um documentário de 1927 (**Festa da Asso-**

ciação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de S. Pedro do Sul) de Artur Costa de Macedo e com **O fauno das montanhas** de Manuel Luís Vieira (1926), cineasta madeirense que precisamente na sua ilha natal rodou este filme.

A 7 de Abril é a vez da **Rosa de Alfama** que Henrique Campos realizou em 1953. É uma história de família honrada, um vadio, marinheiros, uma criança, bons costumes e um feliz. «As canções são bonitas», dizia Rebelo de Bettencourt numa crítica da época. Será que flutua?

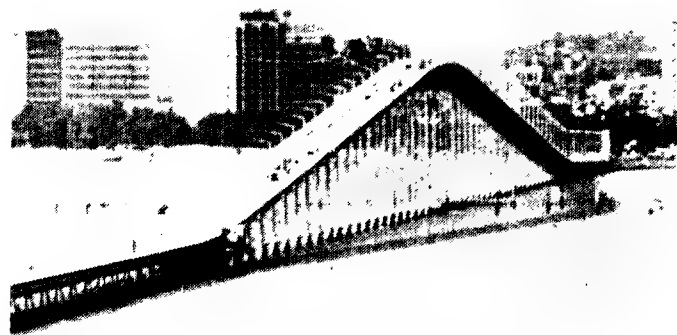
Para 14 de Abril, e já que estamos em maré de cantigas, vem **Capas negras** de Armando de Miranda (1947). É um melodrama com Amália Rodrigues, de lágrima fácil e moral a toda a prova, que tem a particularidade de ter sido um sucesso estrondoso de público e um dos filmes que mais longamente foi perma-

necendo em distribuição comercial efectiva. Paradoxo? Não: há uma eficácia folhetinesca certa.

A 21 de Abril vem **Passagem ou a meio caminho** de Jorge Silva Melo (1980). O caso de um filme falhado apaixonante. Onde passa muito do que somos e fizemos/perdemos (nós quer dizer, a geração que tem trinta anos na década de 80). Uma das possíveis descobertas deste **Encontro**.

A 28 de Abril é a vergonha: **Rapsódia portuguesa** de João Mendes (1958), o cinema oficial de um regime em decadência: nacional - cançonetismo e folclore. Só para ver onde se chegou, vale a pena lá ir. É um monumento de piroseira e de mau gosto. Pior que o Festival da Canção da RTP? Quem sabe?

J. L. R.



Perspectiva de Macau, vendo-se em 1.º plano a ponte de Taipa (foto de Eduardo Tomé)

Semana de Macau no Casino Estoril

Inaugura-se na próxima sexta-feira, dia 18 de Março, com a abertura de exposições, folclore, fogo-de-artifício e gastronomia, a **Semana de Macau**, que decorrerá até ao dia 27 de Março, no Casino Estoril, manifestação organizada pela Direcção dos Serviços de Turismo de Macau e que terá essencialmente objectivos de natureza cultural e turística. Recorde-se que há poucos meses decorreu naquele território o congresso da APAVT (Associação Portuguesa das Agências de Viagens), que levou a Macau algumas centenas de pessoas ligadas ao turismo e que vieram entusiasmasdas com as potencialidades turísticas de Macau.

Aguardada com muita expectativa quer pelos macaenses residentes em Portugal quer pelo público em geral, esta «semana» apresenta um programa aliciante do qual se destaca: uma notável «Exposição Documental sobre Macau», organizada pelo Arquivo Histórico Ultramarino, que inclui mapas, iconografias manuscritas, gravuras, um conjunto de códices, livros e outros documentos avulsos de grande interesse para a história de Macau; uma mostra filatélica do Museu dos CTT que apresenta emissões que vão de 1884 a 1960, sendo algumas comemorativas; uma colecção de exemplares de numismática do Banco Nacional Ultramarino; fotografias de Leong Chio Ngok e Manuel Cardoso; uma exposição de pintura de Chan Chi Wai, autor que pintará no local, e, finalmente, artesanato macaense com exposição e fabrico de cerá-

mica, mobiliário e flores artificiais. Para o efeito estarão presentes artesãos expressamente vindos de Macau.

Artes marciais, cantares portugueses pela Tuna Macaense, espectáculos de ópera chinesa, a apresentação folclórica das Danças do Dragão e do Leão, recepções no Castelo de S. Jorge e na Escola de Hotelaria do Porto além de mostras de pintura e uma palestra na Casa de Macau são outros pontos deste programa.

No âmbito desta manifestação cultural decorrerá, no Salão do Casino Estoril, de 19 a 26 de Março um festival de gastronomia com a inclusão de pratos típicos, nomeadamente os camarões recheados, o peixe guisado com Repolho, o porco balchão Tamarinho com Arroz Carregado, a «Galinha Chau Chau Parida» e o minchi, entre outros igualmente requintados. Entradas, sopas e doces regionais completamente as ementas que são da responsabilidade das chefes de cozinha Aida de Jesus e Alice Pinto Marques, do Hotel Lisboa de Macau que, com os seus ajuntados e a brigada de cozinha do Casino Estoril, tudo farão para dar resposta ao apetite mais exigente.

Integrando o programa inaugural será queimado, cerca das 21.30 horas do dia 18 de Março, no Parque do Estoril (zona fronteiriça ao Casino), fogo-de-artifício.

A cerimónia inaugural estarão presentes diversos membros do Governo, bem como o governador de Macau, almirante Almeida Costa, e o secretário do Turismo, dr. Jorge Rangel.



Laura Soveral e João Guedes em «Uma Abelha na Chuva» a exhibir, na Cinemateca, dia 17, às 18 h.

RODA PÉ

José Duarte

Castro em Manhattan

Na primeira metade da década de 40, Ferreira de Castro escreveu a sua 'Volta ao Mundo' num estilo repousado e colorido, como consequência duma observação pessoal, vivida e interpretada.

É com especial e renovado interesse que, hoje, se lêem as páginas dedicadas à cidade de New York. A 40 anos de distância a realidade é outra, embora muitos dos detalhes se mantenham e muito do perfume se conserve. Para quem se interessa por jazz, é sabido que a cidade de New York é a Meca do jazz e que tudo na vida tem a ver



com música e com o jazz em particular. De Norte a Sul, ou de rio a rio, tudo transpira jazz, desde a Greenwich Village a Harlem, desde o arranha-céus ao táxi amarelo. Aliás, como qualquer música digna que se preza, o jazz reflecte muito nas suas formas, estruturas, dinâmicas e sonoridades, o ritmo do seu 'habitat' e origens nas quais se conta e com muito peso a cidade de New York.

Música declaradamente urbana desde New Orleans, o jazz vivia um dos seus apogeuos de popularidade generalizada nos anos 40.

Era ainda uma música útil, que servia para dançar, que era conhecida do grande público, o qual até tinha preferências por esta ou aquela grande orquestra, por este ou aquele instrumentista ou cantor. Hoje a situação é outra e o jazz encontra-se circunscrito à apreciação duma minoria que se confunde na proliferação de estilos, nas fusões com outras estéticas, que assiste ao jazz em clube, disco ou concerto, sem participar.

Inevitavelmente, Ferreira de Castro encontrou então o jazz em New York e a ele assim se referiu: «as orquestras de jazz alucinam a noite, raparigas de ébano entoam melancólicas canções, dum fatalismo rónico».

Sabendo nós hoje, através duma cómoda e segura perspectiva histórica, que a cena de New York estava na altura recheada de músicos notáveis, só nos resta imaginar quem poderia Ferreira de Castro ter visto e ouvido tocar e cantar (Billie Holiday, quem sabe?) com certeza alguns dos génios autênticos desta expressão musical que então confirmavam o seu domínio do jazz nas vésperas de Parker e do chamado salto para o moderno. Sempre muito atento ao ambiente social e suas implicações, Castro acrescenta mais adiante: «a sala é uma sucessão de caras pretas e de caras brancas, todas de olhos fixos nos cantores e dançarinos. Dir-se-ia que as bandeiras raciais se baixam, de noite, perante a arte negra». Na época, o jazz habitava toda a ilha de Manhattan e concentrava-se em Times Square e suas imediações. Hoje já não é assim, o jazz espalhou-se para as pontas da ilha, embora viva em salpicos, um pouco por toda a parte, mas não na praça central, onde apenas o comércio desenfreado e as diversões de qualidade diferenciada, imperam.

Castro foi testemunha do jazz em pleno coração de Manhattan e assim, num pequeno período, dá conta dele «um pouco adiante, há tumultos musicais - o jazz nos seus domínios, resguardado por biombos».

O termo 'tumultos' é preciso para a identificação do estilo de jazz da época: um jazz onde o ritmo, as massas sonoras, a expressividade instrumental, eram

elementos duma explosão musical madura e poderosa.

É preciso não esquecer que se vivia a Segunda Guerra Mundial!

Mas, Ferreira de Castro, claro que não se limita a estas incursões no jazz. Dá-nos, isso sim, uma descrição saborosa e total da grande metrópole multifacetada. Sigamo-lo, por momentos, no seu itinerário e atentemos na terminologia:

— a Broadway, com trinta quilómetros, que se dá ao capricho de não avançar sempre em linha recta.

— a China-town onde velhos chins ganham a vida engomando roupa.

— a Greenwich Village com, às vezes, uns restos de lixo que não foram recolhidos a tempo.

— o 'building' de quinze andares onde a 'Associated Press', agência de notícias, pode estar informada, em dez ou doze minutos, de tudo quanto se passa no mundo.

— o Empire State que termina como a ponta duma ampola

— na rua a selecção de mulheres bonitas, quase todas, como se sabe, altas e loiras

— o uso do 'chewing-gum' que movimenta a boca dos americanos.

— o restaurante 'automático' onde, junto às paredes, há uma série de caixas metálicas ligadas umas às outras, como as das secções de 'apartados' nos correios.

— a viagem de autocarro até Harlem, na qual os veículos saem do centro da cidade carregados de brancos e, chegam ao fim, carregados de pretos.

e há o vocabulário neorquino, cheio de lógica e cheio de sabor datado, que o tempo esqueceu.

São umas quantas dezenas de páginas que explicam a moda-retro, pela nostalgia dos tempos acidentados que não vivemos, e são o enquadramento aliciante duma música e de outros percursos a que não assistimos.

Como também do 'Blade Runner' estamos salvos, afinal que raio de geração é a nossa?

A minha

* Abandajazz' programa da Rádio Comercial, dedica ao enquadramento das obras de Ferreira de Castro, comentado por música da época.

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal

Texto: Pierre Christin

34



Copyright Dargaud/Meribérica - DL

continua

«Matulões» defendem-se de despejo em Coimbra

O «Ninho dos Matulões» corre o risco de ser despejado pelo tribunal de Coimbra, alertaram ontem estudantes daquela república académica. Os ocupantes do «Ninho dos Matulões» lembram que a AR aprovou por unanimidade uma lei em defesa deste tipo de residências estudantis. «O Tribunal de Coimbra parece ignorar tal lei e permite um despejo que, a consumir-se será no mínimo, um atentado ao que de mais genuíno existe na tradição académica de Coimbra» — informa o comunicado. Dizem ainda os estudantes daquela república estranhar que o processo que lhes diz respeito tenha estado parado desde que a Assembleia da República tomou a defesa dos estudantes e só agora, num período político de indefinição, voltem a andar e a fazer letra morta da lei.

Fumadores terão aviões próprios

A ser aceite uma proposta formulada à Associação Europeia das Companhias de Aviação pela SAS, os não-fumadores terão aviões especialmente reservados nas rotas europeias. A Companhia Escandinava de Aviação (SAS) anunciou também estar a instalar um novo sistema computarizado que separa automaticamente os fumadores dos não-fumadores, nos seus voos. Os não-fumadores sentam-se, actualmente, do lado direito e ocupam 60 por cento da capacidade dos DC-9, ao mesmo tempo que as duas primeiras filas são reservadas a pessoas particularmente sensíveis ao fumo.

«Vila Faia» em vídeo na África do Sul

«Vila Faia», a primeira telenovela concebida e realizada por portugueses que durante semanas a fio fez a delícia folhetinesca nacional, está a ser vendida e alugada na África do Sul pelo sistema de vídeo, que cada um leva para sua casa. Num semanário da comunidade portuguesa, escreve-se que a Televisão Portuguesa teve a coragem de mostrar aquilo que ainda vale a pena ver mantendo as tradições e costumes portugueses. «Vila Faia é sobretudo, um grito ao retorno do portuguêsismo e da vontade férrea que existe hoje em defender os interesses da cultura portuguesa», acrescenta o jornal.

Eutanásia: «um meio de reconciliação»

Arthur Kloester e a sua esposa Cynthia, encontrados mortos há nove dias, no seu apartamento londrino, foram ontem à tarde incinerados na capital britânica. Cerca de trinta amigos assistiram à cerimónia, a maioria dos quais afectos aos meios literários. Durante o serviço fúnebre foi lida uma passagem do prefácio escrito por Arthur Kloester para o «Guia da Autolibertação», publicado pela Associação Britânica «Exit», favorável à eutanásia. Esta passagem termina assim: «A eutanásia é mais do que a administração de um analgésico mortal. É um meio de reconciliar o homem com o destino».

**100
CONTOS
ENTRADA**

ANDARES
PRONTOS

Telf. 57 84 57 57 83 36

CONTABILIDADE

Escritas grupos A, B e C. Técnico de contas responsável. Recuperam-se atrasos. Resolvem-se problemas fiscais. Honestidade e sigilo.
Telefone 535498 (depois das 14 horas).

FERRAGENS FERRAMENTAS

PRECISA-SE EMPREGADO PARA BALCÃO.
RUA DA BOAVISTA, 18-LISBOA

MORADIA

Abrunheira — Sintra
5 assoalhadas; adega e jardim
Telefones: 9258553
934825

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

O padrinho e os afilhados

A supremacia da produção americana, nos horários nobres, mantém-se a nível sufocante: Ninguém exagera se disser que a RTP funciona como um canal aberto na Europa para servir e propagandar a filosofia, o esquema, o estilo e os interesses da sociedade do senhor Reagan.

Há quem julgue mesmo que tal facto deriva de um acordo «cultural» incluído nas negociações para a utilização da base das Lajes, segundo as quais os americanos se servem da base e, em troca, se servem da RTP.

Rico acordo, como se vê.

Somos invencíveis!

Claro, as negociações, diz-se, vão mais longe. Assim, conforme nos informa o telejornal (o qual vai passar a chamar-se «TV News») sabemos que, para pagamento do aluguer, os americanos nos vão oferecer uma esquadilha de aviões de guerra conhecidos no meio, desde tempos imemoriais, por «Corsair».

Com esta arma em nosso poder, ficamos absolutamente desencansados. Percam as ilusões os nossos inimigos: somos invencíveis.

Creio não infringir as leis da defesa nacional (não recebo lições de patriotismo de ninguém!) se disser que, quer os marçianos, quer os selenitas, imediatamente desistiram de invadir o nosso país, quando tiveram notícia da oferta americana.

Os amigos são para as ocasiões.

Não há perigo nas Lajes

Aliás, segundo ainda o Telejornal, o material americano na base das Lajes é diminuto e inocente. Constará de dois veleiros a motor para recreio dos «marines», um helicóptero de ir ao mercado na Terceira comprar alface para os grilos, quatro baralhos de cartas, e aquele telescópio artesanal para ajudar na feitura dos horóscopos. O material que se encontra ali em maior quantidade é constituído por 15 mil triciclos, pertencentes aos filhos dos oficiais americanos que ali prestam serviço.

Mais informarei, a título confidencial, que as grandes obras ali em curso se destinam a facilitar a aterragem dos aviões de papel com que também brincam ali os filhos da potência americana.

O empréstimozinho

Ah, mas o empréstimozinho ao governo português já foi garantido pelos Estados Unidos. Este ano até um pouquinho maior do que no ano passado. Isso porquê?

A resposta tive-a eu, antes de ontem, nas «últimas notícias», mesmo ao fim da colheita. Assim: os Estados Unidos consideram que o nosso país tem direito a mais uma ajudinha porque o seu

governo sempre acatou e deu desenvolvimento às iniciativas dos Estados Unidos, em particular no que respeita à Polónia e ao Afeganistão!

Claro, O «padrinho» manda, os afilhados obedecem. Mais tarde, lá vem a recompensa...

Um congresso a trabalhar

Telejornal dedicou alguns minutos ao Congresso da CGTP-Intersindical Nacional. Reportagem pobrezinha e burocrática que, nem de perto nem de longe, deu uma ideia da importância e da grandeza daquele Congresso.

Pobre foi igualmente o filme sobre a vida da CGTP. Pobre, mal organizado, maltratado. Só com a atenuante de que... podia ser pior.

Não se compreende lá muito bem as referências à *Carta Aberta* e à UGT. Afinal, não se tratava de fazer a história do sindicalismo português, nos últimos anos, mas apenas a história da Intersindical.

Quanto à unicidade, como reflexo marxista-leninista, seria bom que o autor revisse os seus conhecimentos no campo do sindicalismo em grandes países capitalistas. Teria grandes surpresas.

RTP voa baixo

E a querida televisão foi aqui: a montanha que pariu uma

carocha.

É certo que há desarranjos de realização bem conseguidos. É certo que por ali anda buscando forma um tipo de humor, de linguagem, de imaginação televisual. E certo igualmente que, mesmo sem contar com a preciosa colaboração de César de Oliveira a presença de Ivone Silva é sempre, e só por si, um espectáculo valorizador.

Mas falta ali uma respiração profunda. Campeia o amadorismo. Albarran não é actor e a sua movimentação tem o sabor amargo das lições aprendidas de cor. A ambiguidade instala-se perigosamente: depois do depoimento de Sarsfield Cabral, a brincar tão sério (tão real...) será difícil tomá-lo a sério, quando não estiver a brincar. Ponho mesmo as minhas dúvidas quanto à legitimidade ética de um profissional ser a pessoa indicada para caricaturar a sua profissão.

De qualquer modo, ainda não será desta que a televisão será querida. Operação simpatia está a falhar. O programa está a voar muito baixo. Demasiado baixo.

MÁRIO CASTRIM

PS - Romano, em últimas, diz que «haverão novas reuniões». Ele sempre há pessoas tão descuidadas de sua linguagem... M.C.

Hoje



Na RTP-1 inicia-se hoje uma nova série intitulada «Espaço 1999», da qual vmos uma cena

- 14.30 **Ela por Elas**
15.30 **Festa é Festa** - rei da festa: Favid Mourão Ferreira.
19.00 **«Espaço 1999»** - 1.º episódio. Intérpretes: Martin Landau, Barbara Bain e Barry Morse. Realização: Lee Kaitain.
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal**
20.20 **Semanário**
21.10 **«Dallas»**
22.10 **M. P. B. Shell** - a Rede Globo de Televisão brasileira promove, anualmente, o seu festival da canção mas com outro sabor, musical, a que dá o nome de música popular brasileira.



O actor Vittorio Gassman, intérprete principal do filme «O Primo de Londres», que se exhibe esta noite na RTP-2

- 14.02 **Troféu** - incluirá as transmissões directas do Campeonato Mundial de Patinagem Artística, do jogo de hóquei em patins Oliveirense - Sesimbra e do jogo de andebol Benfica - Belenenses.
20.00 **Sábado Especial** - «O Primo de Londres» Intérpretes: Vittorio Gassman e Ornella Mutti. Realização: Franco Rossi.
22.10 **Jazz Magazine**

Amanhã



- 10.15: 70X7; 10.45: Eucaristia Dominical; 11.35: Tempo dos Mais Novos; 13.00: Sumário; 13.10: TV Rural; 13.40: Já Cá Canta; 16.35: Vivamus; 17.30: Cartaz TV; 18.00: «Fama»; 18.55: Girabola - com transmissão directa do jogo Porto - Salgueiros; 20.55: O Tempo; 21.00: Telejornal; 21.25: «Amor em Tempo de Guerra»; 22.30: Girabola, 2.ª edição.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Dallas»
(21.10)



«O Primo de Londres»
(20.00)



21.10 - DALLAS

Intérpretes: Lois Chiles, Kate Reid, Alice Hirson, Fern Fitzgerald, Frank Marth, Dennis Lipscomb, Priscilla Pointer.

Realização: Michael Preece
Misses Ellie começa a rever velhos amigos e JR tenta forçá-la a abrir o testamento de Jock.

A lua-de-mel de Donna e Ray é novamente adiada pois têm de deslocar-se a Kansas para o funeral de Amos Krebb e Pam fica tão preocupada com a depressão de Lucy que não exita em dizer a Bobby qual o estado da sobrinha JR utiliza Jonh Ross para ganhar de novo Sue Ellen e Cliff acaba a beber a oferta de Marlene.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

MERCEDES
300 D BRANCO

MATRÍCULA CL-08-74

ROUBADO

Alvissaras quem indicar paradeiro para
Telefones. 774957/776714/771330.

CASA DA COMÉDIA

Rua S. Francisco de Borja, 22 (às Janelas Verdes)

ESPAÇO REMODELADO

EM CENA

A MARQUESA DE SADE

(representada na véspera do suicídio de Yukio Mishima)



ESPECTÁCULO DE FILIPE LA FÉRIA

DE 4.ª FEIRA A DOMINGO

FOJGA AS 2.ªS E 3.ªS FEIRAS

NAO E PERMITIDA A ENTRADA APOS O INICIO DO ESPECTACULO

MARCACÕES PELO TELEFONE 607299

SERVIÇO DE BAR E MINI-JANTARES A PARTIR DAS 20 H

Subsidiado pela SEC

SEM FIADOR

ENCICLOPEDIA LUSO-BRASILEIRA
DE CULTURA - VERBO - 20 VOLUMES
19 PRESTAÇÕES
T: 545855 • T: 579991 • T: 2435912

GRUPO DE CAMPOLIDE (COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA)
Teatro da Academia Almadense, Tel. 275 21 75

Havendo um ministro da Guerra pode prescindir-se de todos os outros. O país não dá para mais.

ANASTAS

ANASTAS

de JUAN BENET

Uma farsa política encenada por FERNANDO GUSMAO
com cenários de EDUARDO CRUZERO

ANTÓNIO ASSUNÇÃO EM «ANASTAS»
CANTO E CASTRO E CARLOS CONÇALVES
JOSE MARTINS • JOSE PEIXOTO
JOSE MORA RAMOS • LUIS VILELA
Luisa Ortigosa



SEXTAS E SÁBADOS ÀS 21.30H • DOMINGOS ÀS 16 H

TEATRO «O BANDO»

APRESENTA

«AFONSO HENRIQUES»

(Adaptação de textos medievais)

(PARA TODOS)

Devido à afluência do público a peça mantém-se em cena até final de Março

TEATRO DO BAIRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A
(Sábados e Domingos)

Todos os sábados e domingos às 15.30 h.

BANDO - Quinta da Casquinha

1500-1600

Telef. 21451-1/2/3/4



roteiro cultural

Teatro

Dizia Eça de Queiroz que Lisboa não tinha almas — tinha esquinas. A esquina do teatro do Rossio é mal vista; outras são-no bem. Desminta o leitor o aforismo queiroziano e não tenha medo de ir ao Nacional: tem lá dois dos melhores e mais inovadores espectáculos dos últimos anos — «A Casa de Bernarda Alba», de Garcia Lorca, na sala grande, e «Crisóstomo», de Yannis Ritsos, na sala experimental. O primeiro acaba já amanhã e é pena.

Como o que é bom dura pouco, também tem os dias contados (termina no dia 20) a carreira de «Oratória, o espectáculo que o Teatro da Cornucópia tem vindo a apresentar no Teatro do Bairro Alto. Trata-se de uma construção cénica a partir de textos de Gil Vicente, Goethe e Brecht, centrada em torno do problema do sentido da vida e da história.

Música

«Vida e Obra de Schubert» é o tema de uma série de imagens, comentários, entrevistas, num espectáculo do maestro José Atalaya. Tem início amanhã, às 18.30, no São Luiz, com o primeiro capítulo: «Infância, miséria, dignidade» e prolongam-se por mais quatro domingos:

«Schubert e os seus amigos, ou o que foram as schubertianas» (dia 20). «Histórias de seus amores, canções, música para piano a quatro mãos» (27). «Schubert perante Beethoven e Goethe, os timbres da orquestra num octeto» (17 de Abril). «A solidão, caminhos do futuro, poemas que pressentem a morte» (24 de Abril). Colaboração por ordem de actuação: Dias Noites (flauta), Clara Baptista (viola), Madalena Costa (violoncelo), José Pina (guitarra), Jorge Moyano (piano), Noémia Brederode e Teresa Vieira (dueto de pianistas a quatro mãos), octeto de solistas da Orquestra Sinfónica do Teatro de São Carlos, dirigido por Vasco Barbosa, Oliveira Lopes (barítono), Fernando Jorge Azevedo (piano) e Rão Kyao (saxofone).

O Coral Caminhos Novos, em vésperas de se deslocar a França onde irá efectuar uma série de quatro concertos especialmente dedicados à música coral portuguesa da Renascença à actualidade, efectua amanhã, às 16 horas, no Museu de Arte Antiga, um concerto onde inluirá algumas das obras que executará durante a digressão.

Café-concerto

As Produções Magus/Mabul que têm vindo a apresentar o



Uma das pinturas que Julião Sarmento vai expor na Galeria Quadrum

espectáculo «Cantos e Lén-deas» nos diversos espaços de café-concerto da capital (nomeadamente no Cantador-Mor onde permanecerão até ao final de Março), mudam-se agora para o Quarteto onde exhibirão este espectáculo todos os sábados à meia-noite na Sala Dois; «Cantos e Lén-deas»

conta agora, para além do elenco habitual, com a participação dos músicos Jorge Galvão (guitarra) e Marcello Urgoghe (percussões).

Por outro lado, as referidas produções estão a preparar uma série de três espectáculos sob o título de «Os Monologantes»; o primeiro desta série já

tem estreia marcada para a próxima quinta, dia 17 no Sorriso, intitula-se «Bonifácio, Papa...». É baseado numa adaptação livre de um texto de Dario Fo, da peça «Mistério Buffo» e será interpretado por Luigi Abbondanza. Seguir-se-á «As Bodas de Canaan» com texto do mesmo autor a

interpretar por Sara Lima e «Como uma Agulha Espetada nas Entrranhas da Tua Claridade» por João Pedro Costa.

Exposições

Franz Kafka é homenageado, na Casa Alemã de Coimbra, com uma exposição comemorativa do primeiro centenário do seu nascimento. A mostra mantém-se patente até 25 de Março, tendo sido organizada pelo Instituto Goethe, de Munique.

«Discurso Percurso», primeira exposição individual de Rodrigo, encerra amanhã, na Árvore do Porto, onde também está patente uma pequena mostra de gravura internacional, com obras de Tapiés, Sonia Delaunay, Miró, Dali, Eduardo Arroyo, Equipo Crónica, Calder, Hockney, Arpad Szenes, Vieira da Silva, Cargaleiro e Gil Teixeira Lopes.

Julião Sarmento vai expor na Galeria Quadrum a partir de 3.ª-feira, dia 15. Este artista, cujo trabalho tem sido mostrado regularmente dentro e fora do nosso País, apresenta agora ao público lisboeta uma selecção de pinturas executadas desde 1981. Julião Sarmento, recentemente representado na exposição «Depois do Modernismo», esteve o ano passado presente na Documenta 7 em Kassel.

MARQUISES

E CAIXILHARIA EM ALUMINO ANODIZADO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



DIVISÓRIAS

ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO

Aberto das 9 às 19 h

Rua Francisco de Holanda, 28A

Telef. 777488 - 776323 — 1100 Lisboa

Fábrica — 9801203

Almada — 2755743 - 2755806

rádio

Antena Um

17.00: Informativo de trânsito; 18.00: Turma da um — livros e gente; 19.00: Mosaico; 20.00: Teatro radiofónico; 21.00: Livre e directo; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23.00 horas.

Programa 2

16.10: Música sinfónica; 17.10: Música de câmara; 18.15: Parte de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; 19.00: Parte dum concerto ao vivo no Estúdio «A»; 20.10: Orquestras de câmara; 21.00: Para além da leitura; 21.40: Cantata «Orfeu», de Clerambault; 22.00: Música; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Música para meditar; 23.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Sintonia fim-de-semana; 17.00: Cantigas à portuguesa; 18.00: Magazine regional; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Salto; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Porto especial fim-de-semana; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

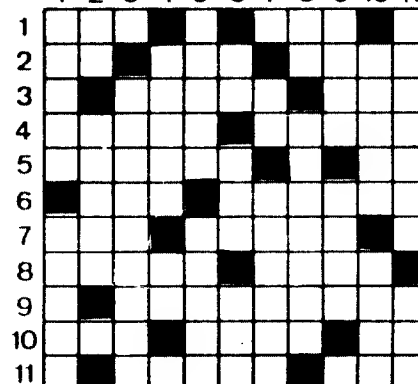
14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama

Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13684

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS:

- 1 Animal doméstico. Pronome relativo.
- 2 Artigo definido. Letra grega.
- 3 Mulher que rouba. Lista.
- 4 Dançarina espanhola que executou na Ópera de Paris, numerosas criações coreográficas, nome de flor. 5 Corpos celestes. Nota musical (inv.).
- 6 Sadio. Sobras.
- 7 Imensidade. A morte.
- 8 Cidade do Japão. Invulgar.
- 9 Comprarias.
- 10 Rio de Portugal. Combina Pronome pessoal.
- 11 Imposto de transmissão por título oneroso. Recusa.

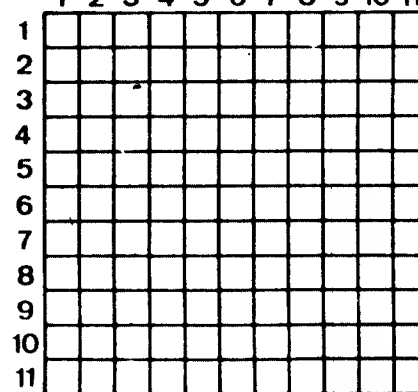
VERTICAIS:

- 1 Multa, que se impõe especialmente ao dono de gados, que danificam propriedades alheias.
- 2 Artigo definido. Torras.
- 3 Combatermos.
- 4 Depósito (Prov.) Céno (s q).
- 5 Vagabundo. Estacionas.
- 6 Cidade da antiga Caldeia. Senhora. Grei.
- 7 Antes de Cristo. Vagueias.
- 8 O mesmo que uma (ant e pop). Lascara.
- 9 Engana. Vinho de palmeira e de coco, empregado antigamente em medicina como tónico.
- 10 Deslocava. Canoas de casca de árvores.
- 11 Pessoa agigantada. Fecho as asas para descer mais depressa.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9534

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS:

- 1 Túnica branca com a qual os negros malês vestiam os cadáveres. Joieira.
- 2 Figura que simboliza o povo americano. Oferece, dedica, consagra. (abrev.). Oceano.
- 3 Prendem. Cidade da Jugoslávia.
- 4 Proferirás. Ajustam.
- 5 Planta medicinal do Malabar. Derramamento contínuo e involuntário, em regra de lágrimas.
- 6 Garantia. Rêgo.
- 7 Lago salgado do Turquestão. Apelido.
- 8 Voz para fazer recuar os bois. (Prov. Trasm). Entre os Caldeus o 5.º mês. Cobre. (s.q.).
- 9 Rio do estado do Paraná. Pronome pessoal.
- 10 Verdade (bras. Gir). Cronista espanhol historiográfico de Carlos V e autor de Crónica Geral de Espanha.
- 11 Sabor picante.

VERTICAIS:

- 1 Guarnecida de asas. De cor amarelo-laranja.
- 2 Corrida. Língua banto, falada na região N. E. do lago Niassa.
- 3 Poisava no mar (o avião). Artigo.
- 4 Cidade do Estado da Bahia.
- 5 Preposição e artigo. Divisão de uma casa.
- 6 Depois de Cristo. Uma das peças da asna.
- 7 Duzentos em romano. Frâncio (s.q.). Cratera.
- 8 Carne de porco metida em tripa de intestino grosso. Aparência.
- 9 Sacrificara. Dois mil e quinhentos em romano.
- 10 Vedação. Plantas trepadeiras de hastes flexíveis.
- 11 Fio de latão. Sussuro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13683

HORIZONTAIS:

- 1 Ambas. Elos.
- 2 MAIS. VALERA.
- 3 Óra. Ero. Ac.
- 4 Re. Urra. Agá.
- 5 Regos.
- 6 Mar. Mas.
- 7 Secai. Dar.
- 8 Ilo. Real. Mr.
- 9 Ahi. Aedo.
- 10 Roncas. Ina.
- 11 Aramã. Asa.

VERTICAIS:

- 1 Amora. Siara.
- 2 Maré. MELHOR.
- 3 Biá. Laço. Na.
- 4 Asou. Rã. MCM.
- 5 Rs. Ir. AA.
- 6 Ver. Eis.
- 7 Arar. Dã.
- 8 Elo. Emalais.
- 9 El. Agar. ERA.
- 10 Oragos. MDI.
- 11 Sacas. Broas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9533

HORIZONTAIS:

- 1 Quioto. Papa.
- 2 Urra. Dever.
- 3 Sorrisos.
- 4 Id. Meros.
- 5 Trepas. Dr.
- 6 Ode. Ne. Lei.
- 7 Or. T. Macó.
- 8 Mr. Aero. Or.
- 9 Saa. SN. Ter.
- 10 Sica. Traçar.
- 11 Sortes. An.

VERTICAIS:

- 1 Queiró. SS.
- 2 Ur. Domais.
- 3 Ios. Terraço.
- 4 Ar.
- 5 Tormentas.
- 6 Repelente.
- 7 Dirã. Rs.
- 8 Pesos. Mota.
- 9 Avós. La. Eça.
- 10 Pés. Decorar.
- 11 Ar. Prior. Ri.

Provérbio: Mais valera melhor era.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	66320	72320
ALEMANHA FED (marco)	38345	39355
AUSTRIA (xelim)	5335	5355
BELGICA (franco)	13770	13970
BRASIL (cruzeiro)	3061	3161
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	74395	76395
(notas de 5 a 1000)	75345	77345
DINAMARCA (coroa)	10365	11305
ESPAÑA (peseta)	5664	5764
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	91390	93390
(notas de 5 a 1000)	92340	94340
FINLÂNDIA (marka)	17305	17305
FRANÇA (franco)	13335	14305
HOLANDA (florim)	34365	35365
INGLATERRA (libra)	139330	143330
IRLÂNDIA (libra)	127340	131340
ITALIA (lira)	3058	3068
JAPÃO (yene)	3352	3367
NORUEGA (coroa)	12335	13335
SUECIA (coroa)	12335	12335
SUIÇA (franco)	44375	45385
VENEZUELA (bolívar)	9315	10315

Observações

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- Int. men. 13 a.
A FACE DO PODER

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 13 a.
ROADIE

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

8.ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
13.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
ENFERMEIRA DE NOITE
2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
12.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
JERRY ENFERMEIRO SEM DIPLOMA

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
PERIGO IMINENTE
3.ª Semana
Às 00.00
A GRANDE FESTA DO DISCO DANCE

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CONFLITO DE GERAÇÕES
Às 24
BATALHA DAS ARDENAS
- N. ac. men. 18 a.

CITY CINE 499999

R. Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
24.ª Semana
Às 23.45
A 3.ª GERAÇÃO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
- Int. men. 13 a.

7.ª Semana
Às 24
O BANDIDO DOS OLHOS AZUIS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
GERAÇÕES EM CONFLITO
Amanhã às 11.00
AS OLIMPIADAS DA BICHARADA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O SOLDADO
3.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A VINGANÇA FORÇADA
Às 24
4 CAVALHEIROS DO KUNG FU

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O SOLDADO

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
SÉRIE NEGRA
Às 24
THE ROLLING STONES

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O FIM DA VIAGEM

LONDRES 801313

Av. de Roma 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O VEREDICTO
4.ª Semana

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
DECAMERON N.º 3
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
VIETNAME, AS DUAS FACES DA GUERRA
Às 18.15 e 24
O MONSTRO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 21 - N. ac. men. 13 a.

DOCTOR JIVAGO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A ESTRANGEIRA
Às 24
E DEUS CRIOU A MULHER

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
O DEMOLIDOR
- N. ac. men. 13 a.

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
CÁSTA E PURA



A ESTRANGEIRA, um filme português de nível internacional em exibição no NIMAS

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16, 18, 20 e 22 h.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
Às 00.45
GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
SALA 2
Às 14, 16, 18.20 e 21.15
PERIGO IMINENTE

Às 00.45
VERTIGENS

SALA 3
Às 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL

Às 00.45
MARÇA TRIUNFAL
SALA 4

Às 14.30, 17.45 e 21
AO CORRER DO TEMPO
Às 00.45
ANTES DA REVOLUÇÃO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
NOS AS MULHERES SOMOS ASSIM

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
AS FRERES DE SANTO ARCANJO
2.ª Semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
5.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
BAIRRO DA LATA
9.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 19 e 21.45
- Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
9.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
12.ª Semana
Às 24
ÓDIO VELHO

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
Domingo às 11.15 - Para Todos
FESTIVAL PANTERA

STAR 804219

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
27.ª Semana
Às 00.00
O BELO ANIMAL

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
3.ª Semana

TVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CHRISTIANE F.
5.ª Semana

VOX 880806

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O seu último e melhor filme de sempre
O BAR DA ÚLTIMA ESPERANÇA
6.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O ENTE MISTERIOSO
2.ª Semana
Às 23.45 - Int. men. 18 a.
SANGUE SOBRE O CORPO DE JENNIFER

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA-3 - «Christiane F.», às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)

ZODÍACO - «O Grande Magnate», às 21.30 (13 anos)
QUINTETO - «Perigo Iminente», às 21.30 (13 anos)

CINE-ESTÚDIO ACS - «Vida Parisiense», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA - «O Bordo Fantástico», sessões permanentes (18 anos)

CAPITÓLIO - «Mulheres em Fogo», às 22.30 e 23.50 (18 anos)
RESTELO - «Pottergeist, o Fenómeno», às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «O Clarim da Revolta», às 21.30 (18 anos)
CINEMATECA - «Lua de Mel», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Convoy, o Comboio dos Duros», às 21.30 (13 anos)
2000 - «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÊS - «Stadium - Histórias de Gente Bem», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - «Chaplin - O Segredo de Ming», às 21.15 (13 anos)

OEIRAS - «Ostras-Cine» - «The Jazz Singer», às 21.15 (13 anos)
PARADE - «Royal-Cine» - «As dos Ares», às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO DO ESTORIL - «CineLândia» - «Guerreiros da Estrada», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - «Casino» - «Fúria de Vencida», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - «Palácio» - «O Homem Elefante», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - «Impala» - «A Caçada dos Duros», às 21.30 (13 anos)

CASCAIS - «Oxford» - «A Grande Bronca», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Cine-estúdio» - «Fitzcarraldo», às 21.30 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA - «Silcine» - «Aventura em Marrakech», às 21.30 (18 anos)

ALMADA - «Incrível» - «Sem Sombra de Pecado», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Academia» - «A Odisseia do Submarino 96», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - «Cine-Plaza» - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
AMADORA - «Lido» - «O Ente Misterioso», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - «Cine-estúdio» - «O Bar da Última Esperança», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - «Cine-estúdio Flores» - «O Meu Nome é Ninguém», às 21.30 (13 anos)

MEM MARTINS - «Cine-Chaby» - «Comandos de Sua Majestade», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - «Carlos Manuel» - «Firefox», às 21.30 (13 anos)

Porto

CHARLOT - «O Veredicto», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)

LUMIÈRE-L - «A Estrangeira», às 21.45 (13 anos)
PEDRO CEM - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
RIVOLI - «Momentos Íntimos», às 21.30 (18 anos)

FOCO - «Christiane F.», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO - «O Campeão», às 21.30 (13 anos)

ÁGUA - «Vingança Forçada», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Uma Comédia Sexual Numa Noite de Verão», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «A Agente em Nova Iorque», às 21.45 (13 anos)
OLIMPIA - «Operação Diamantes», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - «American Galitfin», às 21.30 (13 anos)
BEBE - «Victor, Victória», às 21.45 (13 anos)

COLISEU - «O Grande Desafio», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO - «A Felina», às 21.30 (18 anos)

JÚLIO DINIZ - «Bobby», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE (Noje)

ALCANTARA: Proibida, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ARCO DO CEGO** - «Chile: São Jorge, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **AREIRO** - «APEA-DEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **ESTRELA**: Aurélio Rago, C. da Estrela, 139 (T. 681758); **GRAÇA**: Almeida Dias, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO**: Miranda, L. Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMIAR**: Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **OLIVAIS**

teatros

Lisboa

ACADEMIA ALMADENSE - Grupo de Campolide - «Anastás», às 21.30 (13 anos)
VARIADADES - «Há Mas São Verdes», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

BAIRRO ALTO - «Oratória», às 21.30 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA - «A Marquesa de Sade», às 21.30 (13 anos)

COMUNA - «A Castro», às 21.45 (13 anos)
ABC - «É Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO - «O Suicidário», às 21.30 (13 anos)

D. MARIA II - «A Casa de Bernarda Alba», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - «Sala Experimental - «Crisotemis», às 21.45 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA - «Par Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
SEIVA TRUPE - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)

TEP - «Viver Como Porcos», às 21.30 (13 anos)

VELHO: Oliveira, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVA**: Curia, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778434); **SÃO JOSÉ** - «TIVOLI: Fernandes, R. São José, 187 (T. 326476); **ALGÊS**: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 2114487); **ODIVELAS**: Nabela Vicente, R. A. lote 18-A, loja Urbanização Codivel; **PONTINHA**: Cruz Correia, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453); **VENDA NOVA**: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C.

PERMANENTE (Amorh)

ALTO SÃO JOÃO: Zizal, R. Morais Soares, 56-C; **BAIXA**: Oliveira, R. da Prata, 240 (T. 321415); **CALVÁRIO**: Monje, R. Luísiadas, 30-32; **CAMPO GRANDE** - «AV. BRASIL: Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CAMPOLIDE** - «AGUAS LIVRES: Ruído, R. Alto Carvalhal, 5-B (T. 651721); **ESTADOS UNIDOS** - «A CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta, R. Moura Gir

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PROXIMA SEXTA-FEIRA

SABADO 12 DE MARÇO DE 1983

Serge Moscovici (psicosociólogo) "Conheci Paris através da dança"

A noite fascina-nos pelo seu perfume, as suas luzes lunares — em suma, pelo chamamento de outros prazeres. Será por isso que a dança «explode» nela como um formidável meio de comunicação?

A dança permite entrar completamente nessa atmosfera muito especial da noite avançada. Ela permite-me sair de nós mesmos, dos nossos hábitos quotidianos, e experimentar finalmente o prazer do corpo, o prazer de nos sentirmos invadidos pela música, e também esse prazer ambíguo, suspeito, de um encontro, da descoberta de um lugar. Porque a dança pontua a vida nocturna de cada indivíduo e de cada cidade.

— Como é que as danças evocam determinada geração ou determinada cidade?

— Pessoalmente conheci Paris através da dança, que adoro, e se se quisesse estabelecer um mapa da evolução de uma cidade, uma espécie de percurso histórico, o «Balajo» seria típico dos anos 50, «Castel» reflectiria os anos 60 e o «Palace» representaria a nossa época. Depois, se formos a

Viena, há toda essa atmosfera que faz pensar na valsa. Todos nós fomos iniciados na dança, durante a adolescência, e há, na cultura ambiente, certas danças que nos marcaram.

— Que sensações tem quando dança o tango, o samba ou o rock?

— Todas estas danças têm atmosferas muito especiais e incitam-nos a comportamentos muito diferentes. Por exemplo, o tango ou o slow são danças muito íntimas que suscitam uma atitude de sedução, a pessoa põe-se a «bordar» uma fotovela a um tempo sensorial e imaginária com o parceiro. Sente-se se os corpos convergem, se um fluído passa. Enquanto que o samba dá uma sensação de dançar em grupo, de entrar num ritmo colectivo.

— Um pouco como nas cerimónias rituais?

— Com efeito, treinamo-nos na dança como num rito de posse. Estamos numa espécie de transe. O nosso corpo dilata-se à dimensão dos outros, e tornamo-nos um corpo colectivo, enquanto que o rock me faz pensar mais numa paisagem urbana: as pessoas deslocam-se num podium como se fosse num passeio, e aí são atacados, envolvidos por um «som» extre-

mamente forte e violento, que evoca imagens mais rápidas e coloridas. Embora sozinhos todos sentem, ao dançar, uma sensação de prazer corporal muito forte. Há, por vezes, cumplicidades, mas a maior parte delas, a pessoa mantém-se isolada. Aqui é o som, a atmosfera, as vibrações, que nos arrastam em conjunto ou nos separam! O rock permite a total liberdade corporal!

Mas essa liberdade absoluta não nos priva do encanto do imaginário e da ambiguidade da sedução que reinam nas danças mais requintadas?...

— Eu diria que isso que dá sensações diferentes. O tango ou o samba dão um prazer mais discreto, mais carregado de erotismo também. Porque, nas danças clássicas, «a arte» da dança e «a arte» da sedução são visíveis; enquanto que nas danças contemporâneas, como essa «arte» está escondida, deve tomar o aspecto de um espontaneidade imediata, que nos permite sair mais de nós próprios.

—...de «explodir» verdadeiramente?

— É verdade, explodimos na medida do possível, uma série de sensações interiores muito fortes invadem-nos,

arrastando-nos para um estado de transe, como que em embriaguez.

— As danças contemporâneas libertam-nos mais, mas as pessoas dançam cada vez menos. Isso deve-se ao facto de dantes as danças permitirem estabelecer certas cumplicidades eróticas, ao passo que hoje, com a liberdade dos costumes, já não serem necessárias tais cumplicidades?

— Por um lado as pessoas tornaram-se mais sérias, e o canto e a dança já não fazem parte do tecido corrente da vida. Por outro lado, a dança era dantes indispensável à sedução: fazia saber aquilo que não se podia dizer, e assegurava uma cumplicidade tácita com o parceiro. Mas hoje já não são necessárias tais subtilidades. Pode verbalizar-se aquilo que outrora se dava a entender através dos sortilégios da dança. Por isso ela desapareceu do cenário da vida social. Não podemos imaginar a UNESCO ou a ONU a dançar, enquanto que o Congresso de Viena ainda dançava...

Guitta Pessis
Pasternak

Estórias de Portugal



Na sua brutal crueza, a notícia encheu-nos de emoção: morreu o protão! O infausto acontecimento ocorreu na Itália onde, as informações não são muito claras a esse respeito, o falecido tinha ido em gozo de férias, na companhia de alguns electões seus amigos, fazer ski no Monte Branco. Tudo leva a crer que o protão se tenha desequilibrado, quando descia a alta velocidade pelas encostas do monte e ao bater com o núcleo central numa rocha enormíssima, encoberta por uma camada espessa de neve, deu cabo da molécula, não havendo neutrão capaz de lhe neutralizar a terrível molestia que lhe atacou as partículas. E lá se foi o protão!... Não sendo a necrologia forte desta estória não pode o estoriador, deixar em claro tão negro acontecimento que, lamentavelmente, não mereceu nem uma só referência especial, um comunicado, uma moção, um esclarecimento ao público, um alerta à população, um telegrama de condolências, uma carta dum político para outro político, nada, absolutamente nada, por parte dos partidos com assento na Assembleia da República, ou mesmo dos outros, que costumam aparecer nestas alturas e só têm assento na leitaria lá do prédio.

Choca a indiferença, surpreende o silêncio, magoa o mutismo. É que nem uma nota da Presidência lida pelo Joaquim Letria, nem um esclarecimento do episcopado, nem uma entrevista com o Jorge Nuno Pinto da Costa, nem uma declaração do João Rocha, nem um minuto de silêncio decretado por Romão Martins!... Nada! É para isto que morre um protão!... Sugerem-me que o PCP, em semana de intenso trabalho da organização da sua Conferência Nacional não terá tido tempo para reparar no que intencionalmente de bom e de mau ia acontecendo. Admitamos que sim. Então e o PS? Como é possível uma insensibilidade destas num partido que das sensibilidades fazia bandeira?... Será que no Largo do Rato se cansaram de ser sensíveis?... A «morte» dos elementos do ex-secretariado para as listas de deputados gerou nos seus responsáveis um estado tal que lhe faz que o protão morra ou esteja de excelente saúde, para si «ni fu, ni fá»?... Para quem deseja um amplo consenso, que me perdoem, parece-me uma ampla falta de senso, uma preocupante insensibilidade para com as sensibilidades, uma inconstância... E lembrar-nos nós que o pobrezinho do protão está para ali esticado... Que descanse em paz!

Em paz que, pelos vistos, não existe no espírito do PSD... Que não admira. O espírito do PSD não pode andar feliz com esta estória de ser encarnado por quem tão encarnadamente atacou. É que se a memória dos homens é curta, diz quem julga saber, a dos espíritos é eterna. Que o diga o protão que já lá está... Nunca mais ele esquecerá que Mota Pinto, que até é professor universitário, nem uma coroa de flores lhe mandou em nome do seu partido. É notável.

Com tantos críticos não será de estranhar que o silêncio do partido venha a ser muito criticado. Aliás eles não fazem outra coisa. A Associação dos Críticos, ao pé do PSD é, não critica nada nem ninguém, é um desvio ideológico, um solar do Mateus. Com rosé ou sem rosé, o que não me sai da cabeça é o pobre do protão!... Não somos nada, é o que é... nós e os protões!...

Já o silêncio do CDS eu sou capaz de entender e desculpar. Não que os democratas-cristãos tenham tido uma conferência nacional, um congresso, uma cimeira ou qualquer coisa dessas que os costuma levar a passar as noites nuns hotéis muito bons, (já muito boa esposa anda por aí desconfiada que estas coisas das políticas são mas é uns grandes regabofes, que isso de ir para a cama às seis da manhã traz água nos bicos e vinhos nos buchos... Injustiças! Mas dizia-vos eu da minha compreensão pelo silêncio sepulcral que nada tem a ver com o falecimento do protão do CDS. Fontes próximas do Caldas, (há por ali algumas) garantem que os membros do partido desde o último congresso que não dormem: anda tudo a ver se descobre o que é isso de «nacional-liberal».

Quem acertar tem direito a duas bancadas centrais para o Benfica-Roma, ou não fosse o doutor Lucas Pires um encarnado (salvo seja!) convicto. Já a mesma compreensão não consigo ter em relação ao PSD onde, diz-se por aí, eu vendo-a pelo preço que me levaram, que numa reunião da Buenos Aires António Capucho terá dito a Ângelo Correia:

«— Sabes que morreu o protão?»

«— Não. Eu nem sequer sabia que ele estava doente...»

Francisco Nicholson

Woody Allen, as mãos, os bolsos

HOUVE anos de silêncio.

Aqui e ali uma gargalhada, parecia com essas que enchiam os olhos dos nossos quase avós, e se foram repetindo como um eco através das reposições, nas salas de cinema e depois nos ecrãs de televisão, em frente dos quais os netos de Buster Keaton e de Chaplin ainda riem — simplesmente porque é inevitável.

Então um dia, saído de um bolso, um desses bolsos fundos em que Harpo guardava a buzina, surgiu um homenzinho feio, curto, desajeitado como uma tesoura quando falha o rebordo da fotografia.

Quando há vários anos vi as primeiras imagens de «O Inimigo Público» senti-me ultrapassado pelos acontecimentos, frente a um personagem tosco que tinha ido buscar coisas ao burlesco dos outros e no entanto chegava carregado de cores novas e de outra maneira de (des)pensar. Era desconcer-

tante, filme após filme, ver aquele homem desmontado em episódios, que se punha (como Buster Keaton fez) no mais infeliz e ridículo dos sítios: esse de não caber em nenhum e estar sempre a mais, tocando na crueldade do espectador, que gosta sempre de rir de um mais fraco.

Depois imaginei o que seria rever «O grande conquistador». E reví. E já não tive vontade nenhuma de rir. Senti a força daquele homem, quantos de mim ele continha, quantos eu ou nós se retratavam naquela cara infeliz e simplória, a mesma de quantos fingem saber onde se põr, sem no fundo se sentirem postos em lado nenhum.

Ponhamos de parte o caso de «Interiores».

Há, em todos os restantes filmes realizados por Woody Allen um factor que aparentemente se repete: ele próprio. Razão pela qual se chega a «Uma comédia Sexual Numa Noite de Verão» e oigo dizer: «estou farto(a) de o ver fazer sempre a mesma coisa». E então? Para um pintor

pintar uma certa pera, no fim da vida, não precisa de pintar centenas de peras antes dessa? E isso significa que essa ou as restantes não prestavam? E para além dessa personagem, dessa raiz base, o que é que este filme, esta pera, tem para pôr de parte? O carão?

Estou no escuro da sala.

Aquele homem passou por Annie Hall e por Manhattan. Pôs as mãos nos bolsos e foi fazer uma viagem a outro sítio totalmente diferente.

Talvez, pelo caminho, não soubesse onde eram os bolsos, para neles poder pôr as mãos, mas não. Pegou em quanto baste de lirismo, de música, de campo, de humor, e tornou a dar tarefa a si próprio e a todos nós. Desta vez deu-se ao luxo de passear pelo tempo como quem faz de conta, pelas cores e pela fantasia, como por um livro de crianças para adultos. E que o primeiro adulto que cresceu completamente atire a primeira pedra.

Aparece um pássaro embe-

bido em música. Cai um antepassado do helicóptero e fica escondido num arbusto enquanto lhe crescem as barbas. Acontecem magias. Começam a ruir, do primeiro ao último fotograma, todos os tijolos da cidade. Está-se longe. Na época de sorrir. E quase apetece não situar este filme longe do século vinte. O contexto é histórico, mas tudo vibra agora, ou mesmo fora de agora.

Vão estar daqui a vinte anos os netos e os bisnetos de tudo isto a ligar uns aos outros os anéis desta corrente: desde «O inimigo público» até «Uma comédia sexual numa noite de Verão». Como se ligam os anéis de Buster Keaton, sempre num canto do bolso, a tentar pôr as mãos nos bolsos, sem perceber se tem mãos ou bolsos ou nenhuma das coisas como tantos de nós. A rir. E quem adormecer que vá à fava.

P.S.: Peço desculpa por não ter feito nenhuma citação de Barthes.

Manuel Cintra

Agenda

Sete Ponto Sete

Cinema

● Uma comédia sexual numa noite de Verão de Woody Allen (USA — 1982)

Às vezes uma pequena obra tem, cristalizado, tudo o que um autor tem para dizer. Uma comédia sexual numa noite de Verão é, para Woody Allen, essa obra.

Cinemas Quarteto — sala 1 (14, 16, 18, 20 e 22h) e **Terminal** (11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h) (não acons. men. 13 anos)

● E.T. — o Extraterrestre de Steven Spielberg (USA — 1982)

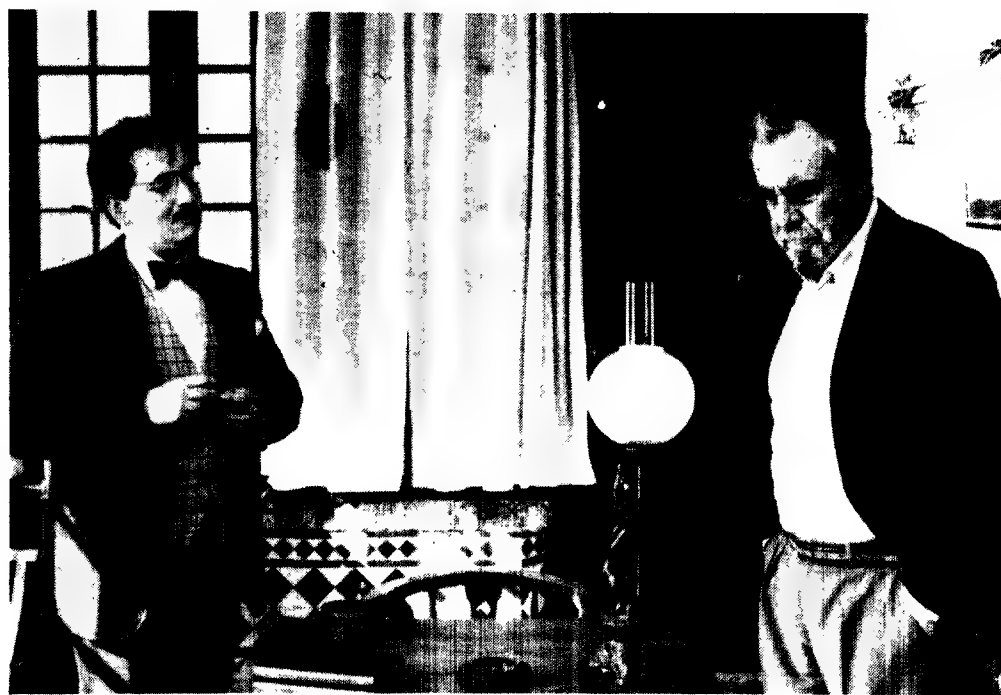
Um caso de maravilhamento num filme toda-a-família. Coisa rara. Spielberg apurou até ao refinamento a sua capacidade de mexer connosco. De nos conduzir, de nos manipular, é claro.

Cinemas Alfa 1 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24h) **Berna e Mundial** (14, 16.30, 19 e 21.30h) (para todos)

● Sém sombra de pecado de José Fonseca e Costa (Portugal — 1982)

Vai quase a dobrar o cabo dos 50.000 espectadores em cerca de um mês de carreira. Nada mau. José Fonseca e Costa continua a vencer apostas de público, desta feita indo até aos anos 40 e contando excelentemente uma história de amor e engano, como convém à alma portuguesa. Talento e ironia, actores a cumprirem sem excepção, um filme inteligente.

Cinema Cinebloco (14.30, 16.45, 19 e 21.30h) (não acons. men. 13 anos)



André Gomes (à esq.) e Fernando Rey em «A estrangeira»: a revelação de um novo cineasta português.

● Ao correr do tempo de Wim Wenders (RFA — 1975)

Pela estrada fora quando a estrada já não vai dar a sítio nenhum senão à nossa própria solidão. Um filme de Wim Wenders de 1975: e para quando Hammett? E para quando O estado das coisas?

Cinema Quarteto — sala 4 (14.30, 17.45 e 21h) (interdito a men. 13 anos)

● Os salteadores da arca perdida de Steven Spielberg (USA — 1981)

É imbatível este sucesso? Não. Por este andar E.T. vai lá chegar (sempre são três salas, e não diminutas, a carregar público). Mas que Os salteadores da arca perdida é um caso de sintonia entre o cinema e o imaginário urbano, isso é inegável.

Cinema Alfa 2 (13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45h) (não acons. men. 13 anos)

● A estrangeira de João Mário Grilo (Portugal — 1982)

Um filme para penetrar, lentamente, com o fascínio masoquista dos tempos perdidos. João Mário Grilo convence, definitivamente; é um cineasta para ir por aí fora.

Os defeitos do filme (óbvios) são menos do que os letais numa primeira obra. Quando os meios e a enunciação se adequarem, Grilo fará filmes memoráveis.

Cinema Nimas (14, 16.15, 18.30 e 21.30h) (não acons. men. 13 anos)

● Victor/ Victória de Blake Edwards (USA — 1982)

Um falso travesti ou a mecânica das aparências no jogo da sedução e do espectáculo. Blake Edwards, depois das «panteras» de má memória, reencontra uma ironia total.

Cinemas S. Jorge 1 (15.15, 18.15 e 21.30h) e **7.ª Arte** (14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45h) (interdito a men. 13 anos)

● Romance em Nova Iorque de Peter Bogdanovich (USA — 1981)

Um filme entre a alegria e a amargura, com os encontros e os desencontros do amor nas ruas de Nova Iorque. Contagante.

Cinemas Apolo 70 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24h) e **Satélite** (14, 16.30, 19 e 21.30h) (não acons. men. 13 anos)

AS ESTRELAS

Uma comédia sexual numa noite de Verão ★★★★★
E.T. — o Extraterrestre ★★★★★
Sem sombra de pecado ★★★★★
Ao correr do tempo ★★★★★
Victor/ Victória ★★★★★
Romance em Nova Iorque ★★★★★
Os salteadores da arca perdida ★★★★★
A estrangeira ★★★★★
Blade Runner ★★★★★
O veredicto ★★★★★
Na calada da noite ★★★★★
Contos da loucura normal ★★★★★

A «Chave»

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

● Blade Runner de Ridley Scott (USA — 1982)

Uma criação visual de génio para um argumento mal cerzido. Um filme pode ser um acontecimento e ao mesmo tempo, ser uma obra falhada? Pode. Blade Runner é um desses casos.

Cinemas Castil (15.30, 18.30, 21.30h; sábados e domingos: 14.30, 16.45, 19 e 21.30h) **Quarteto — sala 2** (14.30, 16.45, 19 e 21.15h) e **Quinteto** (12.15, 14.30, 16.45, 19 e 21.30h) (interdito a men. 13 anos)

● Na calada da noite de Robert Benton (USA — 1982)

Um policial um pouco frio, onde o «charme» é muito mas o

nervo escasso. Meryl Streep, porém, vale sempre a pena. Não por uma questão de princípio mas pelo trabalho que faz.

Cinema S. Jorge 3 (14, 16.15, 19 e 21.45h) (interdito a men. 13 anos)

● Contos da loucura normal de Marco Ferreri (Itália — França — 1981)

Ferreri está num beco sem saída e nem mesmo o grande espaço americano o renova. Contos da loucura normal é já um filme visto, de que a gente se vai lembrar de duas ou três cenas (mormente o final na praia), não mais.

Cinema Quarteto — sala 3 (14, 16, 18, 20 e 22h) (interdito a men. 18 anos)

À meia-noite do seu fim-de-semana

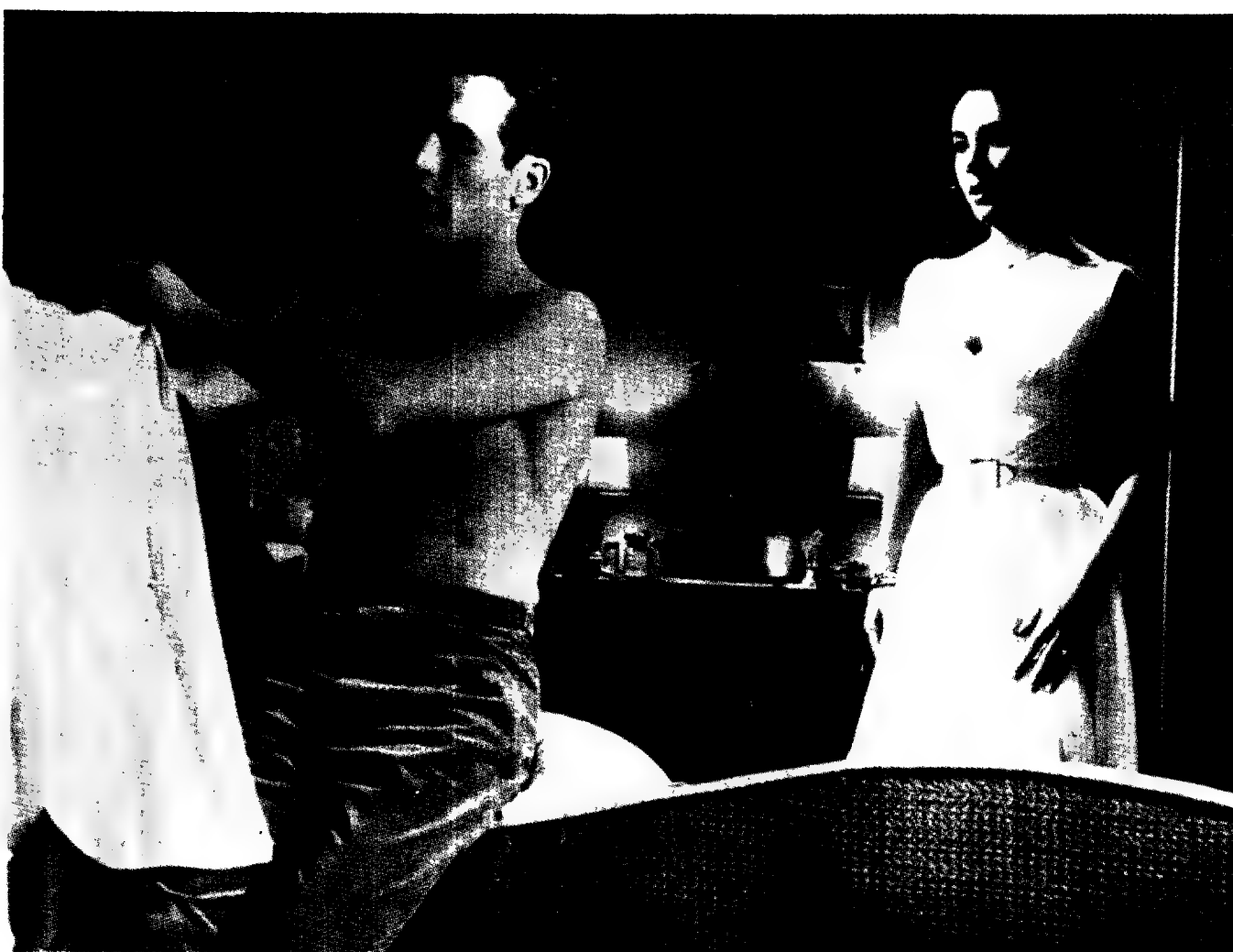
As sessões da meia-noite já criaram tradição nos hábitos do cinéfilo lisboeta. Inventadas pelo Apolo 70, há alguns anos, estenderam-se depois pela cidade, com especial incidência ao fim-de-semana. Esta secção que hoje aqui se inicia na AGENDA, vai procurar guiar o leitor nas sessões fora-de-horas.

Não esquecendo os cinemas que habitualmente dão sessões tardias com o filme da programação normal (Alfas, Apolo 70, 7.ª Arte e Terminal para os filmes citados na AGENDA), refira-se que o Londres também estende, aos sábados, o veredicto até às 24 h.

Quanto às sessões especiais, hoje, sábado, o City Cine apresenta, às 23.45h, A Terceira Geração de Fassbinder, um olhar sobre o terrorismo urbano da RFA feito com o desespero de quem sabe e compreende.

Se o erotismo o tenta, vale a pena experimentar O Monstro de Borowczyk que está no Monte Carlo às 24h. É uma curiosa experiência de transgressão, quando o prazer é mais forte que o horror.

Para ver como Brigitte Bardot se tornou Brigitte Bardot, E Deus Criou a Mulher, de Vadim, passa no Nimas, às 24h. Era no tempo em que Vadim fazia cinema. Depois passou



Paul Newman e Elizabeth Taylor em «Gata em telhado de zinco quente» de Richard Brooks (esta noite, no Quarteto, às 0.45 h)

apenas a filmar meninas generosamente despidas.

Pelos lados do Quarteto, às 0.45 (ou seja, já no domingo) há dois filmes recomendáveis. Gata em Telhado de Zinco Quente, de Richard Brooks, segundo Tennessee Williams, interpretado por Elizabeth Taylor e Paul Newman é um dos clássicos dos anos 50 e o calor de Liz Taylor é, aí, mais tórrido que nunca. Se nunca viu, melhor é não perder este filme fabuloso. A outra fita que também vale a pena é Antes da Revolução, de Bertolucci, uma obra outonal de quem se despede das ilusões e de um tempo em que viver era doce. Ópera e perplexidade, assim começava Bernardo Bertolucci a afirmar-se como um dos realizadores de proa do cinema italiano.

Domingo

Amanhã o panorama é pobre. De tudo o que há para ver à meia-noite só consigo descobrir um filme recomendável. Chama-se Violette Nozière e passa no City Cine, às 23.45h. Com este trabalho, Claude Chabrol voltou a mostrar que era um autor sempre capaz de ressurgimento e Isabelle Huppert assinou o que de melhor fez, como actriz, em cinema. É uma história de amor ou desamor, é um filme policial, é um retrato de mulher, fascinante.

J.L.R.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Sete Ponto Sete Cinema

R EGRESSO À TERRA DO SOL
— curta-metragem
— 35 mm/cor
Realização: José Fonseca e Costa. **Texto:** Orlando Costa e José Fonseca Costa (dito por Costa Macedo). **Fotografia:** Elso Roque. **Música:** Joaquim Rodrigo («concierto de Aranjuez»), Djalma Santos («foi a saudade»). **Assistentes de montagem:** Tereza Olga. **Efeitos sonoros:** Alexandre Gonçalves. **Produção:** Unifilme. **Produção executiva:** António Fonseca Costa. **Direcção de produção:** Henrique Espírito Santo. **Duração:** 20 minutos (aprox.). **Rodagem:** 1967. **Estreia:** ? **Localização de cópias:** Unifilme.

Encomendado pelo Banco Comercial de Angola, este filme é o mais agudo exemplo de como, cumprindo as formalidades contratuais, um cineasta pode transformar o que era encomenda publicitária num olhar feroz. Basta saber usar o cinema. É num tom de desalento que José Fonseca e Costa faz o seu **Regresso à terra do sol**. Constatando que Luanda desaparece, que os velhos pescadores da baía continuam à espera, que há mil sóis poentes no grande espaço africano, Fonseca e Costa faz da célebre torre do BCA o símbolo acabado da violência colonial que sobre Angola se abatia.

Ver as longas e tristes panorâmicas sobre o edifício, a silenciosa viagem ao seu interior, a atenção sufocada com que detalha paredes e salas, corredores e mesas, ver, depois, o ruído do contraponto com uma aldeia nativa, miserável, com os ruídos da selva, é ver como, com meios específicos do cinema, se pode, em nitidez e amargura fazer um discurso mais político que cinquenta panfletos.

Resistir, no cinema dos anos 60, também era isto: um filme belíssimo onde a raiva escancarada não se deixava aprisionar.



José Fonseca e Costa, o realizador de «Regresso à terra do sol»



Fernando Farinha e Julia Buizel em «A última pega»

Ú LTIMA PEGA (A)
— longa metragem
— 35 mm/p.b.

Realização e montagem: Constantino Esteves. **Argumento:** Jorge Gonçalves. **Sequência, planificação, diálogo:** Mota da Costa. **Fotografia:** Abel Escoto (2.º operador: Ferreira dos Santos). **Cenários:** Manuel Queiroz. **Fados:** Carlos Dias e Joaquim Luís Gomes (música), Fernando Farinha (letra). **Som:** António Inocêncio. **Sonoplastia:** A. Mata Diniz. **Interpretação:** Fernando Farinha, Leónia Mendes, Júlio Buizel, Cunha Marques, Joaquim Ganhão, Pereira Neto, Vicente da Câmara, Carlos de Oliveira, a participação dos cavaleiros José Lupi e Pedro Loureiro, do mator José Júlio e dos Forcados Amadores de

Santarém e de Cascais, etc. **Produção:** Cine-dex. **Produtor delegado:** Manuel Queiroz. **Distribuição em Portugal:** Internacional Filmes. **Duração:** 91 minutos. **Rodagem:** 1964. **Estreia:** 31 de Julho de 1964 («Eden», Lisboa). **Localização de cópias:** Internacional Filmes/Cinemateca Portuguesa.

Um fadista em moda, uma história de camponos e forçados, promessas a Nossa Senhora e o povo «simples e valente» como o via a imagética fascista.

A última pega é um dos mais degradados exemplos do cinema comercial dos anos 60. Tudo é mau nesta película: realização, diálogos, actores (?), montagem, música. Tudo é piroso, falso, grosseiro.

Talvez o pior filme do cinema português? É bem possível.



Teresa Madruga em «Silvestre» de César Monteiro

M ADRUGA, TERESA
— actriz

Teresa Maria Madruga Carvalho nasceu na Horta, Ilha do Faial (Açores) a 18 de Março de 1953.

Vem para o continente aos três meses de idade e faz o curso dos liceus em Faro e Lisboa. Em 1972 matricula-se na Escola de Teatro do Conservatório Nacional cujo curso conclui em 1975.

Estreia-se no teatro em 1976 com a peça «Os amantes pueris» de Fernand Crommelynck (enc. Gastão Cruz) que o Grupo Teatro Hoje leva à cena no Trindade. Ainda nesse ano inicia-se também no cinema com o filme **Madrugada** de Luís Couto.

Integrada no grupo Os Cômicos faz, em 1977, «Matinée mágica» de Wolfgang Baver (enc. Ricardo Pais), no Instituto Alemão e no Teatro

do Bairro Alto, espaço onde estreou ainda «A guarda» de Benjamino Joppolo (enc. J. A. Osório Mateus).

Em 1978 apresenta, na sala Manuela Porto do Teatro do Bairro Alto, «As cartas de Soror Mariana» (enc. José Cunha) e faz «Ninguém» de Almeida Garrett/Maria Velho da Costa/Alexandre O'Neill (enc. Ricardo Pais) no Trindade.

Em 1979 acontece uma breve experiência na revista ao fazer uma substituição em «1926, noventa e nada» no Adoque.

No ano seguinte, no Grupo Teatro Hoje sediado no Teatro da Graça, interpreta «Slag» de David Hare (enc. Carlos Fernando).

Em 1981 é a vez de «3.º Mundo», espectáculo concebido e encenado por Ricardo Pais no «Trem Auto» da Universidade Nova de Lisboa.

Depois de, em 1982, se ter dedicado exclusivamente ao cinema, Teresa Madruga reaparece no teatro no espectáculo «Tanza-Variedades»



Teresa Madruga, ao lado de Bruno Ganz, em «Dans la ville blanche» de Tanner

(guião e encenação de R. Pais), integrado na exposição «Depois do Modernismo», em Janeiro de 1983.

FILMOGRAFIA: **Madrugada** de Luís Couto (1976); **Alexandre e Rosa** CM de João Botelho e Jorge Alves da Silva (1977); **Guerra do Mirandum** de Fernando Matos Silva (1978); **Oxalá** de António Pedro Vasconcelos (1979); **Francisca** de Manoel de Oliveira (1980); **Silvestre** de João César Monteiro (1981); **Aspern** de Eduardo de Gregório (1981); **A estrangeira** de João Mário Grilo (1982); **O lugar do morto** de António Pedro Vasconcelos (1982); **Visita ou Memórias e confissões** de Manoel de Oliveira (1982), voz; **Dans la ville blanche** de Alain Tanner (1982).

Das actrizes de recente geração, Teresa Madruga é a que mais profundamente se ligou ao cinema, de tal modo que é possível afirmar que ela é uma actriz sobretudo de cinema, coisa difícil de dizer em Portugal.

Os personagens que interpretou quase nunca decidiram um filme? Pois não. Mas tem um plano de amor em **Francisca** (essa criada estupefacta que foge), uma cena inesquecível em **Silvestre** (onde engana e se oferece ao maléfico cavaleiro, divina ambiguidade que Luís Miguel Cintra reforça), uma outra cena que só ela torna intensa em **A estrangeira** (quando conta a sua história a André/Fernando Rey).

E ninguém a culpará se em **Oxalá** ou **Alexandre e Rosa** não foge às insuficiências gerais dos filmes.

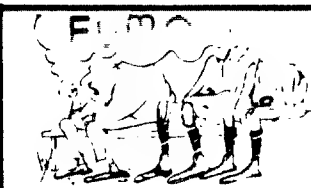
Ao contrário, valerá a pena reter o primeiro papel de protagonista em **Dans la ville blanche** de Tanner. Desejável e vulgar, arisca e enleante, Teresa Madruga é aí a mulher do Sul que acolhe mas não se submete ao germânico Bruno Ganz cansado de Europa. É um papel sem rede, bilingue, esquivo. Teresa Madruga agarra-o e ganha definitiva carta de alforria como primeira figura do cinema que se faz em Portugal.

BATAS PROFISSIONAIS

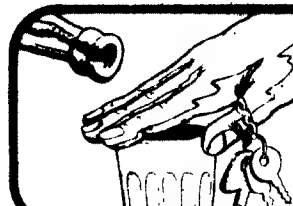
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccões

Av. João XXI, 8-D 1000 (metro Areeiro) Rua Intendente, 16-55-C 1300 LISBOA



NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS



CONDUZIR OU BEBER HÁ QUE ESCOLHER!

Rádio

Ver... com fios e sem fios

UMA das virtudes do artista é a sua fragilidade: o artista nunca está seguro de viver, de trabalhar. Proposição simples mas séria: o seu apagamento é uma coisa possível. Um outro motivo de fragilidade para o artista é, paradoxalmente, a firmeza e a insistência do seu olhar. O poder, qualquer que seja, porque é violento nunca olha; se olhasse um minuto mais — *um minuto de mais* — porque perderia a sua essência de poder. O artista, esse, pára e olha longamente. ... Ora isto é perigoso porque olhar mais tempo do que é pedido perturba todas as ordens estabelecidas, quaisquer que sejam, na medida em que, normalmente, o próprio tempo do olhar é controlado pela sociedade. Logo a obra que escapa a esse controlo, a natureza escandalosa de certas fotografias e de certos filmes: de maneira nenhuma os mais indecentes ou os mais combativos, mas simplesmente os mais «repousados».

— Barthes —

Pedro Costa:

«Durante quase um ano o programa *Os Olhos Férteis* foi realizado de maneira muito académica. Falávamos de géneros: filmes musicais, policiais, de terror. Seguíamos os autores, técnica de cinema, etc. Eram programas não criativos, «tarimbeiros», banais, pouco estimulantes. Durante esse ano experimentámos muita coisa, montagens, trabalho com os sons. Queríamos desbravar esse caminho, isto, por um lado; pelo outro, o espírito dos autores não se coadunava nem se coaduna com o que não avança. *Os Olhos Férteis* de há um ano era igual a todos os programas do canal dois, a «cultura» que para nós não faz sentido. Mas isto são questões de fundo que não gostaria de discutir assim.»

Desconfio que aquele cinema se mantinha aberto apenas porque o dono não conseguia vendê-lo nem alugar o edifício, e não o poderia fechar por não ter dinheiro. Eu frequentava-o por ser silencioso, quase vazio e porque a rapariga que vendia os bilhetes tinha uma beleza alegre, banal e simples.

Hermenegildo Gomes:

«Houve uma mudança de atitude. O contacto com os estúdios e com os processos possíveis de montagem e sonorização abriram-nos perspectivas para um novo caminho não obstante a falta de meios. Estamos a trabalhar com material do princípio da estereofonia, à excepção do gravador, de vez em quando. O Pedro, enquanto autor, começa a pedir mais, a exigir mais em termos técnicos, o que está ligado à sua escrita.

Um autor de rádio tem que ter em atenção o produto áudio, faz parte do seu trabalho idealizar o programa genericamente e neste generica-



mente incluiu-se o Som. Eu afirmo isto porque a maior parte dos autores que trabalham para a radiodifusão apresentam textos literários sem terem em atenção o som e os documentos fonográficos. Em *Os Olhos Férteis* julgo que aparece pela primeira vez uma relação autores externos, realizador e outros trabalhadores da casa que perfazem um todo: o programa. Não estão dissociados.»

Alô max?... aqui posto Paddington... azimute 91... sinal recebido 160 MV. OUT. alô posto Kennington? azimute 342... sinal recebido 180 MV... all right! alô posto Hoxton? azimute 250... sinal recebido 180 MV... all right.

P.C. — «Os programas são muito diferentes: há uns que se realizam a partir de textos de autores, sobre cinema, outros fragmentos colados de escritores, outros que têm um pouco deles e um pouco nosso (meu e do Zé Manuel Alexandre).»

max?... está lá?... repito, o indivíduo é perigoso... max?... facilitem a acção da... escuto. está cheio de interferências... repito a acção da...

P.C. — «Na realidade o programa era de divulgação e informação cinematográfica. Agora tem a ver com cinema mas só na medida

em que se fala de imagens, olhares, tem a ver com o imaginário das pessoas, o provocá-lo, estimulá-lo, excitá-lo. Aliás dois ou três programas começavam com uma frase nossa: *histórias para fechar os olhos*, em oposição aos restantes que julgo que são para abrir os olhos. Não queremos ensinar, mas torná-lo assim, como ele é, nos seus pontos mais obscuros, mais herméticos, quando há textos mais difíceis. Forçar o tempo dos ouvintes ou, melhor dizendo, levá-lo a recordar: demonstrar os sons, demorar as ideias, levá-lo a ver, como no cinema, o bom cinema. Neste programa só falamos das coisas que nos interessam: o cinema que nos interessa a nós, as imagens, a fotografia, a literatura — formas que dão a liberdade máxima ao receptor.»

«Não percebo», disse Alice. «É terrivelmente confuso!»

«É a consequência de se viver para trás», disse a Rainha afavelmente: «ao princípio fica-se um pouco entontecido.»

«Viver para trás!», repetiu Alice muito admirada. «Nunca ouvi tal coisa! — mas há uma grande vantagem nisso, é que a memória funciona nos dois sentidos.»

«Tenho a certeza que a minha só funciona num sentido», observou Alice. «Não consigo lembrar-me de coisas antes de acontecerem.»

«Se só funciona para trás, é um tipo muito fraco de memória», disse a Rainha.

«Que espécie de coisas se lembra melhor?», arriscou-se Alice a perguntar.

«Oh, das coisas que aconteceram na semana que vem», respondeu a Rainha num tom descuidado. «Por exemplo, agora», continuou, pondo um grande adesivo no dedo enquanto falava, «estou a lembrar-me do mensageiro do Rei. Está agora na prisão a ser castigado: e o julgamento não começa senão na próxima quarta-feira: e é evidente, que no crime só virá no fim.»

«E se ele nunca cometer o crime?», perguntou Alice.

«Tanto melhor, não achas?», disse a Rainha, atando o adesivo à volta do dedo com um bocadinho de fita.

P.C. — «O olhar e o ouvido das pessoas está estragado, está corrompido, por tanta coisa que sabemos e que não dão tempo às pessoas para escolher, para se sentirem alegres, ou tristes. Perdeu-se a arte de ver e a arte de ouvir.»

H.G. — «*Os Olhos Férteis* não serve de companhia. É para ouvintes.»

lady diana tornou-se particularmente famosa na Europa como a «madona das vagões-cama».

P.C. — «Isto é uma questão que tem a ver com o discurso sobre a cultura, sobre a arte.

O nosso programa também não modifica coisa alguma. Atinge uma faixa restrita de pessoas, por semana, meia hora. Não é, não pode ser terrorista. Há estações de alternativa em todo o mundo menos cá, rádios e televisões «piratas», normalmente melhores.»

abandonou o burel de religiosa e partiu para a América. Actualmente trabalha numa conhecida fábrica de munições de Detroit.

H.G. — «Quanto a mim, e sintetizando a diferença de *Os Olhos Férteis*, reside primeiro no fascínio do som, porque esta coisa de ter sempre o som a oitenta decibéis é apolínio, é regado, é aquilo que se fazia há vinte anos ou há trinta, com discos talvez diferentes mas o tipo de sonorização que se faz para uma maioria de programas é toda muito semelhante. Nós tentámos criar planos de som, uma exploração levada até ao expoente máximo possível no aspecto da montagem e um discurso dos dias que vivemos. Os textos têm geralmente dificuldade de leitura, o que faz com que o ouvinte ou fique preso à emissão ou desligue o aparelho. Não temos com



com certeza ouvintes neutros. O que me parece é que *Os Olhos Férteis* é um programa em itálico dentro da programação calma e nada virulenta do Programa Dois. Tenho afirmado em conferências de Canal que o Programa Dois cumpriria melhor numa atitude mais activa. Em vez de espelho, ser motor.

A forma não é diferente do vazio; o vazio não é diferente da forma. A forma é precisamente o vazio. O vazio é precisamente a forma.

H.C. — «*Os Olhos Férteis* é o tipo de programas que eu apoio até porque sou um realizador com tendências técnicas e não literárias. Sou um realizador de estúdio, vou para a mesa de montagem. Por isso pugno pela criação de um estúdio de rádio experimental onde se pudesse criar sem entraves de carácter material. Qualquer «boite» em Lisboa está melhor apetrechada do que a Radiodifusão Portuguesa. Isto é muito grave. Não temos sintetizadores. Um sistema de «dolby» como deve ser e o próprio material que há não funciona bem, está deficiente tem muitos anos de serviço: não há facilidade de manobra para se realizarem programas de autor porque os estúdios estão preparados para um senhor que vai falar e põe-se um disco «por baixo», pouco mais. Quando ouvimos falar de «consulentes» com dezasseis, com trinta e duas vias, nós não possuímos nem uma com quatro. Só avançamos porque há paixão e investimento não só profissional, mas afectivo.»

Para falar correctamente, o artista, ao contrário do pensador, não evolui: o artista varre, à maneira dum instrumento muito sensível, o Novo sucessivo que lhe apresenta a sua própria história. A sua obra não é um reflexo fixo mas um catastrófico por onde passam, consoante a inclinação do olhar e as solicitações do tempo, as figuras do Social ou do Passional e aquelas outras, das inovações formais, do modo de narração ao emprego da cor. A sua preocupação pela Época não é a de um historiador, dum político ou dum moralista; é antes a de um utopista que procura perceber, em pontos precisos, o mundo novo só

porque tem vontade desse mundo e porque dele quer fazer parte. A vigilância do artista, que é a sua, é uma vigilância amorosa, uma vigilância do desejo.

Barthes

P.C. — «Quanto ao nosso novo programa, *SÉRIE B — Tecnicamente Normal*, que tem realização de Luís Filipe Costa, podemos dizer que o mínimo ruído tem uma história própria que é preciso respeitar, que os sons podem estabelecer relações novas e insuspeitadas que se torna necessário revelar. Todos têm formas, texturas e volumes que podem ser modulados. Os caminhos das ondas de rádio são velozes e directos, mas os do sentido são tortuosos e subtile. Esses vão sempre mais longe, irradiam numa zona obscura e desconhecida, mas vibrante, onde tudo se perde e se desequilibra. *Tecnicamente Normal* tentará ser esse tecido vibrante, um corpo sonoro, insólito e coerente. É preciso arrancar o ouvinte dos modos processos de identificação radiofónica. É preciso fazê-lo delirar e duvidar, fazê-lo perder-se. Queremos mostrar que o antigo é moderno, que isto é aquilo. *Tudo se diz através da música e dos sons:* tremores de terra, Mahler, relâmpagos Ornette Coleman, pulsações, Luciano Bério, frequências, New Order, passos, Bach... fade out. Organizar um caos sonoro meticulosamente gravado, misturado, montado. Não há hierarquia mas sim sucessão de músicas e sons que vão lutar, resistir entre si para produzir novos sentidos, na multiplicidade e na fragmentação. Em banda magnética o magnetismo desses preciosos e raros momentos. Uma aparição de verdadeiros «acontecimentos sonoros». **TECNICAMENTE NORMAL:** uma emissão primitiva, suja e desejante. O estrume é o que faz crescer as plantas.»

alô max?... escuto... perigoso!... danger!... johnny easter... sim, sim... só me restam 4 bolachas secas... cidadãos que facilitem o trabalho da...

Maria Emília Correia

TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE LISBOA
13.º JUÍZO — 5.º PISO
PROCESSO N.º 6.335/B
— 2.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que, no dia 24 de Março do corrente ano, pelas 10 horas e 30 minutos, à porta do Tribunal deste Juízo, na execução de sentença que Metakirgia Duarte Ferreira, S.A.R.L., move contra Agostinho Carvalho dos Santos Aveleira e mulher Benigna de Jesus Motta Aveleira, residentes no lugar de Atrunheira, freguesia de Asafage, comarca de Coimbra, que corre pela 2.ª secção do mesmo Juízo, vão pela 1.ª vez à praça, para serem arrematados em hasta pública por quem maior lance oferecer acima do valor que adiante se indica, o seguinte direito penhorado aquele executado:

ÚNICO

Uma quota de Esc. 2.400.000\$00, que o executado marido possui na Sociedade «Transcedro — Transportes do Centro, Limitada», com sede em Abrunheira, Asafage, Coimbra. Vai à praça no valor base de Esc. 2.400.000\$00.

Lisboa, 3 de Março de 1983.
O JUIZ DE DIREITO,
Jaime Manuel Belém Santana Guapo
A ESCRIVÁ ADJUNTA,
Cristina Maria de Jesus

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE
ALMADA

3.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Proc.º 150/81 3.º Juízo 1.ª Secção

No dia oito do próximo mês de Abril, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, na Execução pendente nesta Secretaria contra Tecnical-Sociedade de Empreendimentos e Construções Lda, há-de ser postos em praça, pela primeira vez, para se arrematarem ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, um minicomputador Olivetti com o n.º MLU.

Almada, 28 de Janeiro de 1983

O Juiz de Direito
(Mário Meira Torres Veiga)
O Escrivão Adjunto,
(José António Martins do Amaral)

Os olhos férteis — autores: Pedro Costa e José Manuel Alexandre.

— Realizador: Hermenegildo Gomes.

Série B — Tecnicamente normal/O estrume da melodia

— Autores: Pedro Costa e José Manuel Alexandre.

Realizador: Luís Filipe Costa

Programa Dois — RDP

Quinhentas fichas por pessoa

Daniel Schneider

Você acaba de se mudar para Paris ou para os arredores.

Ninguém conhece a sua nova morada. Surpresa: ainda as suas pinturas não estão secas e você já recebeu uma proposta um tanto cominatória de uma companhia de seguros. «O seu edifício tem uma apólice de seguro», afirma o documento aparentemente muito oficial que, «preocupado em preservar a sua tranquilidade lhe pede que envie o boletim anexo», acompanhado, claro está, do pagamento da sua apólice. Como não responder afirmativamente a essa misteriosa potência tão bem informada?

A CALME-SE. Você tem todas as possibilidades de ter caído nas malhas da sociedade Com-com (Comunicação e comercialização). A Com-com fez um trabalho de sapa ao serviço de uma ideia geral: recensar todos os recém-chegados a Paris (o 7.º, o 14.º, o 15.º, o 16.º e o 17.º) e a nove comunas dos arredores, e enviar-lhes mensagens publicitárias, ou, ainda mais astuciosamente, uma pequena agenda com publicidade aos comerciantes do sector, desejosos da clientela dos novos residentes (lojas de mobílias, papel pintado, seguros).

Secreto e tesouro de guerra da Com-com: uma rede de «indicadores-amigos», em toda a superfície que a interessa. Quatro anos de esforços para conseguir de trezentos porteiros, empregados de lojas de mudanças, correios, mas também empregados de seguros e até directores de sucursais de bancos enviem todos os meses dez ou vinte nomes de novos residentes, enriquecendo assim um ficheiro de vinte e cinco mil moradas.

Colaboração quase benévola: «Paga-se de vez em quando aos que conseguem mais moradas» diz Dominique Féron, jovem director-geral da Com-com. Única receita: ter os olhos bem abertos. «Reparar nas janelas sem cortinas, nos capachos novos, e b a ba da profissão», explica com entusiasmos Gérard Lance, autor da carta-cominatória. E deplora o anonimato das grandes cidades.

A Com-com é a «fichagem» de rosto humano. A faceta artesanal de uma profissão em pleno desenvolvimento e que afasta a respeitabilidade a golpes de códigos de deontologia e de salões profissionais. Arrastada pela onda da informatização, a venda directa invadiu todos os sectores.

Deseja vender por correspondência um semanário de informações, livros pornográficos, diamantes ou peixe fresco vindo directamente da Bretanha? Quer fazer o seu negócio junto de «bricoleurs», detentores de acções, crianças, notários, obsecados sexuais, gordos, calvos gastrónomos? O ficheiro ideal existe algures. Na Commission nationale informatique et libertés (CNIL) pensa-se que cada pessoa está numas quinhentas fichas, contendo, claro está, com a Segurança social e a lista dos telefones. Número evidentemente aproximativo, devido à diversidade das situações e à ausência de cálculos precisos.

O ficheiro em causa não só existe como é fácil, na maior

parte dos casos, consegui-lo. Se você não for um concorrente directo, o seu detentor aluga-o de boa vontade ou troca-o pelo seu. Muito legalmente, desde que isso seja declarado no CNIL, que mostra uma grande compreensão, contentando-se com uma declaração anual de todos os tratamentos de um mesmo ficheiro.

Os jornais contam-se entre os

ração dos Pais dos Alunos do Ensino Público (PEEP) só aceita alugar o seu ficheiro com precauções próprias dos Sioux: controlo das mensagens enviadas e dos produtos vendidos. Recusou mesmo a clientela de uma colecção de obras educativas a pretexto de aí figurar um volume de educação sexual. Controlos idênticos são feitos na UNAPEL (Pais de Alunos do

todos os aglomerados de determinada extensão), ou melhor quando isso é possível o segmento, sócio-profissional.

Trinta milhões de consumidores

Quanto maior é o volume global, mais necessário se torna apontar ao alvo certo. Em 1981 houve mil milhões e meio de

consumidores.

O list-broker vai propor-lhe duas gamas de produtos: os ficheiros de compilação, directamente saídos da INSEE, permitem-lhe contactar todos os representantes de determinada actividade, desde os comerciantes em grosso de gado para abate até aos fabricantes de sorvetes. Mas esses ficheiros não o interessam. Volta-se portanto para os ficheiros de comportamento.

Como o melhor comprador é o que acaba de comprar um produto similar, todos os consumidores de vinhos finos, pastas de fígado e fruta, são seus clientes potenciais. Ei-los pois, sabiamente arrumados numa fita magnética, à sua disposição. Se esse alvo sem surpresa o desconsolar, tem que partir à aventura: os vendedores de um método de luta contra a timidez não compreenderam que o seu melhor ficheiro

Ausência de «discount»

Mas desconfie. «Discountar» as suas assinaturas apresenta certas vantagens mas também alguns perigos. O discount traz consigo uma forte taxa de suspensão de assinaturas, explica Catherine Innoncenti, chefe do serviço de assinaturas no Point. Para manter os seus compromissos com os anunciantes, os jornais são obrigados a utilizar ficheiros cada vez mais amplos, portanto de clientela cada vez menos selectiva e de rendimento cada vez mais fraco. E os anunciantes começam então a duvidar da assiduidade da leitura da clientela assim recrutada.

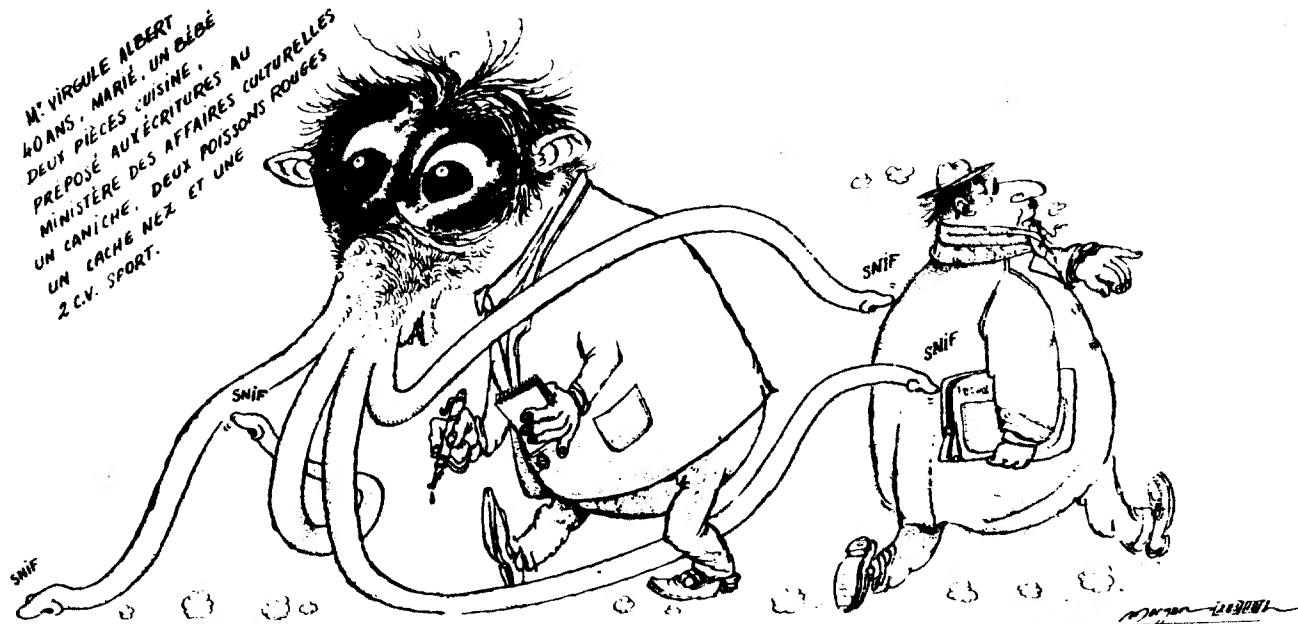
Resultado do êxito: em breve lhe vão pedir que alugue o seu próprio ficheiro. Não lhe agrada muito deixá-lo nas mãos de um list-broker, tem medo que ele escape ao seu controlo? Tranquelize-se. Como a profissão é um micro-mundo, qualquer ovelha ranhosa depressa é excluída. Mas como duas precauções valem mais do que uma, meta no seu ficheiro o nome da sua tia de Ploermel, e com um erro de ortografia. Qualquer mensagem que ela receba e com o erro de ortografia, será uma prova de deslealdade do utilizador abusivo do seu ficheiro. Todos os ficheiros em circulação têm uma marca deste tipo, e a sua origem é portanto detectável.

Desde o célebre desvio do fecheiro da O.R.T.F., em 1973, outros casos vieram à superfície.

Em Paris, os locatários do Office H.L.M. de Paris recebem correio eleitoral de candidatos chiraquianos para as eleições municipais. O presidente do Office, Jean Tibéri, de resto deputado R.P.R. de Chirac, de Paris, dá explicações embaraçadas. Em Nantes, é o ficheiro dos empregados municipais que a providência faz chegar às mãos dos partidários do candidato R.P.R., Michel Chauty.

Alguns eleitores judeus tiveram há alguns anos a surpresa de receber em suas casas um Bulletin de liaison du P.C.F. et de la population juive. Este mailing talvez fosse efectuado através da lista dos assinantes de Arche, magazine do judeísmo francês que compreende quase setenta mil nomes e foi várias vezes alugado. Por sua vez, as obras católicas não comunicam a lista dos seus aderentes: assim, o Secours catholique só emprestou o seu ficheiro a la Vie ou a Bayard-Presse, empresas católicas de Imprensa.

Na ausência de textos legais ou de jurisprudência, parece que o seu nome e a sua morada não são propriedade sua. Aqueles que não desejam ver a caixa do correio atafalhada de papéis têm, no entanto, uma solução: escrever ao sindicato da V.P.C. a fim de pedir para figurar na lista «stop-ficheiros». O sindicato enviará o pedido aos seus filiados. Tarefa pouco árdua. Desde 1976, só sete mil pessoas pediram para figurar nesse «ficheiro Robinson».



que mais assiduamente fazem trocas. «Faziam-se sistematicamente mailings sobre todos os ficheiros que era possível conseguir», conta o velho director de vendas de Expansion. Os grandes «news-magazines» como Le Point, l'Express ou le Nouvel Observateur também praticam mailings cruzados, sem prejuízo de operações sobre os ficheiros de outras publicações, artísticas ou desportivas. Só ou quase só o le Monde nunca alugou o seu ficheiro, aliás muito desejado, nem recorreu a ficheiros externos.

Às portas da administração

Tendo entrado nos hábitos do sector privado, o intercâmbio de ficheiros detém-se, porém, às portas da administração. Ninguém pode conseguir os ficheiros do fisco ou da Segurança social. Os das companhias de seguros também são muito ambicionados. Em contrapartida, no Ministério da Educação Nacional aluga-se, de boa vontade, o ficheiro dos estabelecimentos escolares. A lista dos assinantes da Ópera de Paris só pode conseguir-se se se der prova da «nobreza» da mensagem.

O movimento associativo é, em geral, mais reticente do que o sector privado. Assim, a Fede-

Ensino Livre) que também aluga os seus ficheiros.

Essa banalização dos intercâmbios de ficheiros é servida pela generalização e pela simplificação dos instrumentos informáticos. Assim, para evitar mandar duas vezes a mesma mensagem para a mesma morada é preciso modificar o ficheiro a cada novo envio, isto é tirar do novo ficheiro as moradas já utilizadas no mailings precedentes. «Há alguns anos, o programa necessário ter-me-ia custado 50 000 francos; hoje é possível fazê-lo por cinco mil», explica um profissional. É por caso que numerosos dirigentes das grandes sociedades de venda por correspondência (V.P.C.), a começar por Jean Claude Sarrazin, director-geral de La Redoute, têm formação de informática.

Do mesmo modo são muito afinados os alvos dos envios. Um mailing custa 2 francos por carta e procura-se ter a taxa de compensação mais elevada possível, embora sabendo que mesmo no melhor dos casos ela não poderá ultrapassar os 3%. Um grande ficheiro de quinhentos mil nomes nunca é totalmente utilizado, mas tiram-se dele os «segmentos» adequados: geográfico (determinada cidade, determinada rua «rica»,

envios comerciais, isto é, uns 9% do tráfico pago dos correios. O volume de negócios das sociedades de venda por correspondência atingiu o ano passado os 23 mil milhões de francos, mais 16% do que em 1981.

À sombra dos gigantes da V.P.C. (La Redoute com o seu ficheiro de dez milhões de nomes, os Trois Suisses com os seus cinco milhões), todos os sectores económicos se lançaram, e principalmente os produtos de beleza, a edição, o disco, a alimentação (de momento a alimentação de luxo). Mas, sobretudo, constitui-se uma verdadeira mini-indústria. Uma centena de pequenas empresas de serviço vivem dos ficheiros e da sua organização. Desde o ano passado que organizam o seu salão no Palácio dos Congressos de Paris: as jornadas do marketing directo que este ano acolheu oito mil pessoas.

Um exemplo: se você pretende fundar um magazine gastronómico e fazer a prospecção dos seus futuros assinantes através da publicidade directa, a sua primeira visita será a um list-broker, profissional do comércio dos ficheiros, que, diz-se, detém em seu poder grande número deles. Um dos mais importantes list-brokers de Paris, Georges Basse propõe nomes e moradas de trinta milhões de

de prospecção era o dos fotógrafos amadores e dos «bricoleurs» de electrónica?

Etapas seguintes: redigir a sua mensagem. Uma dúzia de agências-conselheiras propõem-lhe aqui os seus serviços. A preço de ouro. A redacção da carta é tão técnica como a de um slogan destinado a cartazes públicos. Um pouco de intimidade, um pouco de convívio, algumas promessas bem sentidas, um pouco de culpabilização. Última inovação autorizada pela tecnologia personalização da mensagem graças à impressora «laser». «Caro sr. Dupont, os seus vizinhos da rua Jules Ferry, em Carpentras, descrevem-no como um gastrónomo muito conhecedor, etc.». Encolhe os ombros? Faz mal. As propostas de assinatura «personalizadas» têm um rendimento superior em 30% às propostas anónimas.

Lançado o seu magazine outras agências vão encarregar-se da gestão dos seus assinantes. Também pode propor assinaturas à experiência a baixo preço, mandar presentes de boas vindas aos novos assinantes, modular a redacção das ofertas (por vezes mais de quinze cartas para uma mesma publicação), conforme o assinante é recente ou antigo.

Paraisos Sete Ponto Sete

A morte de Hergé

Tintin somos nós!

«**T**INTIN não é humano. É demasiado bom demasiado perfeito. Uma bola

para o rosto duas contagens para os olhos, uma curva para o nariz e uma vírgula para o topete. É mais um esquema, do que um personagem». Eis o que dizia Hergé do seu herói cavalheiresco e corre-mundos há vinte anos (1). Terrível mas exacto. E se Tintin só tivesse tido significado no imaginário das suas dezenas de milhões de leitores através desta insuficiência que consistia em ser o que mais se aproxima da perfeição? E se o «pai» de Milou ficasse a dever o seu êxito a esta propensão para se tornar por transparente rectidão um ponto fraco, ponto das nossas projecções, rosto absoluto a modelar de acordo com as nossas conveniências — e à nossa semelhança —, um «não-tipo» destinado a colher o nosso entusiasmo, os nossos temores de infância os nossos ardores de juventude e as nossas nostalgias de idade adulta?

Tintin não é um super-herói. Não é uma anti-herói. É alguém disponível, desocupado, imaginário. Daí provém essa sensação de mau-estar quando — no cinema, por exemplo — quiseram emprestar-lhe um rosto real e uma voz. Tintin é um perso-

nagem de Banda Desenhada o fio condutor de aventuras planetárias e o porta-voz das mais tradicionais respeitáveis e imutáveis virtudes morais. «Tintin sou eu», afirmou Hergé. Engano: Tintin, somos nós. Tal como nós sonhávamos em crianças, tal como nos lamentamos não ter sido em adultos. Uma figura moral, corajosa e desafiada, ajustando as contagens com o Mal e a estupidez. Desligado das contingências materiais, sem fonte de rendimentos, infatigável, livre de qualquer envolvimento sensual, casto e justo. Doce e humilde em termos afectivos, mas frio como gelo. Indestrutível e vagabundo.

No entanto, chorou pelo menos uma vez na sua longa carreira de jovem da Banda Desenhada. Aconteceu em «Tintin no Tibete» (1958) quando sabe pela leitura de um jornal — Tintin é «repórter», nunca escreveu uma linha, mas lê muitos jornais! — que Tchang, o seu amigo chinês, morreu. Foi preciso esperar pelo vigésimo álbum das suas aventuras e ver passar 29 anos, para que o seu criador, Hergé, consentisse em deixá-lo soltar uma lágrima! E isso porque, afirma-o Hergé, terá como ele próprio uma intensa profunda crise psicológica — resolvida através da psicanálise —, e que lhe permitiu «aceitar a ideia

de que não era imaculado», como confessará mais tarde a Numa Sadoul (2).

Harmonia

O Tintin integral reside nessa perpétua busca de uma pureza impossível, nesse combate sempre renovado contra os conspiradores da ordem, contra os injustos que perturbam a harmonia entre os homens, contra o dinheiro que mancha quantos nele acreditam, contra os poderes que corrompem e contra as mulheres que embaraçam. O mundo é feito para ser perfeito, à imagem desse castelo de Moulinsart, cuja simetria absoluta é confortável e parece eterna. Os próprios maus são simpáticos: simplesmente um pouco ridículos, e nada mais. O que perturba este mundo é a organização do poder, o totalitarismo, o racismo, o militarismo e a azeite do lucro.

Tudo decorre desta visão optimista das pessoas e das coisas, deste humanismo que não se reclama da direita ou da esquerda. Tintin é a virtude em ação. E seria de desejar que a esta atitude moral fossem associadas as polémicas secundárias da baixa política, e as macaqueiras ideológicas mais mesquinhas? Não, o mundo de Tintin é, e permanecerá, como o confessa o seu autor,

uma visão do universo de «escuteiro». Assente no sentimento de que a perfeição é desejável ainda que impossível.

Sendo assim, bem podem protestar os rabugentos que erguem os habituais lugares-comuns contra Hergé: a sua misoginia, o anticomunismo primário do seu primeiro álbum, «Tintin no País dos Soviéticos» (1929), o paternalista de «Tintin no Congo» (1930), ou o esquematismo anticapitalista de «Tintin na América» (1931)! Passam ao lado do essencial e do melhor, tudo aquilo que faz com que Hergé, apesar de estar atento às realidades políticas das épocas atravessadas pelos seus heróis, nunca tenha sentido qualquer atracção pelo debate político, ou manifestado um grande tacto político. Sim, é verdade que passou uma noite na prisão — Hergé na prisão! — em 1944, após a libertação de Bruxelas, apenas porque colaborara... num jornal colaboracionista. Desenhava nele Tintin... Mas se lhe pode perdoar, a esse homem que confessará o que poucos se atreveriam a fazer, ainda que o dessemos: «É verdade que sou um homem da ordem»?

Sempre disponível

Horror? Claro que não, pois é a esse «defeito» que ficamos a dever

toda a sua obra. Harmonia do desenho e do texto, constância dos temas, quaisquer que sejam os cenários, linearidade das narrativas, meticulosidade da documentação, aspiração obsessiva pelo pormenor, traço fino e irrepreensível, personagens tipificados funcionando no máximo das suas capacidades, dosagem fina e trabalho do humor — mais britânico do que belga... — e romanesco. É a partir de «O Lótus Azul» (1934) que nasce o grande Hergé, porque é apenas nessa altura que um seu amigo chinês — um tal Tchang Tchengien... — o convence a levar o seu trabalho a sério. Depois disso, não mais deixará de aperfeiçoar a sua arte, melhorar os argumentos, criar novos personagens, fazer evoluir, através de uma correcção, os dos primeiros álbuns, como o capitão Haddock, lamentável bêbado que se transforma num ser sanguíneo apresentável e indispensável. Estes personagens familiares foram surgindo, uns após os outros, em redor de Tintin. A partir de então, compreende-se que, de uma certa forma, o carácter translúcido do herói principal só tinha uma função: fazer sobressair as cores dos outros. Tintin, herói discreto — e secreto: quem conhece a sua biografia, ou a sua infância? — ao serviço dos temperamentos dos outros. Ajuda-os, por contraste, a encontrar a sua verdade, que é um

pouco a nossa. Sempre disponível!

Em «Tintin e os Picaros» (1976), último álbum publicado, vê-se uma América Central destruída por totalitarismos antagónicos, mas de efeitos idênticos. Na sequência desta aventura, Hergé preparava uma outra história onde se veria Tintin lutar contra uma rede internacional de falsários de obras de arte. Esta aventura permitiria a Hergé ligar ao menos uma vez, o trabalho (a Banda Desenhada) e a paixão (a pintura). Mas talvez fosse também uma espécie de testamento, para indicar que os heróis que teve a gentileza e o génio de nos oferecer nos últimos 54 anos, só tiveram uma finalidade na sua vida: desmascarar os falsários de todos os matizes. E isso vale bem oitenta milhões de álbuns em 32 línguas! E um infinito prazer.

Bruno Frappat

(1) Numa entrevista publicada por «Nouvelles Littéraires», em 27 de Junho de 1963.

(2) Citado por Numa Sadoul nos seus «Encontros com Hergé», que constitui o livro de referência para os entusiastas de Tintin (edição Casterman).

UM grande homem terno, é possível? Os grandes homens, falsos ou verdadeiros, fazem-se na maior parte das vezes através da disputa, da batalha, da arrogância, do assassinio oculto, são grandes «faustistas». Georges Rémi é um grande homem verdadeiro, um grande homem raro, um grande homem terno. Amigo delicado, fiel, atento, inutilizável como as bandas desenhadas que desenhou, amigo bem humorado, profundo, modesto, retirado, ei-lo há tanto tempo imortal, por ter dado a sua obra às crianças. As crianças nascidas no período anterior aos anos 30, são as crianças do seu sorriso e do seu encanto, vocês como eu, e os vossos sobrinhos como os meus. Quantos grandes homens esquecemos depois? Talvez todos, mas nunca Hergé.

Conhecem um escritor a quem o público seja permanentemente fiel desde há 50 anos feitos? Conhecem um escritor que tenham lido aos sete anos, e que ainda leiam aos quarenta, que tenham visto, sem o ler, antes da linguagem, e que vocês expliquem detalhadamente, com o receio de que não seja compreendido? Calmo, profundo, quotidiano, inutilizável amigo. Terei conhecido em toda a minha vida um homem de maior dimensão e mais respeitável do que ele? Amigo admirável que me ajudou a viver e a pensar, que nunca acreditou em mim quando eu tentava, com as lágrimas nos olhos, dizer-lhe quem ele era realmente. Ele ria: Ria como uma criança. Docemente. Era um homem de bem.

Fez rir e educou. Desenhava a beleza do mundo, numerosas línguas, culturas e hábitos. Hergé faz viajar, como Júlio Verne, de automóvel, pelos caminhos-de-ferro, de avião ou de foguetão. Faz ver, como a si mesmo, o Tibete, o Oriente, os

mares do Sul, os gelos polares ou a Lua, mas completando a velha regra ancestral de educação e recreio, parte do Museu de Etnografia, e não do Museu de História Natural. Tão grande como Verne, talvez ainda maior por ter criado o seu próprio género literário e os seus meios próprios de expressão, Hergé impele lentamente Tournesol e os seus amigos para as ciências humanas. Não nos enganemos com o laboratório e o arsenal das ciências duras. O cientista, o jornalista, o marinheiro e o polícia partem para a história, a arqueologia, a sociologia, a antropologia e a própria política, como «As Viagens extraordinárias» nos conduzem à botânica, à astronomia ou à geologia. Hergé escreveu, sem o saber, extraordinários tratados.

Aprendi mais de Teoria da Comunicação na aventura «As Jóias da Castafiore» do que em cem livros teóricos mortalmente enfadonhos e estereis quanto aos resultados. Aprendi mais, di-lo-ei quantas vezes forem necessárias, sobre o feticismo em «A Orelha Quebrada» do que em Freud, Marx ou Auguste Comte, ou mesmo com o presidente De Brogues. Aprendi mais sobre o quase-objecto em «O Caso Tournesol» do que em qualquer outro lado. Não só me diverti, mas Hergé faz rir, pensar e inventar: verbo único em três pessoas.

Ele dizia: «Começo a minha história e deixo-a ir. Desenvolve-se como hera...» Quem já escreveu, procurou ou inventou, nestas andanças das linguagens, sabe ver nestas afirmações uma verdadeira palavra. A obra cresce docemente, como hera. Sozinha. Sim, a obra do génio. Não sei se conheci, vivo, outro génio como ele.

Michel Serres

Filósofo, professor na Universidade de Paris - I, Sorbonne.

O Júlio Verne das Ciências Humanas



Bukowski machão de papel

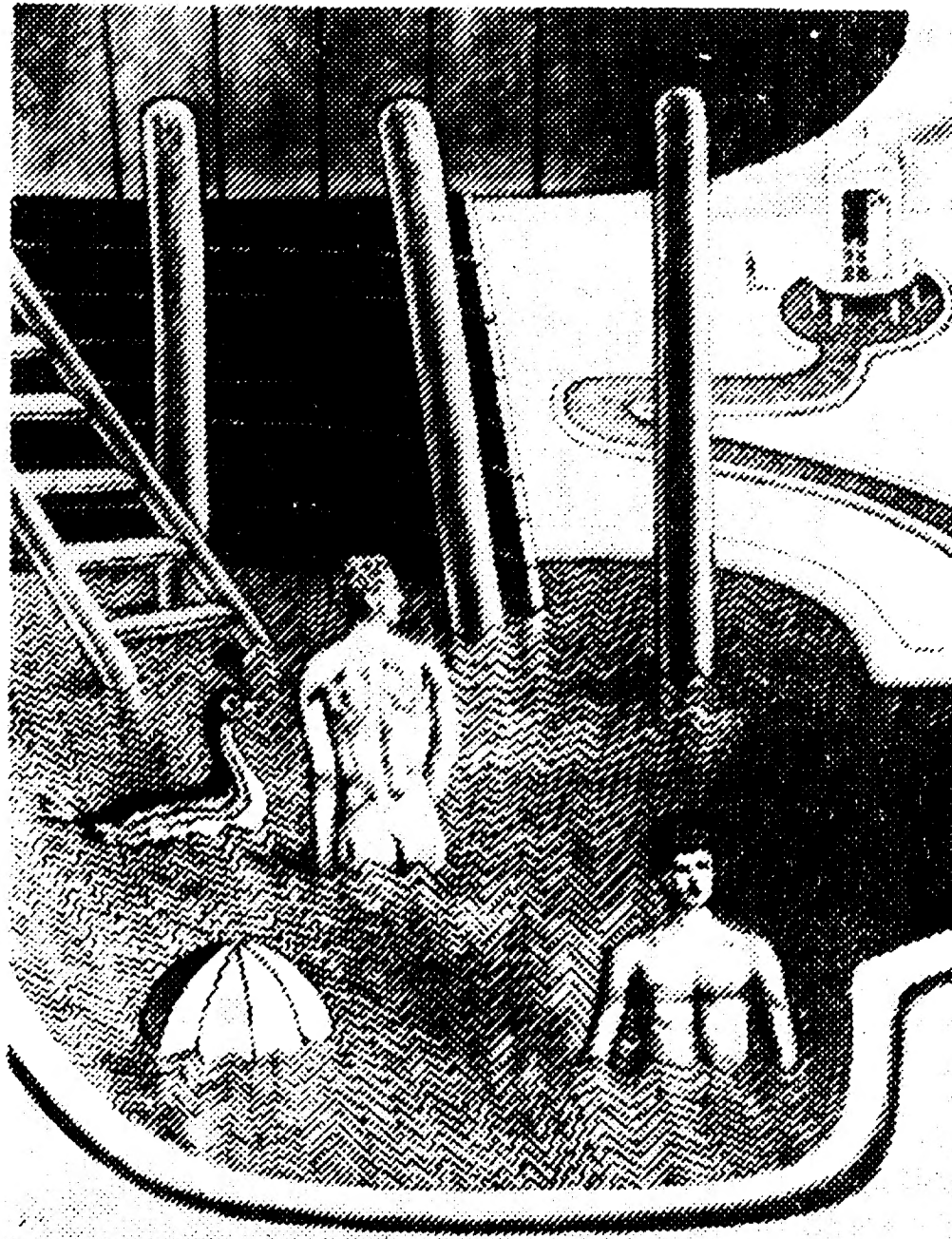
Diz que não persegue o **sonho americano**, que prefere embebedar-se. E, na realidade, é o que faz calmamente há anos. Embora não procurasse o sucesso, este veio ter com ele, agarrou-o numa curva do seu trajecto literário iniciado na roda, não muito largo, da «free press» americana. Charles Bukowski, «**filho espiritual**» de Henry Miller tornou-se, assim, escritor. Andou aos caídos, mal se aguentando com os cheques que pingavam da Phoenix, Nola Express e outras revistas **underground**. No entanto, sempre davam para beber a cervejola, pagar os alugueis em atraso e recuperar o Chevrolet empanado nas estepes do Nevada.

Conhecido por raros no nosso país terá talvez agora, despertado a curiosidade de muito mais gente, com o filme ainda em cartaz «Contos da Loucura Normal», de Marco Ferreri baseado numa novela extraída do seu livro «Erecções, Ejaculações, Exibições e Contos Gerais da Loucura Vulgar», publicado pela City Lights, a editora dos **beatniks**. Mal tratado no discurso cinematográfico, salvam-se no filme as excelentes interpretações de Ben Gazzara e Ornella Muti. De qualquer modo, consegue traduzir o clima da escrita de Bukowski, obcecada pela dessacralização do sexo. E muito mais pela vivência assumida da marginalidade (no desrespeito pelas instituições) em contraste expressivo com a «**vida normal**» da sociedade americana: competitiva, puritana e organizada — em que as angústias se resolvem no psiquiatra.

A escrita de Bukowski fala de si próprio: é ele que se expõe, tal como Miller naquela peregrinação pelos bares, pelas camas, pelas noites. Esconde-se (e defende-se) atrás da obscenidade, no cinismo aparente do pequeno escroque. Fato amarrado, bolsos cheios de cigarros negros, lata de cerveja na mão, os seus personagens atravessam em ziguezague as ruas na hora em que os «néons» começam a ser ofuscados pela claridade da manhã. Chocam-se, por vezes, com os chuis, acabam na esquadra sovados ou num grupo de vagabundos amontoados numa esquina.

As feministas americanas odeiam-no. Chamam-lhe porco, ostensivamente machista, homenzinho nojentos com o culto da virilidade. Eu penso que não Charles Bukowski nas relações com as mulheres tanto é sujeito como objecto, usa e deixa-se usar. O exibicionismo que faz do acto sexual uma vez com o gozo que sente em provocar os cidadãos sérios, respeitáveis, de gravata no sexo. Tal como afirmava Lacan o pénis não é a mesma coisa que o «fallus», este será um conceito cultural que Bukowski aliás não tem. Ele não é de maneira nenhuma um libertino ao jeito de Vailand, Lacos... do «**olhar frio**», do jogo — que com premeditação desenrolam os lances calculando os efeitos que provocam. Os libertinos colocam-se à boca de cena e esperam ser aplaudidos. Não se comovem, não investem ternura nas relações, manifestam total desprezo pela mulher que para eles nem objecto sexual chega a ser...

Bukowski está-se nas tintas para os aplausos, para a distinção entre sujeito e objecto... para quase tudo. Quando chora



é sem afectação, quando bebe é porque tem sede. Não moraliza. Prefere a realidade ao realismo, a acção ao activismo, a cerveja à bandeira. Dizem que ele se repete: é sempre a mesma história. Um bar sórdido povoado de meia dúzia de bêbados. Ao fim do balcão, uma loira platinada, roliça, com protuberâncias nos lugares certos, soluça diante de um copo vazio. «**Vai uma bebida beldade?**» pergunta o personagem de Bukowski que é assim uma espécie de Marlowe mas muito mais debochado. À frente das garrafas, o dono do bar que não deve nada à beleza arreganha os dentes... é mais ou menos isto.

Aos vinte cinco anos Bukowski publica poesia na «**Story**» uma revista de ficção. E mais tarde no Portfolio que editou Miller e Sartre. «**Depois parei de escrever para curtir os bares... o álcool, muito álcool. Depois o hospital, toda esta merda... depois precei**

uma máquina de escrever e desatei a encher páginas. Dez anos improdutos, sem publicar nada. Miller só publicou aos quarenta e Cervantes tinha oitenta quando saiu com D. Quixote... É engraçado escrever aos oitenta anos... isto quer dizer que se lembra de todos os seus gestos, de todos os seus instintos». Diz Charles Bukowski.

Vive em Los Angeles num apartamento que abre sobre um pátio com palmeiras que lembra vagamente os «**décors**» descritos por Chandler. É rico, famoso, célebre, o que o deixa perfeitamente indiferente. De vez em quando ainda faz das suas: ainda recentemente, convidado para participar no programa «**Apostrophe**» da televisão francesa, rebenta com a emissão que se queria séria, refinadíssima no aspecto intelectual por onde têm passado os mais conceituados nomes das Letras. Mal vestido, bebidi-

simo, garrafa avultando no bolso, palavrão na boca escandaliza, vomita, estraga a imagem. Foi demais para a permissividade da televisão francesa. Chateou, incomodou... e provavelmente divertiu-se. Ele não suporta os rituais da cena literária. Com alguma megalomania não hesita em citar Ibsen: «**Os grandes homens são os mais solitários**». Quanto às suas relações com a escrita define-as desta maneira: «**Fecho-me num quarto, garrafa de cerveja ao lado, cigarro entre os dedos e deixo-me ir sobre a página... é o momento em que se inventa alguma coisa de novo. Mas eu não sou um profissional, escrevo o que me vem à cabeça... nem sequer sou muito bom. Mas isto vem de dentro — é o talento — e aqueles que não o têm não conseguem nada. Um gato nunca saberá tecer uma teia de aranha...**»

Lourdes Féria

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21.45 H

a CASTRO
ANTONIO FERREIRA 3.º MÊS
ENCENAÇÃO JOAO MOTA
terça-feira a sábado AS 21.45
sábado e domingo AS 17 H
★ XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE ★
PRACA DE ESPANHA
9110 TEL 72 08 18

Rua Tenente Raul
Casais, 1-A
1200 Lisboa
Tel. 66 15 15

Teatro da Cornucópia

ORATÓRIA

uma colagem de textos de
GIL VICENTE/COSTHE/BRUCHT

SÓ MAIS UMA
SEMANA

ÚLTIMAS
REPRESENTAÇÕES

Todos os dias às 21.30 h
Dom. às 17 h.



LISBOA 17/3/83
AULA MAGNA 21H30

PORTO 18/3/83
CINEMA RIVOLI 21H30

Bilhetes a venda:

LISBOA: COOP. ERA NOVA — TEL 656897
SASSETTI E AGÊNCIAS
PORTO: MUNDO DA CANÇÃO TEL 25402
CINEMA RIVOLI

AO VIVO

FAUSTO
POR ESTE RIO ACIMA

Ultima página Sete Ponto Sete

A mulher velada

Velada, a mulher parece mais formosa e é mais tentadora, tendo o delicto encanto enigmático, que falta a nudez da curva que se revela em toda a nitidez da forma, pois é mais singularmente bela a linha que se adivinha do que aquela que se vê.»

(Ilustração Portuguesa, 1909)

NOIVA ou freira, viúva ou menina de primeira comunhão, árabe ou ocidental, dama grega ou simples «elegante» do início de novecentos, tem a mulher, ao longo dos tempos, encoberto o rosto ou os cabelos com esse pedaço de renda, gaze, tule ou musselina que se chama véu.

Objecto esporádico na história do vestuário feminino, não deixa de sempre reaparecer na moda convencional, não como elemento marcante de uma época, mas como acessório que certas situações faziam indispensável. Nessas situações a mulher cobria-se. Ocultava. Dissimulava.

Era no próprio baptismo que começava a simbólica da pureza. Ao véu do baptismo juntar-se-ia depois o do casamento. Pura e virgem, a mulher substituiria em caso de viuvez o véu branco por um negro, em sinal de castidade. Nos três grandes ritos da vida, a presença do véu encobria e confirmava essa qualidade feminina por excelência — a «pureza».

Possuidor de um forte poder de comunicação que permite ao observador distinguir, de imediato, as funções e objectivos do seu uso, tem o véu essencialmente duas simbólicas: a sagrada e a profana. Que desde a origem são visíveis.

Do Oriente, Grécia e Roma chegam as primeiras notícias do uso do véu. Não nos detendo aqui no uso do véu entre as árabes, pela extensão e especificidade que tal reflexo implicaria, restringir-nos-emos à sua evolução na Europa. Já as gregas cobriam o rosto em sinal de luto ou simplesmente para disfarçar a verdadeira identidade. Simultaneamente, o encobrir da cabeça passou de adorno a ter significado religioso, servindo de atributo a determinadas divindades. Das cerimónias gregas foi transmitido ao cristianismo o costume da mulher encobrir a cabeça durante os ofícios religiosos.

É ainda nas cerimónias gregas, etruscas e romanas que teve origem o uso das noivas levarem véu no dia do casamento, embora nas primitivas cerimónias o noivo também o usasse.

O catolicismo conferirá ao véu um outro significado: noiva de Cristo, a mulher que opta por uma ordem religiosa usará sempre os cabelos cobertos por um véu que, opaco, perde as características de enfeite e transparência.

A par da conotação religiosa, todo um percurso profano conferiu ao véu uma simbólica própria, em que o conceito de beleza feminina se prende directamente com noções de mistério e enigma, a par da necessidade «pureza» e fascinação. Aliás, algumas características unem a diversidade dos véus ao longo da história da moda: transparência de tecidos e predominância do rosto como parte a encobrir, parecem ser as constantes que diferem da sua utilização religiosa.

Elemento importante do vestuário nobre medieval, chegou o



véu a atingir elevados preços quando bordado a ouro e prata, convertendo-se, assim, em mais um signo de distinção da classe privilegiada. Adornado com pérolas e esmeraldas, tornou-se elemento decorativo por excelência de uma estética que o fazia desaparecer nos finais da Idade Média.

Reapareceria em Itália no século XVI, tornando-se minúsculo e negro. Daí ao século XIX oscilou de tamanho e cor, para ressurgir sob a forma do «véu de encaixe» que as damas do início de oitocentos prendiam na extremidade das toucas. O Romantismo conferiu-lhe então as rendas e os tules que nos finais do século se revestiam de cores variadas, do escarlata ao verde, conservando sempre o negro.

É curiosa a relação entre o aparecimento do automóvel e o ressurgimento da moda do véu, na primeira década do nosso século. (...) os véus dos nossos dias, enrolados em volta do rosto da intrepida sportswoman que faz setenta quilómetros à hora, entre nuvens de pó e efusivos de gasolina, ou bate intempestivamente o record da altura em aeroplano.» (Ilustração Portuguesa, 4/Out./1909, n.º 189, p. 419) Nestes véus de dois a três metros de comprimento se enrolava a mulher aquando do progresso dos transportes.

Em 1929 a Enciclopédia Universal Ilustrada (ed. Espasa Calpe) aconselhava ainda como muito prático o uso do véu em excursões de mar ou montanha e viagens de automóvel.

Depois dos anos 30 o véu

curto e negro reapareceria esporadicamente, embora sem a intensidade que a «Belle Époque» lhe conferiu. Tendo sido o véu da viúva o que mais perdurou (em 1930 a moral vigente considerava obrigatório o seu uso durante 2 anos), restam-nos hoje, entre os véus de cabeça, os das noivas, enquanto sinais institucionalizados de um código de vestuário.

Neste código é o véu elemento centrador de oposições mais ou menos visualizantes. Assim, branco e negro, pureza e sensualidade são parte do jogo em que a mulher «velada» tão depressa é a virgem pura, como se transforma na amante que disfarçadamente vai ao encontro proibido.

Eça retrata admiravelmente na Gouvarinho de Os Maias o mistério que a mulher velada suscitava: «(...) uma mulher, toda de negro, com um véu justo e espesso como uma máscara.

— Creio que vim tarde — disse ela, hesitando, junto da porta.

— O sr. Carlos da Maia ia sair.

Carlos reconheceu a Gouvarinho.

— Oh! senhora condessa! (...)

— Venho trazer-lhe um doente — disse ela sem erguer o véu, como falando do fundo daquela toilette negra que a dissimulava. (...) aquela toilette negra, aqueles véus que a mascaravam...» (Eça de Queiroz, Os Maias, Ed. Círculo de Leitores, 1978, p.137).

Envolta no negro do véu, a

mulher torna-se atriz dessa comédia que a faz, umas vezes mulher-fatal, outras vezes virgem casta. Nesta teatralidade é a imagem da mulher-boneca que prevalece. Por outras palavras, porque é que a mulher se disfarça?

Que necessidade de máscara experimenta para se envolver em véus? Talvez a «simples» necessidade de fuga a uma moral que permite apenas ao homem a liberdade de, sem crítica, ir aonde e quando quiser.

Neste jogo de oposições, o acto de encobrir uma parte do corpo tão directamente perceptível como a cabeça tem como consequência, não só a chamada de atenção para o que se dissimula, como o abandono dos atributos de castidade, em favor de uma atitude exibicionista, feita de visibilidade e evidência. E assim, a ocultação do conhecimento expresso de uma parte do corpo redonda precisamente no seu oposto, ou seja, na necessidade de interrogar a identidade daquilo que se esconde.

Perante a Gouvarinho, Carlos da Maia experimenta um reconhecimento parcial, atentando sempre no rosto que o véu ocultava: «(...) entre aqueles tons negros que a cobriam, a sua pele parecia mais clara, mais doce à vista, e atraído como um cetim.» (Eça de Queiroz, op. cit., p. 139).

Sempre presente a ideia de sexo, constante da moda através dos séculos, atraindo-a umas vezes, repelindo-a outras. No véu, o mesmo dilema em que a subtilidade da dissimulação joga com os atributos escondidos. Claro e escuro se combinam, numa associação que inevitavelmente lembra as ideias de permissão/proibição de uma moral feita de cânones estabelecidos.

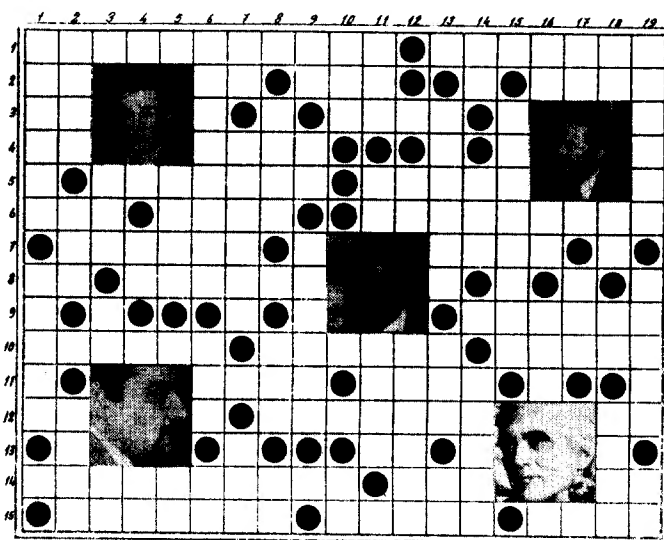
Estando — como é visível — fora de questão a funcionalidade do véu, a sua concomitante redução a elemento ornamental e signo de prestígio não deixa de significar, precisamente pela aparente trivialidade, a relação que entre estrutura sócio-mental e moda sempre se estabelece. Mais que isso, afirma-se como um daqueles personagens secundários que ao longo da comédia entram e saem repetidamente de cena, sem que, contudo, se dispensem no decorrer da acção.

Objecto tradicional de desejo, de toda uma gama variada de objectos decorativos se tem socorrido a imagem que da mulher têm as mentalidades construído ao longo do tempo. Códigos morais determinam que na missa a mulher tape a cabeça. Assim como determinaram que a viúva escondesse a cara dos olhares que outros homens, que não o marido, lhe pudessem lançar. Mas, atenção, se do homem — eterno perigo para a virgindade — se deve a mulher esconder, é esse mesmo homem que a elege objecto de atracção e fascínio quando cuidadosamente velada. Como se a cabeça feminina para isso apenas servisse.

Clara Frayão Camacho

Palavras cruzadas

Interpretativas



HORIZONTAIS:

1 — Eles voltaram a parar durante quatro dias. Eles levaram 5 mil contos em ouro e jóias numa ourivesaria do Porto; 2 — Género de palmeiras do Brasil. Alternativa. A de mel, é o primeiro mês de casamento. Sugo o leite materno; 3 — Niquel (s.q.). Portugal pesca em Cabo Verde este delicioso peixe; 4 — Alto aí! Cidade da Nímbia; 5 — Na opinião deste social-democrata as vitórias conservadoras da França e da RFA serão um sério aviso ao PS de Mário Soares. Segundo este jornal francês. Banca empresta dinheiro a Portugal se for dura a austeridade; 6 — Bêbado. (Gir. Bras). Ela também subiu para 17\$50. Este vice-presidente da Comissão Política do PSD afirmou temer que Portugal tenha de se defrontar com uma crise de desemprego ainda mais grave; 7 — Insectos semelhantes às abelhas. Rancor. 8 — Centiare. Na voz de Armando Gama vai uma para Munique. 9 — Este antigo chefe da «Getapo» Klaus Barbie, foi operado de urgência a uma estrangulada; 10 — O Comércio com este país irmão tem saldo negativo. Ele quer governo com PS mas ataca Mário Soares. Tratamento dado à freira portuguesa que escreveu as célebres «Cartas Portuguesas» ao capitão francês Chamilly; 11 — Garantia. Vale espanhol nos Pireneus; 12 — Autores. Ela anunciou a prisão de guerrilheiros do IRA. Bário (s.q.). 13 — Em partes iguais; 14 — No 16.º Congresso do PCI este seu secretário-geral considerou positivas as propostas da U.R.S.S. sobre o desarmamento. Nome de homem; 15 — Na Grã-Bretanha, Trabalhistas estão contra esta política. História. Este chanceler saiu vitorioso nas eleições antecipadas da RFA;

VERTICAIS:

1 — Vítima de leucemia, faleceu o criador deste conhecido herói da banda desenhada. Pé dela, é instrumento muito usado pelos larapios; 2 — Desmoronava-se. Ovário dos peixes. Assim seja; 3 — Sindicalistas estão contra a adesão dos Açores a esta Comunidade. Nota musical Ruténio (s.q.); 4 — Duas consoantes desiguais. Cloro (s.q. e inv); 5 — Na Guatemala o discurso deste Grande Homem da Igreja foi «frio e de testa franzida». Vi. (inv); 6 — Este país tão nosso conhecido economizará 210 milhões de dólares se a OPEP baixar o preço do petróleo. Pêlos de certos animais. Neon (s.q.); 7 — Interjeição para fazer parar (Prov). Denunciar. Nome de letra; 8 — A de S. Miguel foi atingida por chuvas torrenciais. Certos agricultores gostam dela. Pátria de Abraão; 9 — Tálio (s.q.); Preposição e artigo. A seda também provém dele; 10 — O Governo desta grande potência recusou o visto de entrada no país à viúva do antigo presidente chileno, Salvador Allende. Rádio (s.q.); 11 — Acrescentando uma vogal, é satanás. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Cidade da Holanda; 12 — O sono das crianças. Arrostara; 13 — Todos o querem fazer no nosso país. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Interjeição de dor; 14 — Todos os naipes das cartas de jogar têm. Os da mula ruça, são homens que têm o grau científico, mas que pouco sabem, ou que presumem de sábios, sem o ser. (abrev). Há rumores de que se encontram na Argentina estes responsáveis pela morte de milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial; 15 — As da RFA foram ganhas pelos «Conservadores»; 16 — Artigo indefinido. Medida japonesa de dois decilitros. Ribeira de Portugal, (inv); 17 — Sódio (s.q.). O ministro Ângelo Correia visitou este Comando; 18 — Ribeira da Ásia Russa. Európio, (s.q.). Satélite de Júpiter. Cidade da Inglaterra; 19 — Os Antigos acreditavam na significação profética deles. Tirar a de condução vai custar aos portugueses cerca de 12.300. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.

SOLUÇÃO

1 — Tintim. 2 — Rula. 3 — CEE. 4 — S. C. 5 — Papa. 6 — Portugal. 7 — OUI. 8 — CAP. 9 — T. 10 — O. 11 — A. 12 — O. 13 — A. 14 — B. 15 — E. 16 — O. 17 — S. 18 — O. 19 — S. 20 — S. 21 — S. 22 — S. 23 — S. 24 — S. 25 — S. 26 — S. 27 — S. 28 — S. 29 — S. 30 — S. 31 — S. 32 — S. 33 — S. 34 — S. 35 — S. 36 — S. 37 — S. 38 — S. 39 — S. 40 — S. 41 — S. 42 — S. 43 — S. 44 — S. 45 — S. 46 — S. 47 — S. 48 — S. 49 — S. 50 — S. 51 — S. 52 — S. 53 — S. 54 — S. 55 — S. 56 — S. 57 — S. 58 — S. 59 — S. 60 — S. 61 — S. 62 — S. 63 — S. 64 — S. 65 — S. 66 — S. 67 — S. 68 — S. 69 — S. 70 — S. 71 — S. 72 — S. 73 — S. 74 — S. 75 — S. 76 — S. 77 — S. 78 — S. 79 — S. 80 — S. 81 — S. 82 — S. 83 — S. 84 — S. 85 — S. 86 — S. 87 — S. 88 — S. 89 — S. 90 — S. 91 — S. 92 — S. 93 — S. 94 — S. 95 — S. 96 — S. 97 — S. 98 — S. 99 — S. 100 — S. 101 — S. 102 — S. 103 — S. 104 — S. 105 — S. 106 — S. 107 — S. 108 — S. 109 — S. 110 — S. 111 — S. 112 — S. 113 — S. 114 — S. 115 — S. 116 — S. 117 — S. 118 — S. 119 — S. 120 — S. 121 — S. 122 — S. 123 — S. 124 — S. 125 — S. 126 — S. 127 — S. 128 — S. 129 — S. 130 — S. 131 — S. 132 — S. 133 — S. 134 — S. 135 — S. 136 — S. 137 — S. 138 — S. 139 — S. 140 — S. 141 — S. 142 — S. 143 — S. 144 — S. 145 — S. 146 — S. 147 — S. 148 — S. 149 — S. 150 — S. 151 — S. 152 — S. 153 — S. 154 — S. 155 — S. 156 — S. 157 — S. 158 — S. 159 — S. 160 — S. 161 — S. 162 — S. 163 — S. 164 — S. 165 — S. 166 — S. 167 — S. 168 — S. 169 — S. 170 — S. 171 — S. 172 — S. 173 — S. 174 — S. 175 — S. 176 — S. 177 — S. 178 — S. 179 — S. 180 — S. 181 — S. 182 — S. 183 — S. 184 — S. 185 — S. 186 — S. 187 — S. 188 — S. 189 — S. 190 — S. 191 — S. 192 — S. 193 — S. 194 — S. 195 — S. 196 — S. 197 — S. 198 — S. 199 — S. 200 — S. 201 — S. 202 — S. 203 — S. 204 — S. 205 — S. 206 — S. 207 — S. 208 — S. 209 — S. 210 — S. 211 — S. 212 — S. 213 — S. 214 — S. 215 — S. 216 — S. 217 — S. 218 — S. 219 — S. 220 — S. 221 — S. 222 — S. 223 — S. 224 — S. 225 — S. 226 — S. 227 — S. 228 — S. 229 — S. 230 — S. 231 — S. 232 — S. 233 — S. 234 — S. 235 — S. 236 — S. 237 — S. 238 — S. 239 — S. 240 — S. 241 — S. 242 — S. 243 — S. 244 — S. 245 — S. 246 — S. 247 — S. 248 — S. 249 — S. 250 — S. 251 — S. 252 — S. 253 — S. 254 — S. 255 — S. 256 — S. 257 — S. 258 — S. 259 — S. 260 — S. 261 — S. 262 — S. 263 — S. 264 — S. 265 — S. 266 — S. 267 — S. 268 — S. 269 — S. 270 — S. 271 — S. 272 — S. 273 — S. 274 — S. 275 — S. 276 — S. 277 — S. 278 — S. 279 — S. 280 — S. 281 — S. 282 — S. 283 — S. 284 — S. 285 — S. 286 — S. 287 — S. 288 — S. 289 — S. 290 — S. 291 — S. 292 — S. 293 — S. 294 — S. 295 — S. 296 — S. 297 — S. 298 — S. 299 — S. 300 — S. 301 — S. 302 — S. 303 — S. 304 — S. 305 — S. 306 — S. 307 — S. 308 — S. 309 — S. 310 — S. 311 — S. 312 — S. 313 — S. 314 — S. 315 — S. 316 — S. 317 — S. 318 — S. 319 — S. 320 — S. 321 — S. 322 — S. 323 — S. 324 — S. 325 — S. 326 — S. 327 — S. 328 — S. 329 — S. 330 — S. 331 — S. 332 — S. 333 — S. 334 — S. 335 — S. 336 — S. 337 — S. 338 — S. 339 — S. 340 — S. 341 — S. 342 — S. 343 — S. 344 — S. 345 — S. 346 — S. 347 — S. 348 — S. 349 — S. 350 — S. 351 — S. 352 — S. 353 — S. 354 — S. 355 — S. 356 — S. 357 — S. 358 — S. 359 — S. 360 — S. 361 — S. 362 — S. 363 — S. 364 — S. 365 — S. 366 — S. 367 — S. 368 — S. 369 — S. 370 — S. 371 — S. 372 — S. 373 — S. 374 — S. 375 — S. 376 — S. 377 — S. 378 — S. 379 — S. 380 — S. 381 — S. 382 — S. 383 — S. 384 — S. 385 — S. 386 — S. 387 — S. 388 — S. 389 — S. 390 — S. 391 — S. 392 — S. 393 — S. 394 — S. 395 — S. 396 — S. 397 — S. 398 — S. 399 — S. 400 — S. 401 — S. 402 — S. 403 — S. 404 — S. 405 — S. 406 — S. 407 — S. 408 — S. 409 — S. 410 — S. 411 — S. 412 — S. 413 — S. 414 — S. 415 — S. 416 — S. 417 — S. 418 — S. 419 — S. 420 — S. 421 — S. 422 — S. 423 — S. 424 — S. 425 — S. 426 — S. 427 — S. 428 — S. 429 — S. 430 — S. 431 — S. 432 — S. 433 — S. 434 — S. 435 — S. 436 — S. 437 — S. 438 — S. 439 — S. 440 — S. 441 — S. 442 — S. 443 — S. 444 — S. 445 — S. 446 — S. 447 — S. 448 — S. 449 — S. 450 — S. 451 — S. 452 — S. 453 — S. 454 — S. 455 — S. 456 — S. 457 — S. 458 — S. 459 — S. 460 — S. 461 — S. 462 — S. 463 — S. 464 — S. 465 — S. 466 — S. 467 — S. 468 — S. 469 — S. 470 — S. 471 — S. 472 — S. 473 — S. 474 — S. 475 — S. 476 — S. 477 — S. 478 — S. 479 — S. 480 — S. 481 — S. 482 — S. 483 — S. 484 — S. 485 — S. 486 — S. 487 — S. 488 — S. 489 — S. 490 — S. 491 — S. 492 — S. 493 — S. 494 — S. 495 — S. 496 — S. 497 — S. 498 — S. 499 — S. 500 — S. 501 — S. 502 — S. 503 — S. 504 — S. 505 — S. 506 — S. 507 — S. 508 — S. 509 — S. 510 — S. 511 — S. 512 — S. 513 — S. 514 — S. 515 — S. 516 — S. 517 — S. 518 — S. 519 — S. 520 — S. 521 — S. 522 — S. 523 — S. 524 — S. 525 — S. 526 — S. 527 — S. 528 — S. 529 — S. 530 — S. 531 — S. 532 — S. 533 — S. 534 — S. 535 — S. 536 — S. 537 — S. 538 — S. 539 — S. 540 — S. 541 — S. 542 — S. 543 — S. 544 — S. 545 — S. 546 — S. 547 — S. 548 — S. 549 — S. 550 — S. 551 — S. 552 — S. 553 — S. 554 — S. 555 — S. 556 — S. 557 — S. 558 — S. 559 — S. 560 — S. 561 — S. 562 — S. 563 — S. 564 — S. 565 — S. 566 — S. 567 — S. 568 — S. 569 — S. 570 — S. 571 — S. 572 — S. 573 — S. 574 — S. 575 — S. 576 — S. 577 — S. 578 — S. 579 — S. 580 — S. 581 — S. 582 — S. 583 — S. 584 — S. 585 — S. 586 — S. 587 — S. 588 — S. 589 — S. 590 — S. 591 — S. 592 — S. 593 — S. 594 — S. 595 — S. 596 — S. 597 — S. 598 — S. 599 — S. 600 — S. 601 — S. 602 — S. 603 — S. 604 — S. 605 — S. 606 — S. 607 — S. 608 — S. 609 — S. 610 — S. 611 — S. 612 — S. 613 — S. 614 — S. 615 — S. 616 — S. 617 — S. 618 — S. 619 — S. 620 — S. 621 — S. 622 — S. 623 — S. 624 — S. 625 — S. 626 — S. 627 — S. 628 — S. 629 — S. 630 — S. 631 — S. 632 — S. 633 — S. 634 — S. 635 — S. 636 — S. 637 — S. 638 — S. 639 — S. 640 — S. 641 — S. 642 — S. 643 — S. 644 — S. 645 — S. 646 — S. 647 — S. 648 — S. 649 — S. 650 — S. 651 — S. 652 — S. 653 — S. 654 — S. 655 — S. 656 — S. 657 — S. 658 — S. 659 — S. 660 — S. 661 — S. 662 — S. 663 — S. 664 — S. 665 — S. 666 — S. 667 — S. 668 — S. 669 — S. 670 — S. 671 — S. 672 — S. 673 — S. 674 — S. 675 — S. 676 — S. 677 — S. 678 — S. 679 — S. 680 — S. 681 — S. 682 — S. 683 — S. 684 — S. 685 — S. 686 — S. 687 — S. 688 — S. 689 — S. 690 — S. 691 — S. 692 — S. 693 — S. 694 — S. 695 — S. 696 — S. 697 — S. 698 — S. 699 — S. 700 — S. 701 — S. 702 — S. 703 — S. 704 — S. 705 — S. 706 — S. 707 — S. 708 — S. 709 — S. 710 — S. 711 — S. 712 — S. 713 — S. 714 — S. 715 — S. 716 — S. 717 — S. 718 — S. 719 — S. 720 — S. 721 — S. 722 — S. 723 — S. 724 — S. 725 — S. 726 — S. 727 — S. 728 — S. 729 — S. 730 — S. 731 — S. 732 — S. 733 — S. 734 — S. 735 — S. 736 — S. 737 — S. 738 — S. 739 — S. 740 — S. 741 — S. 742 — S. 743 — S. 744 — S. 745 — S. 746 — S. 747 — S. 748 — S. 749 — S. 750 — S. 751 — S. 752 — S. 753 — S. 754 — S. 755 — S. 756 — S. 757 — S. 758 — S. 759 — S. 760 — S. 761 — S. 762 — S. 763 — S. 764 — S. 765 — S. 766 — S. 767 — S. 768 — S. 769 — S. 770 — S. 771 — S. 772 — S. 773 — S. 774 — S. 775 — S. 776 — S. 777 — S. 778 — S. 779 — S. 780 — S. 781 — S. 782 — S. 783 — S. 784 — S. 785 — S. 786 — S. 787 — S. 788 — S. 789 — S. 790 — S. 791 — S. 792 — S. 793 — S. 794 — S. 795 — S. 796 — S. 797 — S. 798 — S. 799 — S. 800 — S. 801 — S. 802 — S. 803 — S. 804 — S. 805 — S. 806 — S. 807 — S. 808 — S. 809 — S. 810 — S. 811 — S. 812 — S. 813 — S. 814 — S. 815 — S. 816 — S. 817 — S. 818 — S. 819 — S. 820 — S. 821 — S. 822 — S. 823 — S. 824 — S. 825 — S. 826 — S. 827 — S. 828 — S. 829 — S. 830 — S. 831 — S. 832 — S. 833 — S. 834 — S. 835 — S. 836 — S. 837 — S. 838 — S. 839 — S. 840 — S. 841 — S. 842 — S. 843 — S. 844 — S. 845 — S. 846 — S. 847 — S. 848 — S. 849 — S. 850 — S. 851 — S. 852 — S. 853 — S. 854 — S. 855 — S. 856 — S. 857 — S. 858 — S. 859 — S. 860 — S. 861 — S. 862 — S. 863 — S. 864 — S. 865 — S. 866 — S. 867 — S. 868 — S. 869 — S. 870 — S. 871 — S. 872 — S. 873 — S. 874 — S. 875 — S. 876 — S. 877 — S. 878 — S. 879 — S. 880 — S. 881 — S. 882 — S. 883 — S. 884 — S. 885 — S. 886 — S. 887 — S. 888 — S. 889 — S. 890 — S. 891 — S. 892 — S. 893 — S. 894 — S. 895 — S. 896 — S. 897 — S. 898 — S. 899 — S. 900 — S. 901 — S. 902 — S. 903 — S. 904 — S. 905 — S. 906 — S. 907 — S. 908 — S. 909 — S. 910 — S. 911 — S. 912 — S. 913 — S. 914 — S. 915 — S. 916 — S. 917 — S. 918 — S. 919 — S. 920 — S. 921 — S. 922 — S. 923 — S. 924 — S. 925 — S. 926 — S. 927 — S. 928 — S. 929 — S. 930 — S. 931 — S. 932 — S. 933 — S. 934 — S. 935 — S. 936 — S. 937 — S. 938 — S. 939 — S. 940 — S. 941 — S. 942 — S. 943 — S. 944 — S. 945 — S. 946 — S. 947 — S. 948 — S. 949 — S. 950 — S. 951 — S. 952 — S. 953 — S. 954 — S. 955 — S. 956 — S. 957 — S. 958 — S. 959 — S. 960 — S. 961 — S. 962 — S. 963 — S. 964 — S. 965 — S. 966 — S. 967 — S. 968 — S. 969 — S. 970 — S. 971 — S. 972 — S. 973 — S. 974 — S. 975 — S. 976 — S. 977 — S. 978 — S. 979 — S. 980 — S. 981 — S. 982 — S. 983 — S. 984 — S. 985 — S. 986 — S. 987 — S. 988 — S. 989 — S. 990 — S. 991 — S. 992 — S. 993 — S. 994 — S. 995 — S. 996 — S. 997 — S. 998 — S. 999 — S. 1000 — S. 1001 — S. 1002 — S. 1003 — S. 1004 — S. 1005 — S. 1006 — S. 1007 — S. 1008 — S. 1009 — S. 1010 — S. 1011 — S. 1012 — S. 1013 — S. 1014 — S. 1015 — S. 1016 — S. 1017 — S. 1018 — S. 1019 — S. 1020 — S. 1021 — S. 1022 — S. 1023 — S. 1024 — S. 1025 — S. 1026 — S. 1027 — S. 1028 — S. 1029 — S. 1030 — S. 1031 — S. 1032 — S. 1033 — S. 1034 — S. 1035 — S. 1036 — S. 1037 — S. 1038 — S. 1039 — S. 1040 — S. 1041 — S. 1042 — S. 1043 — S. 1044 — S. 1045 — S. 1046 — S. 1047 — S. 1048 — S. 1049 — S. 1050 — S. 1051 — S. 1052 — S. 1053 — S. 1054 — S. 1055 — S. 1056 — S. 1057 — S. 1058 — S. 1059 — S. 1060 — S. 1061 — S. 1062 — S. 1063 — S. 1064 — S. 1065 — S. 10